

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF

ANDERSON JOSÉ LIBANIO

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ANOS INICIAIS**

FLORIANÓPOLIS, SC

2020

ANDERSON JOSÉ LIBANIO

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5875 - Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Machado Pinto.

FLORIANÓPOLIS, SC

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia),

Título:

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ANOS INICIAIS**

Elaborada por

ANDERSON JOSÉ LIBANIO

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Fabio Machado Pinto
Data: 22/12/2020 23:18:59-0300
CPF: 664.088.570-00

Orientador – Prof. Dr. Fábio Machado Pinto - UFSC

Membro Titular – Prof. Mestrando Fábio Garcia

Membro Titular – Prof^ª. Dr^ª. Letícia Vidor de Sousa Reis

Florianópolis, SC., 16 de dezembro de 2020.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à Capoeira, ao entendê-la como movimento social que abarca expressão corporal, cultural e de luta social, pois é uma parte do que sou e a cada dia me fortalece, guia meus passos, alicerça a minha vida e da minha família. A tod@s capoeiras ou não; que acreditam nela como força motriz de luta pela liberdade, considerando-a uma ferramenta qualificada capaz de ampliar as visões de mundo, agregar na formação dos seres humanos, oferecer sentidos e potencializar a transformação social.

A todas as instituições de ensino particulares ou públicas que lutam para oferecer uma educação emancipatória por acreditarem no poder da escola e dos educadores como agentes que podem transformar o mundo em um universo mais plural, com igualdade de oportunidades, de direitos; longe da alienação, intolerância, qualquer tipo de discriminação, racismo ou preconceito.

Dedico àqueles que mesmo sendo pressionados pelo sistema mantém viva sua esperança na humanidade e acreditam que seu papel na escola em favor dos discentes é capaz de transformar o mundo inteiro.

A tod@s capoeiras ou não e integrantes do movimento que nesses tempos difíceis lutam para que a história não tenha uma única versão para que seus heróis e personagens não sejam apagados da lembrança nacional.

AGRADECIMENTO

Agradeço a força divina que as religiões e credos chamam por diversas formas!

Neste momento, relembro àqueles que me apoiaram no decorrer do percurso para que eu chegasse até aqui. O ser humano se constitui em relação com o outro. Nesse sentido todos aqueles que passaram por minha vida são parte do que sou e também deste trabalho, desta forma fica impossível mencioná-los, mas mesmo não citados sintam-se agradecidos pela minha pessoa.

A minha família: esposa Karime pelo inquestionável amor e carinho. Por sua garra e companheirismo nos bons e nos difíceis momentos da minha vida. Devo a ela todo o meu sucesso. Aos filhos Kauan, Byanka e Kaue, pela riqueza de suas atitudes: paciência, compreensão e cuidado que me traz alegria e fortalece a minha caminhada.

Meus pais cujas preocupações sobre a minha saúde, segurança e felicidade não se esgotam desde o berço. Dona Amélia, mulher rendeira, sua jovialidade e alegria me inspiram. Seu José, homem pescador, exemplo de batalhador que me fortalece. Vocês são meus eternos ídolos, suas sabedorias enriquecem a minha existência e suas ações balizam o curso da minha vida. Meu irmão Fabrício pelos laços de carinho e amizade.

Aos sogros Seu João, Dona Maria, minhas cunhadas Elissa, Andressa e seus respectivos cônjuges Jaisson e Marcus, pessoas que estimo. Com toda certeza, parte do que sou hoje, deve-se a presteza incondicional de todos.

Agradeço a meus ancestrais (meus avós e todos que vieram antes) sem a luta deles eu não poderia estar aqui, aos demais parentes que me dão suporte quando solicitados e alunos da Escola de Capoeira Maré Brasil que considero parte integrante da minha família.

À escola Beatriz de Souza Brito seus funcionários e alunos, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da UFSC, aos bolsistas, colegas que me auxiliaram no estágio ou nas disciplinas ao longo do curso. Em especial o professor Doutor Fábio Machado Pinto, coordenador de projetos e responsável pelos estágios que realizei, sendo o orientador deste trabalho. As oportunidades e apoio alicerçaram uma experiência ímpar para a minha formação e atuação docente comprometida com a humanidade.

Aos educadores que me orientaram nos diferentes níveis de ensino em minha formação escolar básica no Colégio Gentil Mathias da Silva e superior na Universidade Do Sul De Santa Catarina – UNISUL onde conquistei a primeira graduação (Educação Física – Bacharelado). Aos docentes da Universidade Federal De Santa Catarina – UFSC destaco o

professor Doutor Tiago Turnes de Teoria e Metodologia da Capoeira que me oportunizou vivências enriquecedoras como monitor da disciplina, à professora Doutora Fabiane Castilho Teixeira de Seminário de Conclusão de Curso I e professor Doutor Carlos Luiz Cardoso de Seminário de Conclusão de Curso II, que muito me auxiliaram neste projeto. Aos demais trabalhadores, meu muito obrigado.

À Capoeira, aos Mestres Demétrius, Tainã e Kblera, minhas referências. As adversidades da minha vida encontraram palavras sábias e um porto seguro nas suas orientações. Para as suas inestimáveis prestezas, não existem palavras suficientes que possam expressar minha eterna gratidão e apreço. Na pessoa deles estendo minha gratidão para todos os Mestres de capoeira que auxiliam minha formação me fazendo acreditar no outro, na capoeira, na vida. Uma conversa com vocês é fonte inesgotável de sabedoria.

Ainda gostaria de mencionar minha gratidão à tod@s colegas das instituições que trabalhei e aquela que trabalho hoje (Colégio Universo), na jornada conheci pessoas maravilhosas que me deram oportunidades e ensinaram o valor da luta diária da classe trabalhadora.

Obrigado a tod@s dos coletivos Almanaque CapoeiraGens, Lutas e capoeira, Fórum Grande Fpolis, Triplo C-Estadual SC, Escambo entre Camaradas, Capoeira luta-arte, Papoeira Camaradas, Papoeira SC, Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis, Grupo de Estudos da Escola de Capoeira Maré Brasil, Projeto Portinari Floripa, Grupo Estudos Biográficos Sartreano (GEBIOS) - CED/UFSC, pessoas extremamente comprometidas com a prática, pesquisa e socialização do conhecimento. Gratidão pela oportunidade de aprender nas rodas dos bate papos virtuais, pelos inúmeros momentos de encontros de aprendizado que enriquecem minha formação acadêmica, pessoal e como capoeira.

Aos alunos das instituições e escolas que tive e tenho contato, que a cada troca de saberes fazem-me redescobrir a verdadeira missão da docência.

Por fim, reafirmo meu agradecimento à tod@s que propiciaram à minha pessoa diversos conhecimentos, acredito que esse é o bem mais valioso para o ser humano é a força que liberta, emancipa, nos possibilita superar todas as mazelas, inclusive sociais. É o que nos torna mais humanos.

“Dentro ou fora do mercado, em sintonia ou a despeito dele, a comunidade humana inventa, luta, celebra. Durante a minha vida, trago comigo uma preferência pelo mutável, pelo diverso e até pelo paradoxo. Aprecio o gosto estranho e provocador de juntar conceitos que pareciam estar destinados ao exílio mútuo.”

“Em tempos de desequilíbrios, de tantas impossibilidades, temos não só de ocupar todos os espaços disponíveis, como de inventar espaços para outros e novos discursos. Temos de distribuir sementes de crítica, contestação, transformação e sonho.”

Gilberto Gil

Fragments do discurso do ministro Gilberto Gil na entrega do Prêmio Extremadura
(2013).

RESUMO

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS

Autor: Anderson José Libanio.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Machado Pinto.

A presente pesquisa, de caráter exploratório e descritivo, objetiva analisar e compreender as dimensões estéticas do ensino da capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa aconteceu por meio do estudo de processos de ensino e aprendizagens, experiências realizadas durante o estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As atividades pedagógicas fizeram parte do projeto experiências educativas: infância, educação, corpo na obra de Portinari. Como fontes prioritárias para o estudo, reunimos documentos produzidos nessa experiência formativa, como planejamentos, planos, materiais didáticos, registros de aulas, imagens, gravações, avaliações e os trabalhos de conclusão de estágio (TCE), resumos e trabalhos produzidos na disciplina de estágio curricular supervisionado em Educação Física no ano de 2019. Essa pesquisa contribuiu com a discussão sobre as questões das dimensões estéticas e conceituais dos conteúdos na educação física e com isso refletiu o ensino da disciplina para além da prática corporal. Os resultados apontaram a potencialidade das ações interdisciplinares entre Educação Física, História e Artes utilizando como conteúdos a capoeira e algumas obras de Cândido Portinari. Mostraram uma possibilidade de construção de conceitos comunicados ou expressos na estética dos recursos pedagógicos.

Palavras-chave: Capoeira Escolar. Educação Física. Interdisciplinaridade. Experiência Estética.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CECA	Centro Esportivo de Capoeira Angola
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: ABRINDO A RODA DE SABERES	12
2 REVISÃO DE LITERATURA: CAPOEIRA, ESTÉTICA E ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	18
2.1 CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DA CAPOEIRA.	18
2.2 LUTA E RESISTÊNCIA: TRANSFORMAÇÕES DO ENSINO DA CAPOEIRA	23
2.3 A CAPOEIRA ESCOLARIZADA E INSTITUCIONALIZADA	30
2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA, CAPOEIRA E ARTE	36
2.5 CAPOEIRA, ESTÉTICA, CONCEITO	44
2.5.1 A estética musical na capoeira	46
2.5.2 Representação dos elementos estéticos na capoeira	49
2.5.3 A estética dos “movimentos” na capoeira	50
2.6 CÂNDIDO PORTINARI E AS QUESTÕES RACIAIS	58
3 METODOLOGIA	62
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	62
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	62
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	63
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA	63
4 ANÁLISE E COMPREENSÃO DO ENSINO DA CAPOEIRA NAS DIMENSÕES ESTÉTICA E CONCEITUAL	64
4.1 CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO - A CAPOEIRA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA	64
4.2 O ENSINO DA CAPOEIRA NAS DIMENSÕES ESTÉTICA E CONCEITUAL	68
4.3 RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA E CONCEITO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO	87
4.4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS DIMENSÕES ESTÉTICAS E CONCEITUAIS NO ÂMBITO INTERDISCIPLINAR	100
4.5 OS ESPAÇOS NA INTERVENÇÃO DA TEMÁTICA ÉTNICO RACIAL.....	102

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
6 REFERÊNCIAS.....	110
ANEXOS.....	119

1 INTRODUÇÃO: ABRINDO A RODA DE SABERES

A partir da nova Base Nacional Comum Curricular-BNCC (BRASIL, 2017) a Educação Física apresenta-se na área das linguagens. Esta compreensão amplia a reflexão sobre a disciplina e a importância de seu papel no âmbito da formação humana. Vale mencionar que as práticas sociais e o relacionamento dos seres humanos consigo e com os outros acontecem pela conciliação de diferentes linguagens, sendo elas oral, visual-motora, escrita, corporal, sonora e digital, nessas interações estão conhecimentos, atitudes, valores culturais, morais, éticos e a partir disto o ser se constitui como sujeito social (BRASIL, 2017).

Esse conjunto de gêneros linguísticos possibilita a diversidade de comunicação entre os seres humanos e trazem também uma dimensão estética que reforça e amplia as possibilidades de diálogo social. O presente trabalho procura analisar e compreender as possibilidades formativas da abordagem de uma dimensão estética no ensino da capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental.

Cabe destacar a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2016), a qual menciona que dentro das estratégias metodológicas é importante escolher instrumentos e meios que possibilitem a aprendizagem de especificidades como as dimensões conceitual, ética e estética e desta forma pensar a Educação Física para além da técnica.

A capoeira vem sendo abordada como conteúdo pedagógico por diversos autores, entre eles, Lacerda (2009) que procurou estabelecer um diálogo prático com a Educação Física escolar como possibilidade metodológica de inserção dos saberes populares na educação formal. Souza e Oliveira (2001) sugeriram uma estruturação do conteúdo da capoeira na Educação Física no ensino Fundamental e Médio. Castro Júnior (2004) teve como propósito identificar as inter-referências presentes no universo simbólico da roda de capoeira entre historicidade e ancestralidade, situando os conceitos teóricos a partir dos elementos estéticos da capoeira. Dentre os trabalhos citados, esse projeto vem somar a essa produção acadêmica e se torna relevante por trazer uma reflexão sobre a dimensão estética como um elemento da especificidade do conteúdo da capoeira na educação física que pode favorecer as aprendizagens, a construção de conceitos e o diálogo interdisciplinar entre as áreas da linguagem.

A relação interdisciplinar é favorecida na Área de Linguagem quando é levada em conta a perspectiva cultural que possui elementos da música, dos movimentos que podem ser

de luta e dança e da arte que a partir da estética apresentada pelos instrumentos, música, diálogo corporal entre outros elementos nos fornecem conceitos para aprofundar a reflexão sobre os conhecimentos da área e aumentar a capacidade reflexiva dos estudantes e sua compreensão dos modos de se expressar e participar do mundo (BRASIL, 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) afirma que as práticas corporais devem também ser entendidas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. É fundamental ressaltar que a Educação Física deve oferecer uma vasta gama de possibilidades para enriquecer as experiências dos docentes. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) destaca que permitindo o acesso ao universo cultural o aluno poderá compreender os saberes corporais, emotivos, lúdicos, agonistas e das experiências estéticas, sendo esta última, um dos objetos que propõem verificar o presente trabalho.

Esse estudo tem como ponto de partida as experiências realizadas no estágio curricular supervisionado no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Florianópolis no segundo semestre de 2019. As intervenções objetivaram estabelecer um diálogo entre Educação Física, Capoeira, História e Artes. Esses saberes possuem o propósito de apresentar aos alunos uma visão do conhecimento em sua totalidade e que eles identifiquem a contribuição desses nos processos de interpretação e compreensão da realidade complexa e contraditória nas quais estão inseridos (SOARES *et al.*, 1992).

Esses pressupostos nos permitem questionar, analisar e compreender a relação entre as dimensões da estética e do conceito no ensino da capoeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental e suas possíveis contribuições na tematização dos conteúdos que versam sobre as questões étnico-raciais apresentadas na capoeira e em algumas obras de Portinari: Morro (1934) e Cana de Açúcar (1938). Cabe a esse estudo ainda problematizar a utilização dos espaços e as estratégias utilizadas para o ensino dos conteúdos numa perspectiva progressista da Arte e Educação Física escolar.

Esse estudo procura aprofundar a revisão bibliográfica sobre os temas Capoeira, Arte, Portinari e Educação Física, buscando ferramentas conceituais, teórico-metodológicas para análise dos planejamentos, registros de aula, materiais didáticos, estratégias de ensino e avaliações de uma experiência de ensino. Pretendemos dar foco nas dimensões conceitual e estética do ensino almejando compreender possíveis contribuições na formação humana das crianças de escolas da rede pública de Florianópolis.

O responsável por esse estudo nasceu de família simples, pouco letrada, filho de pescador e rendeira, duas profissões tradicionais de Florianópolis. cursou todo o seu ensino escolar básico em uma escola da rede pública. Aprendeu com Mestre Demétrius em aulas gratuitas os primeiros passos da capoeira. Quando criança o Rato (apelido de batismo na capoeira), aos verões na beira da praia, juntamente com seus camaradas e mestres (Demétrius e Tainã) demonstravam para os turistas e à população local a arte da capoeira. Depois de algum tempo adentraram aos espaços fechados, o menino de origem humilde cresceu e na idade adulta entrou no mercado de trabalho, constituiu família tem esposa e três filhos, dividiu seu tempo de aprendizado da capoeira com a labuta diária e sua primeira formação acadêmica. Iniciou o trabalho nas instituições de ensino e se formou como Contramestre de capoeira no ano de 2009, a partir do incentivo e apoio do Mestre Kbleira aprofundou-se nos estudos da capoeira, na Universidade Federal de Santa Catarina conheceu diversos professores que acrescentaram na formação, no qual se destaca o Professor Doutor Fábio Machado Pinto que com sua visão ampla entre a capoeira e os teóricos da academia agregou de forma incomparável com este capoeira educador.

É desse lugar que forjou-se o pesquisador “liminar” que ao mesmo tempo é sujeito (professor-pesquisador de educação física) e objeto de estudo (capoeira) para refletir sobre sua condição social e da classe trabalhadora a qual faz parte. Há 28 anos dedica sua vida à expressão cultural afro-brasileira e acredita que através das suas experiências em espaços de ensino a manifestação cultural, pode por meio de sua historicidade e característica multifacetada, contribuir para refletir sobre as possibilidades interdisciplinares na Educação Física. A partir das suas vivências com a capoeira escolar na rede privada e pública e do estudo sistemático da nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) percebeu a necessidade de se ampliar a discussão sobre os conteúdos da educação física e sua relação com a área da linguagem. A capoeira, partindo da sua historicidade, possui uma relevante gama de aspectos conceituais e estéticos para promover a reflexão sobre a cultura corporal de movimento, em suas diversas abordagens metodológicas.

De acordo com Soares (2002) a capoeira é uma manifestação cultural afro descendente. Araújo (2004) afirma que nas últimas décadas é emergente o surgimento de inúmeras pesquisas sobre a capoeira, analisando os estudos da temática percebe-se que com o passar dos anos ela está se inserindo cada vez mais no âmbito escolar, como aponta o trabalho de Paula e Bezerra (2014).

Sua entrada nas instituições de ensino em Florianópolis foi favorecida pela lei 4.446/94 e no âmbito nacional é alicerçada pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 a fim de contribuir com as aprendizagens relacionadas ao tema Étnico Racial. A modalidade se fez presente em diversos programas de educação integral como o projeto Mais Educação e Segundo Tempo propostos pelo governo Federal.

O projeto de lei 1966/2015 está em tramitação no senado na comissão de educação, versa sobre o reconhecimento do caráter educacional e formativo da capoeira em suas manifestações culturais e esportivas (CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL, 2015). Este projeto propõe permitir a celebração de parcerias para o ensino da capoeira nos estabelecimentos de educação básica, públicos e privados. Esse estudo pretende apresentar discussões sobre de que forma os elementos culturais da capoeira podem ser pensados para além das técnicas corporais.

Declarada como Patrimônio Imaterial Brasileiro - IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 15/07/2008, a capoeira tem em Florianópolis a partir da lei municipal 8.212/2010 garantido um dia anual para sua comemoração. O dia municipal da capoeira (1º de agosto) em Florianópolis é fruto da organização do movimento negro, entidades sociais e lideranças sociais, incluindo-se os capoeiras da cidade, é importante mencionar que a arte apresenta-se como um legado cultural e desta forma contribui na formação da identidade de seu povo. Por seu valor foi considerada como Patrimônio Imaterial da Humanidade - UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) em 26/11/2014.

Cabe ainda ressaltar que existem diversas pesquisas que tratam da capoeira, inclusive sua atuação na escola. O tema no século XX é entendido como importante ferramenta pedagógica, sendo citada como conteúdo no livro Metodologia do Ensino da Educação Física (1992) de abordagem crítico-superadora e na obra Didática da Educação Física 1 (2009) de abordagem crítico emancipatória. O conteúdo também se faz presente em diversas propostas curriculares, como por exemplo da Rede Municipal de Florianópolis. Campos (2001, p. 13) afirma que “CAPOEIRA NA ESCOLA é de fundamental importância para o enriquecimento esportivo, educacional e cultural do educando, que tem a oportunidade de conhecer a história do Brasil através da Capoeira”. Paula e Bezerra (2014) ressaltam que a capoeira por ser multifacetada favorece o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens, os elementos que a constituem, inclusive os históricos propiciam a partir do movimento uma reflexão crítica sobre as demandas sociais; com isso torna-se um instrumento pedagógico educacional

potencializador para um ensino interdisciplinar. Nesse sentido, seu estudo é de extrema relevância para sociedade brasileira. Campos (2001, p. 17) aponta que a inclusão da capoeira na escola justifica-se “por se tratar de um elemento importante da cultura popular brasileira, conforme têm assinalado vários especialistas como Câmara Cascudo, Waldeloir Rego, Inezil Penna Marinho e outros”.

Diante do exposto, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as dimensões estéticas da capoeira e as obras de Portinari: Morro (1934), Cana de Açúcar (1938), Meninos Brincando (1955), Meninos pulando Carniça (1957), Cambalhota (1958) e Pulando Carniça (1959) nos processos de aprendizagens a partir de experiências realizadas no estágio curricular supervisionado no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Para isso foram elencadas como objetivos específicos do estudo as seguintes questões norteadoras:

- Qual a relação entre estética e conceitos dos conteúdos trabalhados no âmbito do estágio em 2019 nos anos iniciais do ensino fundamental?
- Qual a contribuição das dimensões estéticas e conceituais nos anos iniciais do ensino fundamental envolvendo História, Artes e Educação Física, a partir dos conteúdos que versam sobre as questões étnicos raciais contidas na capoeira e representadas em algumas obras de Portinari?
- Como acontece a utilização dos espaços e quais as estratégias utilizadas para aplicação dos conteúdos que abordam a temática étnico racial (Capoeira e algumas obras de Portinari) na perspectiva progressista?

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário revisar a literatura sobre o conteúdo Capoeira, Arte e Educação Física, descrever os registros do ensino da capoeira na escola realizado na prática de estágio supervisionado em Educação Física no ano de 2019, verificar e discutir a relação estabelecida entre estética e conceito da capoeira nas aulas de Educação Física, a partir dos relatórios das intervenções, avaliação e o estudo dos dados coletados.

O estudo poderá contribuir com a discussão sobre as questões estéticas e conceituais dos conteúdos na educação física e com isso refletir o ensino da disciplina para além da prática corporal. Este trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física para graduação em Licenciatura está estruturado com o objetivo de favorecer a leitura e entendimento sobre o ensino da capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental, demarcando esse conteúdo na sua dimensão estética e conceitual. Nos capítulos, realiza uma revisão de literatura apresentando

os diversos entendimentos sobre essa manifestação cultural, apresentando e discutindo os processos de sistematização e metodização da capoeira, trazendo novos olhares sobre essa construção. Também provoca algumas reflexões sobre Educação Física, Capoeira e Artes com o objetivo de apresentar as possíveis relações entre as dimensões estética e conceitual do conhecimento. Relata atividades que usaram como conteúdo algumas obras do pintor Cândido Portinari para pensar as questões étnico raciais. Na análise de dados apresenta a capoeira como ferramenta pedagógica e investiga as relações entre estética e conceito do ensino da capoeira em sua relação com as obras de Candido Portinari: Morro (1934), Cana de Açúcar (1938), Meninos Brincando (1955), Meninos pulando Carniça (1957), Cambalhota (1958) e Pulando Carniça (1959) em uma experiência que problematizou saberes e conteúdos de Educação Física, Capoeira, Artes e História.

2 REVISÃO DE LITERATURA: CAPOEIRA, ESTÉTICA E ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DA CAPOEIRA.

Irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ele (BENJAMIN, 1984, p. 44).

A crescente produção acadêmica em torno da capoeira aborda diversos conteúdos que representam aspectos multifacetados dessa complexa expressão cultural. Versam sobre temas diversos como, por exemplo, a História, Cultura, Educação, Corpo e as práticas sociais. Esses estudos ampliam a visão sobre essa manifestação cultural afro-brasileira e reintegram à história da capoeiragem fatos históricos que foram soterrados pelo tempo e omissão de alguns pesquisadores.

Os estudos realizados por Stotz (2010), Penteadó Júnior (2012), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2014), Andrade (2016), Silva (2017), apontam que a capoeira na atualidade possui três teorias defendidas por diversos pesquisadores e conhecedores da arte. Há quem defenda que a capoeira é africana, nascida na África Central e chegada intacta ao Brasil através dos africanos escravizados. Outra teoria é a de que a capoeira foi criada no Brasil a partir do povo negro escravizado, e a terceira sustenta que a capoeira é uma arte indígena.

Na perspectiva Africana de acordo com Stotz (2010) e Penteadó Júnior (2012) temos como defensores: Luís Câmara Cascudo - Folclore do Brasil, Alceu Maynard Araújo - Cultura Popular Brasileira, Daniel Dawson, Mestre Pastinha – Capoeira Angola, Dr. K. Kia Bunseki Fu-Kiau e o pesquisador americano Thomas J. Nardi.

Os defensores da concepção de que a capoeira tenha nascido em solo brasileiro a identificam com terminologias segundo suas propostas teóricas, como prática desportiva genuinamente brasileira, Manifestação Cultural Afro Brasileira e até mesmo Arte indígena.

A discussão vem desde o raiar do século XX, quando muitos intelectuais defenderam a capoeira como esporte genuinamente brasileiro. Em 1907 é publicada a obra Guia da capoeira (Ginástica Brasileira). Segundo Silva e Corrêa (2020, p. 167) “foi escrito em 1885 e replicado”, desta forma a versão do século XX seria uma segunda edição do livreto.

Em 1910 surge uma publicação com argumentos nacionalistas, intitulada “O Nosso Jogo”, onde o autor Coelho Neto propõe a introdução da capoeira em escolas e instituições militares.

Segundo Silva e Corrêa (2020, p. 265) em 1922, inspirado nos escritos de Coelho Neto, um escritor denominado Carioca escreveu o artigo “Capoeiragem” procurando também fortalecer a imagem da capoeira como um esporte com gênese brasileira. O fato intrigante de sua defesa está na estética da nomenclatura utilizada: o autor conceitua capoeira como “Ginástica Nacional” e não “Ginástica Brasileira”. A nomenclatura “Ginástica Nacional” era defendida por pioneiros ligados a Mário Aleixo que possuíam como proposta promover um “Método Nacional”, a fim de contrapor o Método Francês que estava sendo adotado no Centro Militar de Educação Física do Exército. Esta corrente pretendia transformar a capoeira em “Ginástica Nacional Brasileira”.

O termo “Ginástica Brasileira” era mais comum entre intelectuais, como Coelho Neto e seus contemporâneos, que pretendiam instituir a Capoeira como um esporte nacional entre o fim do século XIX e o começo do XX. [...] Muitos intelectuais desse período como Luiz Murat (Ginástica Brasileira, Jornal do Brasil 16/08/1924 e 22/08/1924), Melo Moraes Filho, Couto de Magalhães, Plácido de Abreu e Aluísio Azevedo, todos praticantes da Capoeira, referiam-se à modalidade como uma luta brasileira ou ginástica brasileira. (SILVA E CORRÊA, 2020, p. 266-267).

Nesse período em que a manifestação é colocada como uma espécie de Educação Física Brasileira é lançado em 1928 o livro de Aníbal Burlamaqui, a obra Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e regrada.

A partir de Campos (2001), percebe-se que a discussão acerca da defesa da capoeira como ginástica ou luta retorna na década de 80 com o professor Inezil Penna Marinho e seu projeto intitulado “Ginástica Brasileira”, ou ainda com Carlos Senna em seu trabalho “Capoeira: arte marcial brasileira.”

Silva e Corrêa (2020) declaram que com a instituição da República o conceito esteticamente mais amplo de “Ginástica Nacional” é adotado. A denominação poderia ser, segundo os autores, uma forma de resistência para burlar a ilegalidade.

Outros defensores do viés da capoeira como esporte genuinamente brasileiro foram Lamartine Pereira da Costa - Capoeira sem Mestre, Mestre Bimba - Curso de Capoeira Regional. Temos ainda em destaque a obra de 1907 Guia da capoeira (Ginástica Brasileira), antes identificada por ser obra de um autor militar desconhecido que assinou "O.D.C.". Estudos como o de Pereira (2020) declaram que se trata do Capitão Ataliba Manuel Fernandes, mas a polêmica sobre a autoria permanece.

Na perspectiva Cultural e Afro-brasileira podemos apontar os estudos de Waldeloir Rego - Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico; Carlos Eugênio Líbano Soares - A Negregada Instituição: Os Capoeiras na Corte Imperial (1850-1890) e A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850), Adolfo de Morales de Los Rios - Rio de Janeiro imperial. Segundo Stotz (2010), os estudiosos Brasil Gerson, Nascentes e Nei Lopes também são relevantes.

Ainda Stotz (2010) ressalta que nessa perspectiva afrodescendente vários outros autores contemporâneos têm contribuído com diversos estudos relevantes, entre eles estão: Antônio Liberac Cardoso Simões Pires - A Capoeira na Bahia de Todos os Santos – um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937); Josivaldo Pires de Oliveira - No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia; André Luiz Lacé Lopes - A Volta do Mundo da Capoeira e A Capoeiragem No Rio de Janeiro; Fred Abreu com várias publicações importantes sobre o tema; Letícia Vidor de Souza Reis - O Mundo de Pernas Para o Ar e o renomado pesquisador Mestre Jair Moura que escreveu inúmeras obras que se fazem significativas para o estudo e compreensão da capoeira.

Sobre a defesa da capoeira como arte de raiz indígena, Silva (2017) apresenta a obra do padre José de Anchieta - Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil; Guilherme de Almeida - Música do Brasil. Stotz (2010) cita Luiz Carlos Krummenauer Rocha e nas pesquisas realizadas destacam-se também os artigos do pesquisador Douglas Tessuto de 2012, intitulado Capoeira Indígena e A capoeira desde o Descobrimento do Brasil - A origem da capoeira.

Quanto a essa hipótese é importante ressaltar que há carência de comprovações em relação à origem indígena. Lussac (2015) aponta ser frágil a afirmativa de uma origem da Capoeira Indígena por vários aspectos, entre eles o massacre cultural e genético sofrido pelos povos indígenas, a extinção de etnias e perda das identidades, o fato de o conhecimento indígena ser transmitido de forma oral e a destruição de sítios arqueológicos desde o tempo da colonização. Porém, além das informações já obtidas por diversos outros pesquisadores do assunto, o autor em seus estudos contribui com algumas reflexões pautadas nas cartas dos padres Antônio Gonçalves e Manoel da Nóbrega.

Sua pesquisa aponta a possibilidade da dança indígena Maraná ter sido uma das matrizes formadoras da capoeira. Com base na observação das obras de Rugendas o autor revela indícios do convívio social entre negros e indígenas e sugere a chance de ter havido a troca de experiência e saberes culturais entre esses povos.

Nesse sentido, cabe destacar o livro português Dicionário da Língua Portuguesa - Typographia Lacerdina, 1813 de Antônio Moraes da Silva onde é citado o termo Luta de Capoeira, praticada por negros, mestiços e índios no Brasil. A partir deste documento Lussac (2015) levanta a hipótese da existência de duas matrizes da capoeira: uma indígena e outra praticada por negros no Brasil. Quanto às práticas indígenas que apresentam elementos estéticos presentes na capoeira, Santos (2016) relata em sua tese sobre o Xondaro que em sua constituição possui prática em círculo, deslocamentos no sentido anti-horário, presença de música, variações rítmicas “entre os pés e oscilar do tronco remetem o movimento a uma espécie de ginga” (SANTOS, 2016, p. 36), combinação de movimentos de abaixar, esquivar, saltar, dançar ao centro da roda.

O autor também relata que se encontra em descrições etnográficas do Xondaro citações e breves comparações com a capoeira. Mas, é fato que isto não comprova uma raiz indígena da capoeira, pois possuem muitas lacunas a serem estudadas. Benjamin (1984, p. 71) destaca que “é indispensável ainda um enfoque capaz de elevar a análise, para que ela possa aceder à compreensão de uma forma, em geral, a um plano em que ela veja nessa forma algo mais que uma abstração efetuada”.

Para contribuir com a reflexão sobre a necessidade de uma análise mais profunda sobre as dimensões estéticas dos movimentos combativos cabe destacar o estudo de Stotz (2010) que pesquisou diversas modalidades de lutas e menciona que:

Apesar de todas essas manifestações estarem ligadas ao ato de lutar, cada uma delas possui características peculiares que as distinguem das demais. Entre os praticantes é comum se dizer que toda arte marcial em sua essência é uma luta, mas nem toda luta é uma arte marcial. Da mesma forma, nem toda luta é um esporte de combate. O mesmo raciocínio se aplica em relação aos sistemas de defesa pessoal, aos métodos de combate empregados pelas forças militares e até mesmo aos jogos e danças guerreiras (STOTZ, 2010, p. 50).

O texto de Mestre Kblera (STOTZ, 2010, p. 50) instiga a refletir sobre as diferenças conceituais, estéticas e técnicas entre as manifestações combativas e alerta para o fato de que é preciso um olhar cuidadoso ao estudá-las para não relativizar todas as cosmologias e arcabouços culturais construídos pelos povos indígenas e africanos. Para o autor é expressivo o número de estudiosos que acreditam que a capoeira foi desenvolvida no Brasil, a partir do início da colonização pela fusão cultural de diferentes etnias africanas trazidas pelos portugueses para o trabalho escravo. Em sua pesquisa afirma que a capoeira foi originada no período escravocrata, sofreu por tempos a perseguição dos poderosos e foi um instrumento de

luta utilizado pelo negro contra o cruel e desumano sistema escravista imposto pelo colonizador europeu. Outros autores defendem que a capoeira saiu das senzalas e foi levada aos quilombos e deste para centros urbanos como Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, chegando depois em São Paulo, Minas Gerais e Goiás (AMARAL E SANTOS, 2015).

No início do século XX, os capoeiras Raphael Lothus e Mário Aleixo apoiaram a construção da capoeira ser originada no meio rural quando prestaram esclarecimentos sobre a proposta de sistematização da capoeira em diversas redações de jornais do Rio de Janeiro (Corrêa e Silva, 2020). Suas informações possibilitaram diversas matérias, em uma delas “O que é Capoeiragem – A origem do termo – os seus golpes” do periódico A Noite, de 31 de janeiro de 1916, lê-se:

O jogo da capoeira, ou a capoeiragem, foi assim a primeira força que deu combate aos capitães do mato, e assim foi a primeira cooperação para a liberdade dos escravos. Nasceu a capoeiragem desse primeiro esforço em favor da liberdade dos escravos no Brasil. A sua origem é, pois, santificada (SILVA E CORRÊA, 2020, p. 213).

Além de mostrar Raphael Lothus realizando a postura denominada “guarda” na capoeira, o texto relata sua defesa em relação à gênese da Capoeira Escrava. Silva e Corrêa (2020) ainda discorrem sobre as similaridades entre a obra de Lothus e o texto escrito no livro “Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada” de Annibal Burlamaqui de 1928.

Outro documento que relata sobre a capoeira na época da escravidão é o livro Capoeira Angola por Mestre Pastinha (1988). Na obra é sugerido que entre os africanos que vieram para Bahia no período colonial estavam presentes muitos capoeiristas. O livro cita como um antigo mestre de capoeira o senhor português “José Alves, discípulo dos africanos e que teria chefiado um grupo de capoeiras na guerra dos Palmares” (PASTINHA, 1988, p. 22-23).

A discussão sobre a existência de capoeira em Palmares é abordada no artigo Mitos, controvérsias e fatos: Construindo a história da capoeira, os autores Mestre Luiz Renato Vieira e o pesquisador Matthias Rohrig Assunção afirmam que não há documentos que comprovem esta hipótese (VIEIRA E ASSUNÇÃO, 1998).

Segundo o IPHAN (2014) essa teoria de o princípio da capoeira estar ligado a escravidão rural é reforçado no imaginário da sociedade por meio de produções como livros, filmes e telenovelas. O documento que versa sobre a Roda de Capoeira e Ofício de Mestres ainda destaca que no contexto urbano sua prática foi marginalizada e considerada crime, enfrentando o preconceito e a discriminação. O dossiê ressalta como perspectiva mais

coerente à capoeira como prática urbana, nascida nas principais cidades portuárias brasileiras como recurso de resistência dos escravizados.

Em relação a práticas urbanizadas, Silva e Corrêa (2020) apontam que a rica história das maltas reforça “a predominância dos cariocas na prática e desenvolvimento da modalidade como luta propriamente dita” (SILVA E CORRÊA, 2020, p. 222). Esses grupos tumultuavam a cidade do Rio de Janeiro durante as últimas décadas do século XIX. Entre os séculos XIX e XX a capoeira carioca era ensinada com objetivo de defesa pessoal ou jogo, sem nenhum aspecto esportivo. Era comum nas práticas o “uso de armas brancas, como punhais e navalhas, em brigas entre capoeiristas, resultando quase sempre em ferimentos brutais ou até mesmo em morte” (SILVA E CORRÊA, 2020, p. 225).

Percebe-se que são expressivos os estudos em que consideram a capoeira como prática relacionada ao povo negro no Brasil, porém, como aponta a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) os estudos devem “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos [...] e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 9).

A Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016) destaca que “concebe-se, assim, a escola como o espaço social em que a informação abundante é foco de reflexão, de comparação com outras bases para validação, de modo a que se transforme em conhecimento a partir do crivo da apropriação conceitual” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 28).

Na escola a capoeira pode ser um instrumento que consolida a luta por visibilidade e igualdade social dos povos marginalizados, o que é alicerçado pela lei 11.645/08, pois “é preciso considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas, incluindo a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas” (BRASIL, 2017, p. 59).

2.2 LUTA E RESISTÊNCIA: TRANSFORMAÇÕES DO ENSINO DA CAPOEIRA

Tratamos assim por entender que, mesmo dentro da história da capoeira, habitam múltiplas vozes que aguardam o momento de retornarem à luz da história e libertarem-se em força criadora de “novos” presentes (ACORDI, 2009, p. 23).

Em 1908 Luiz Murat, perito em passos da capoeiragem, escreve o artigo intitulado Educação física - O jiu-jitzú e a Gymnastica Brasileira, onde afirma que os minas foram protagonistas na resistência contra a opressão, utilizando a capoeira como aparelho de defesa

nas senzalas. No século XVII fundaram a república de Palmares em Pernambuco (STOTZ E AZEVEDO, 2020). O Quilombo de Palmares representa um dos maiores e mais duradouros símbolos da persistência cultural africana. Foi abrigo para diversos negros que fugiam do regime escravocrata no período colonial, neste local mantinham a cultura e identidade africana (FUNARI E CARVALHO, 2005). Há indícios de que teria surgido em 1630 e sido completamente desmantelado em 1710. Teve como principais líderes Ganga Zumba e Zumbi. Sob a orientação de Zumbi o Quilombo aderiu a uma estratégia mais agressiva com práticas de ataques surpresas a engenhos, buscando a libertação de negros escravizados, armas, munições e suprimentos (NICOLETTE, 2015).

O Quilombo dos Palmares foi atacado diversas vezes, segundo Nicolette (2015) foi a partir de 1687 que as ofensivas se intensificaram. No ano de 1694 o Quilombo de Palmares foi invadido sob o comando de Domingos Jorge Velho e os palmarinos perderam a batalha. O Comandante Zumbi conseguiu escapar, mas foi capturado e morto no ano seguinte em 20 de novembro de 1695 (NICOLETTE, 2015). Esta data foi instituída pela lei no 12.519 de 10 de novembro de 2011, a ser comemorada anualmente como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra (BRASIL, 2011).

Palmares foi desmantelado e o regime escravocrata continuou estabelecendo com o povo negro as negociações para reprimir as lutas pela liberdade e resistência. De acordo com Silva, Santos, Milder (2014) os escravos cativos por algum tempo tiveram suas manifestações culturais permitidas e encorajadas, funcionando como alívio para suportar o regime da escravidão. Para conter as rebeliões uma das estratégias utilizadas pelos senhores era separar os grupos em etnias.

Com o tempo descobriram que as práticas culturais não significavam mera diversão e por volta de 1814 a capoeira e outras expressões do povo negro passaram a ser perseguidas (MACUL, 2008). Neste mesmo ano, Lussac (2013) menciona que José Angola foi preso numa roda de capoeiragem no dia 23 de março. Em 1821 foi nomeado Miguel Nunes Vidigal como comandante da guarda real. Suas ações que instituiu terror aos capoeiristas e candomblés ficaram conhecidas como Ceia de Camarões. Na Bahia e Rio de Janeiro também havia perseguição aos capoeiristas e foi determinada pelo governo monárquico brasileiro (1824-1889) a proibição da prática de capoeira por várias portarias das leis do código penal, havia punições como castigos e execuções corporais em praças públicas (SILVA, SANTOS, MILDER, 2014).

Tal repressão não foi capaz de anular a expansão da capoeira, que após 1850 espalhou-se para outras partes da sociedade (imigrantes, portugueses, negros libertos, policiais, militares), sendo praticada além das classes menos favorecida por jovens e intelectuais da elite (BUNESE, 2006).

Várias personagens utilizaram de métodos e desenvolveram sistemas para a transmissão e propagação da capoeira até os dias de hoje. Em 1860 a capoeira aparece no sul de São Paulo, ligada a um crioulo carioca chamado Alexandre.

Esse crioulo foi às fazendas mais próximas da cidade (Arêas) e instituiu verdadeiras escolas de capoeiragem. É admirável o methodo seguido na organização desses núcleos de força e de destreza nos quaes os crioulos mais robustos se exercitavam systematicamente desde as flexões das pernas [...] ao rabo de arraia (STOTZ E AZEVEDO, 2020, p. 26).

A descrição destaca que naquela época havia um método sistematizado de ensino considerado como admirável pelo autor do artigo Luiz Murat que complementa: “licções de Alexandre presidia um respeito cultural” (STOTZ E AZEVEDO, 2020, p. 26).

Sobre o ensino da capoeira como fenômeno urbano o Almanaque CapoeiraGens de 2020 revela o negro Desidério (um trabalhador do porto de Itajaí) que teria ensinado capoeira ao menino Lauro Muller antes dele migrar para o Rio de Janeiro em 1877 para depois regressar a Santa Catarina como um político expressivo (STOTZ E AZEVEDO, 2020).

Silva e Corrêa (2020) comentam que a instauração da República em 1889 deu origem a uma busca social - presente em diversas áreas - para a obtenção de uma identidade nacionalista. Essa nova meta favoreceu a aceitação da capoeira. Algumas personalidades mais audaciosas se posicionaram publicamente em defesa da modalidade desde as últimas décadas do século XIX, ao contrário dos primeiros anos da república onde o objetivo era extingui-la.

De acordo com Bunese (2006) em 1890 a capoeira passou a ser crime pelo código penal da república, condição que perdurou até a década de 1930. Neste período o chefe de polícia e também capoeira Sampaio Ferraz perseguiu violentamente os praticantes da capoeira por serem considerados criminosos, vagabundos (MACUL, 2008; RAMOS, 2009).

A violenta repressão não foi capaz de apagar o interesse na capoeira, no começo do século XX houve uma iniciativa de fomentar seu resgate como uma modalidade esportiva, uma ginástica nacional. As artes marciais estrangeiras chegavam ao Brasil nessa época e uma luta nativa apresentava-se como uma alternativa para contrapor - também no campo das atividades corporais - a influência estrangeira. Durante este período de acentuadas transformações econômico, social e cultural, atletas formadores de opinião buscavam na

esportivização um meio para que a capoeira sobrevivesse como luta preservando suas principais técnicas (SILVA E CORRÊA, 2020).

Esse ideal de luta para a capoeira chegou ao estado de Santa Catarina. A “luta brasileira capoeira” foi noticiada no jornal O Dia de 13 de Março de 1917. Haveria no dia seguinte um festival esportivo no Teatro Álvaro de Carvalho, com a apresentação de filme cinematográfico e três lutas, sendo que na segunda a modalidade era “Luta Livre, com direito de usar [...] luta brasileira capoeira” (O DIA, 1917. p. 3). O mesmo Jornal já havia informado em 1910 o acontecimento de uma apresentação da Luta brasileira no “PARQUE CATHARINENSE” realizada por dez meninos (O DIA, 1910. p. 2).

Apesar do período de repressão, a capoeira se fazia presente na sociedade. De acordo com Silva e Corrêa (2020) uma renomada instituição de ensino do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II, no século XIX, abrigava grandes capoeiristas cariocas tais como: Olavo Bilac, Coelho Neto, Raul Pederneiras, Osório Duque-Estrada, Barão do Rio Branco e o José Basson de Miranda Osório pertencentes às classes mais abastadas. Silva e Corrêa (2020) relatam que “o escritor Mello Moraes Filho (1844-1919), também aluno do Pedro II, conta na obra “Festas e tradições populares do Brasil” (1901) que o professor de francês da instituição, o bacharel Gonçalves, era um excelente capoeirista” (SILVA E CORRÊA, 2020, p. 271).

Sampaio Ferraz havia vencido as maltas há pouco tempo, mas essa condição não cerceou a divulgação da capoeira como método legítimo de defesa pessoal e o seu aproveitamento como esporte. Ao longo da década de 1920 houve a publicação de inúmeros artigos em periódicos, onde alguns defensores da capoeira preferiam manter-se no anonimato, utilizando pseudônimos (SILVA E CORRÊA, 2020). Em 23 de janeiro de 1926 um autor denominado por “AZ” revelou a pretensão de um distinto grupo em regulamentar e promover a capoeira como uma forma de ginástica ou de luta brasileira.

Costa (2018) revela que Germano Harlocher e Luiz Murat foram grandes personagens que lutaram pela obrigatoriedade da capoeira nas escolas e quartéis. Silva e Corrêa (2020) ressaltam a forte presença da capoeira na marinha brasileira entre o século XIX e começo do século XX, apontam que a participação da capoeira nas forças armadas se deu em 1865 na guerra do Paraguai, onde alguns batalhões brasileiros possuíam inúmeros capoeiristas.

Silva e Corrêa (2020, p. 147) relatam que em 1929 o capoeirista e presidente da república Washington Luís recomendou a preparação de sargentos do Exército para serem instrutores de Educação Física, através do adestramento na luta brasileira, vontade executada pelo general Nestor Passos na antiga Escola de Sargentos do Exército. Em 1932 o Tenente

Euzébio de Queiroz, exercendo o posto de comandante, introduz na polícia especial o método “Ataque e Defesa” por intermédio de Sinhozinho.

As transformações do ensino da capoeira buscaram com o tempo uma sistematização. Nesse processo foram criados vários métodos que proporcionaram à modalidade diferentes visões estéticas a partir das proximidades com o entendimento de luta, ginástica ou esporte.

A partir da sistematização a capoeira entra em ambientes de ensino também como esporte, O Jornal Pequeno (Pernambuco) do dia 03 de Janeiro de 1913 publica uma nota sobre a aspiração de quatro rapazes para fundar o “Centro de Cultura Physica” destinado à todos os “Sports Athleticos” inclusive a capoeira, e esclarece que os fundadores conseguiram um espaço notável em uma das instituições de ensino autorizadas de Recife (JORNAL PEQUENO, 1913, p. 2).

Em 08 de Janeiro de 1913 o referido jornal informa que no dia 06 do mesmo mês foi fundado no vasto local do Gymnasio Porto Carreiro, sob a direção do ilustre preceptor Dr. Leopoldo Pires Ferreira o “Centro de Cultura Physica” com expressivo número de alunos (JORNAL PEQUENO, 1913, p. 3). No dia seguinte à notícia de 15 de Março de 1913, aconteceria à inauguração de outro local, o “Centro de Sports Athleticos” funcionando em local provisório (Rua da Imperatriz, número 17). O espaço era considerado “apto para ensinar exercícios de escolas, trapézio, corda lisa, halteres, [...], esgrima, espada, saltos, capoeira, luta romana e box” (JORNAL PEQUENO, 1913, p. 5). Para o dia do evento foram “marcados dois matches de luta romana e um de box, havendo aulas de capoeira e acrobacia, pelos associados” (JORNAL PEQUENO, 1913, p.5).

Sobre a existência de academias com capoeira, Silva e Corrêa (2020) apontam que as primeiras que surgiram no Rio de Janeiro foram no início do século XX. Destacam-se os trabalhos do pioneiro José Floriano (Zeca Floriano), que em 1906 foi responsável pela implantação de uma academia de ginástica e lutas no bairro de São Cristóvão, envolvendo também o ensino da capoeira. Em 1909 ministrou aulas de ginástica, capoeira e luta Greco-romana na sede do Clube do Tiro Internacional.

No ano de 1913 o Clube Ginástico Português oferecia aulas de capoeira como modalidade de ginástica. Em 1916 Raphael Lothus e Mário Aleixo (criador do “Centro de Capoeiragem do Rio de Janeiro”) fundaram no Rio de Janeiro a “Escola de Ginástica Nacional”, a primeira academia do Brasil especializada em capoeira. Outros como Sinhozinho, Jayme Ferreira e Annibal Burlamaqui também desenvolveram o ensino da modalidade em academias.

Em relação à contribuição de Mário Aleixo para a sistematização da capoeira, Silva e Corrêa (2020) destacam sua obstinada pesquisa pelas técnicas e seu resgate de golpes já ocultados pelo tempo. Criou o “Método Ataque e Defesa”, sistema que foi adotado pelo exército e influenciou diversos militares. Seu método de capoeira modernizada chegou a se chamar de “Savata Nacional”.

Quanto aos termos “capoeiragem”, “capoeira” e “capoeirista” no século XIX e o início do XX, Silva e Corrêa (2020) esclarecem que “capoeiragem” era usado genericamente pelas autoridades policiais do Império e da República para qualificar exercícios corporais que envolvessem golpes, sendo os praticantes denominados como “capoeiras”. Com o reconhecimento desportivo a palavra capoeira passa a representar a modalidade e capoeirista o praticante. Ainda assim, na década de 30 a Capoeira Carioca ganha visibilidade, adentra em associações, academias e até mesmo em instituições militares (SILVA E CORRÊA, 2020). Andrade (2016) relata que no século XX a perspectiva desportiva era hegemônica em relação à capoeira.

No dia 28 de junho de 1931 (Jornal Diário de Notícia, 1931) Jaime e os marinheiros baianos Reynaldo (Bala de Bronze) e Manoel T. Ferreira (Mané) são apresentados pela imprensa, segundo Silva e Corrêa (2020) os capoeiristas executam movimentos de capoeira mesclados com golpes de Luta Greco-romana. Os confrontos promovidos, sobretudo por Sinhozinho e Jayme Ferreira repercutiam por todo o país.

O desenvolvimento da capoeira passou por diversas construções sendo o viés esportivo um dos caminhos. Andrade (2016) relata que em 1945 a corrente que entendia a capoeira como um exercício físico foi reforçada com a obra: Subsídios para o estudo da Metodologia do Treinamento da capoeiragem de Inezil Pena Marinho. Silva e Corrêa (2020) mencionam que Inezil era simpático aos ideais de Sinhozinho e Annibal Burlamaqui e conseguiu estabelecer - tomando como referência os parâmetros científicos da Educação Física de sua época - uma padronização intelectual da capoeira como esporte de combate e ginástica nacional. Seu trabalho também mantinha a estrutura dos livros “O.D.C.” e de Zuma.

No ano 1981, Inezil apresentou uma proposta sob o nome de “Ginástica Brasileira”, com o objetivo de regulamentar a capoeira como método ginástico brasileiro a ser divulgado amplamente nas escolas brasileiras (SILVA E CORRÊA, 2020). Essa tentativa não teve sucesso, mas suas contribuições desempenharam um papel importante na institucionalização da capoeira como desporto e também promoveu contribuições importantes à Capoeira Baiana. Apesar de Inezil ser oriundo da escola carioca de capoeiragem de Sinhozinho, afirmou em seu

livro que a Capoeira Angola ao seu olhar era mais pura e o berimbau era indispensável para a prática.

Silva e Corrêa (2020) afirmam que os trabalhos acadêmicos apoiados pelo governo da Bahia e os dos renomados intelectuais como Edison Carneiro, Manuel Quirino, Arthur Ramos, Jorge Amado e o sociólogo Roberto Freyre, juntamente com o apoio dos que entendiam a capoeira como cultura afro-baiana, contribuíram para que Burlamaqui contrariasse sua obra de 1928, passando a defender o ideal da capoeira mais pura. Essa corrente de produção científica e literária exaltando a gênese baiana ocultou do processo histórico de criação da capoeira no Brasil a participação de outros Estados brasileiros, notadamente no Rio de Janeiro e em Pernambuco.

Silva e Corrêa (2020) ainda destacam a atuação de Jaime Ferreira ao ensinar Capoeira Baiana no Rio de Janeiro, justificando esta opção pelo fato de o treinamento da Capoeira Carioca ser brutal, gerando contusões e maculando sua prática entre a elite da sociedade carioca, uma vez que o passado infame das maltas ainda se fazia presente no imaginário popular, reforçando a imagem de violência. Jaime era conhecedor de ambos os estilos de capoeira, sabia que no treinamento da Capoeira Carioca os golpes eram aplicados de forma mais direta e objetiva. Tomando por caminho a Capoeira Baiana optou em utilizar nas aulas, golpes moderados acompanhados “de “cantos de guerra” e instrumentos musicais, como o pandeiro e o berimbau” (SILVA E CORRÊA, 2020, p.245).

Jaime Ferreira, com o objetivo de tornar a capoeira mais combativa e alinhada aos confrontos de ringues do Rio de Janeiro da década de 1930, selecionou os movimentos mais eficientes das Capoeiras Carioca e Baiana e agregou ao seu método golpes de Boxe e de Luta Greco-romana. Criou a “Escola Típica de Agressão e Defesa”, mas seu insucesso e dos seus alunos frente aos combates, o avanço da popularidade de outras modalidades de luta e o projeto nacional da Capoeira Baiana, lúdica e estética apoiado no marketing realizado por intelectuais e políticos, o desestimulou a continuar (SILVA E CORRÊA, 2020).

Lamartine Pereira da Costa em 1961 publicou o livro "Capoeiragem: a arte da defesa pessoal brasileira", considerada a obra mais completa e ilustrada com as técnicas da Capoeira Baiana e Carioca. O livro foi reeditado pela editora Ediouro em 1962 com o título “Capoeira sem mestre”, dividido didaticamente em tópicos e subtópicos; foi juntamente com o título Defesa Pessoal – Método Eclético e Subsídios para Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem, influenciado pela obra de Annibal Burlamaqui (SILVA E CORRÊA, 2020).

Penteado Júnior (2012) afirma que na década de 30 os intelectuais da época indagavam sobre a identidade nacional brasileira. Há a reinterpretação de várias manifestações culturais produzidas no país. O Estado apresentou as práticas populares consideradas genuinamente brasileiras como expressões da cultura nacional, com isso a capoeira sai das ruas e passa a ser entendida como prática desportiva que faz parte da cultura nacional. O então presidente da república Getúlio Vargas liberou diversas manifestações culturais. Também na mesma década, segundo Silva e Corrêa (2020), foi fundado o Departamento de Luta Brasileira (Capoeiragem) da Federação Carioca de Boxe e mais tarde criado o Departamento de Luta Brasileira (Capoeiragem) da Federação Paulista de Pugilismo.

Essas construções da capoeira entendida somente a partir de uma concepção de luta, ginástica ou esporte, apesar de toda a contribuição não obteve direta continuidade. Foi a partir de uma construção de Capoeira Baiana com seus conceitos ancestrais, elementos estéticos e ritualísticos próximos às matrizes africanas que possibilitou à capoeira se propagar enquanto expressão cultural e manter-se até os dias atuais.

2.3 A CAPOEIRA ESCOLARIZADA E INSTITUCIONALIZADA

Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade, e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um auto-conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites. (CAMPOS, 2001, p. 23)

Atualmente a capoeira está inserida em diversos espaços de aprendizagens. Esta conquista se deu por vários esforços ao longo dos tempos. No processo de significação enquanto ferramenta de ensino escolar destaca-se a Capoeira Baiana que possui inúmeros trabalhos que apontam suas contribuições. Dentre eles destacamos o de Campos (2001) “Capoeira na Universidade”, onde o autor afirma que a criação da Capoeira Regional por Mestre Bimba se deu em 1928. Segundo o autor essa forma de escolarização popular da capoeira possuía como principais características pedagógicas e organizacionais o “Exame de admissão, Sequência de ensino do Mestre Bimba, Sequência da cintura desprezada, Batizado, Esquentar banho, Formatura, Iúna, Curso de especialização e Toques de berimbau” (CAMPOS, 2001, p. 37).

Em 1936 a prática foi oficializada pelo governo como modalidade de Educação Física. Andrade (2016) comenta que em 1937 é autorizado o funcionamento da academia de Mestre

Bimba em Salvador. Sob o nome de “Luta Regional Baiana” a modalidade é entendida como símbolo nacional e passa a fazer parte dos discursos oficiais. A obra de Pereira (2020) destaca que “Cultura Física” era uma expressão muito utilizada na imprensa da época.

A criação da Capoeira Regional segundo Campos (2009) se deu pela insatisfação de Mestre Bimba com a capoeira da época, por entender que sua prática na rua estava voltada para folclorização, comercialização e distanciamento do seu elemento marcial. Sua preocupação, portanto, circulava em torno da arte como luta de resistência. Mas o autor declara a existência de apresentações realizadas pelo Mestre e que seus alunos a partir de determinada época não apenas praticavam a capoeira, mas organizavam grupos folclóricos para se apresentarem nos eventos acadêmicos. Ressalta ainda que uma das principais motivações era se apresentarem em shows com o intuito de captar recursos para as viagens acadêmicas, congressos, seminários e jogos universitários.

Mestre Bimba ministrou aulas na Polícia Militar, no Exército Brasileiro, fundou uma academia, apresentou-se para o Presidente da República Getúlio Vargas e o Governador da Bahia Dr. Régis Pacheco no Palácio da Aclamação. Foi uma pessoa notória na imprensa falada e escrita (CAMPOS, 2009).

Campos (2001) aponta que há uma aproximação entre a organização da “universidade popular” criada por Mestre Bimba e o ensino formal acadêmico. Apresenta como elementos os conceitos de “academia, calouro, formatura, paraninfo, orador, admissão, curso de especialização e exame” (CAMPOS, 2001, p. 110). A entrada da Capoeira Regional no meio acadêmico se deu por iniciativa dos alunos de Mestre Bimba e pela distância entre a academia do Mestre e a Faculdade de Medicina da Bahia (CAMPOS, 2009).

O IPHAN (2014) expõe que a ideia de arte/luta marcial brasileira, identificada também na Capoeira Regional direcionou iniciativas públicas que proporcionaram transformações no cotidiano dos capoeiristas. Na década de 1930, o movimento com base nacionalista consentiu o funcionamento do Centro de Cultura Física e Capoeira Regional que encontrou um contraponto na proposta construída por Mestre Pastinha a partir da defesa da Capoeira Angola na ancestralidade africana. “Mestre Pastinha se refere à Capoeira Angola como a legítima capoeira, justificando ser ela originária direta dos africanos aportados no Brasil” (CAMPOS, 2009, p.41).

Em relação à Capoeira Angola, foram desenvolvidos vários trabalhos acadêmicos e, neste caso, ressaltamos Araújo (2004) que menciona o fato de Mestre Pastinha ensinar capoeira na Marinha do Brasil. Esteve à frente da escola chamada de Centro Esportivo de

Capoeira Angola (CECA), fundado em 1941, sendo a primeira capoeira que se preocupou com os aspectos filosóficos, éticos e educacionais de sua prática. Refletindo sobre as questões estética dos nomes Centro de “Cultura” Física e Capoeira Regional torna-se curioso a utilização do termo “Cultura” para uma capoeira que se pretendia como luta, e no caso de CECA - Centro Esportivo de Capoeira Angola a denominação “Esportivo”, para uma capoeira em que defendia os valores culturais africanos.

Araújo (2004) menciona o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (fundado em 1980), esta expressiva organização de Capoeira Angola foi atuante em promover sua difusão por meio do contato com universidades, organizações dos diversos movimentos sociais, comunidades de bairros populares e demais instituições educativas. É uma das maiores representantes dos pensamentos propostos pela escola pastiniana, bem como responsável por desenvolver uma metodologia de ensino estruturada na distribuição dos seus membros entre as comissões de trabalho e os grupos de estudo (ARAÚJO, 2004).

Mestre Pastinha desempenhou relevante papel para a redefinição do novo conceito de ser capoeirista. Até hoje sua presença permanece no imaginário dos angoleiros como a figura ideal de mestre, de educador popular, que é bastante distanciada da educação formal. Ele possuía uma grande preocupação com o ensino-aprendizagem, tinha um zelo pela educação, valorizava o companheirismo, a ludicidade, a herança cultural e os diversos aspectos da capoeira. Sua didática pretendia libertar os capoeiras da vaidade, do egoísmo e conduzi-los a simplesmente vadiar na roda. Acreditava que dentro dos limites esportivos a capoeira potencializa o desenvolvimento físico e da saúde (CAMPOS, 2009).

Com o reconhecimento nacional dos dois Mestres Bimba e Pastinha e suas obras em relação à popularização da capoeira, surgiu a contribuição de outros nomes e a Capoeira Baiana foi difundida pelo Brasil a partir do processo de folclorização. O IPHAN (2014) declara que a disseminação da capoeira foi possível devido à migração de baianos para o sudeste brasileiro.

A construção da capoeira em território nacional aconteceu de forma não linear, a partir de novas construções. Com a fusão de elementos das escolas tradicionais a capoeira ganha várias outras nomenclaturas para delimitar a diferença de abordagens, entre elas: Capoeira Contemporânea, Capoeira de Vanguarda, Capoeira Atual e a Capoeira Hegemônica. Podemos citar ainda as metodologias denominadas de: Somaterapia, Capoboxe, Capoterapia, Hidrocapoeira, Capojitsu e a construção de toques e jogos como Samango, Benguela e Miudinho.

De acordo com Silva e Corrêa (2020), Raphael Lothus modernizou a capoeira inspirando-se nos métodos ginásticos europeus e criou a “Escola de Ginástica Nacional”. Mário Aleixo possuía um método caracterizado por golpes da capoeira aliados aos de outras modalidades que foi chamado de “Savata Nacional” e “Método Ataque e Defesa”. Sinhozinho, que não utilizou os aspectos musicais, folclóricos e estéticos, focou mais na capacidade combativa. O Dr. Ribas Cadaval fundiu o Jiu Jitsu aos seus conhecimentos de capoeira e chamou sua proposta de “Ginástica Nacional Brasileira” ou “Ginástica de Guerra”. Jayme Martins Ferreira selecionou movimentos mais eficientes das Capoeiras Carioca e Baiana e ao mesclar com outras artes marciais criou a “Escola Típica de Agressão e Defesa”.

A partir deste contexto entende-se a capoeira como processo cultural dinâmico, que se transforma e se reinventa, mantendo a capacidade de dialogar com a sociedade contemporânea. O IPHAN (2014) aponta que das sementes das escolas de Mestre Bimba e Pastinha nasceram diversas outras vertentes. O fundamento dos grupos possui o principal referencial, onde podem ser identificados valores estéticos mais alinhados com a escola da Capoeira de Angola ou Regional. As instituições têm diferenças filosóficas e entendem a capoeira como cultura ou esporte. Esse valor conceitual passa pela estética dos toques do berimbau, padrões do uniforme, brasão da instituição, forma de jogar, as gestualidades corporais e várias outras organizações internas, que compreendem a capoeira e sua característica multifacetada.

A luta de capoeira nasceu nas camadas populares (MOREIRA E MOREIRA, 2007) e é de origem afro-brasileira. Entretanto, à medida que ela foi se difundindo por meio das rodas de capoeira, nas diversas regiões do país, tornou-se uma manifestação esportiva cultural genuinamente brasileira.

No desenvolvimento da arte é ressaltado a liberdade, educação, cidadania entre outros como valores da capoeira (ACORDI, 2009). O IPHAN (2014) indica que as escolas contemporâneas nos últimos anos se reorganizaram construindo princípios próprios e distintos. Na Capoeira de Angola há busca por valores tradicionais e a vadição, a brincadeira e a estética são a base do aprendizado.

A capoeira foi aceita pela sociedade a partir da década de 1960 com sua propagação na comunidade educacional institucionalizada (STOTZ, 2010). Uma das conquistas mais relevantes foi a inserção nas escolas graças à proximidade entre a capoeira e a Educação Física. A partir da apropriação do conteúdo da manifestação cultural pela disciplina escolar

foi potencializada a entrada da capoeira em escolas particulares ou projetos integrantes do currículo nas escolas públicas (CAMPOS, 2009).

Segundo Campos (2009) a introdução da capoeira na escola por intermédio da Educação física aconteceu tendo sua relação com a ginástica ou esporte. Este trabalho apresenta que o conteúdo deve estar para além do desenvolvimento motor e atuar como ferramenta concreta capaz de dialogar com vários saberes escolares, promover a interdisciplinaridade e contribuir para uma reflexão profunda sobre os aspectos históricos e sociais.

Segundo Penteado Júnior (2012) e Andrade (2016), em 1961 a capoeira é incluída no currículo de ensino da polícia militar do Rio de Janeiro. Em 1968 o Ministério da Aeronáutica organizou o Simpósio Nacional de capoeira, evento que se repetiu em 1970 como parte de um movimento que visava à sistematização da capoeira enquanto modalidade esportiva. As ações resultaram no seu reconhecimento oficial pelo Ministério de Educação e Cultura em 1972.

Com a capoeira institucionalizada pelo Conselho Nacional de Desporto ela passa a estar vinculada a Confederação Brasileira de Pugilismo. Dois anos mais tarde é criada em São Paulo a primeira entidade alinhada ao projeto de regulamentação esportiva. Em 1992 é iniciada a Confederação Brasileira de capoeira, entidade ligada à Federação Internacional de capoeira reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro. Penteado Júnior (2012) comenta que no século XX a capoeira passou a ser compreendida como esporte nacional, atualmente está presente em diversos locais como academias e escolas.

Em 2008 houve o reconhecimento da Roda de capoeira e do Ofício dos Mestres de capoeira como parte do patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo IPHAN. Amaral e Santos (2015) denunciam que embora sejam respeitados pelas comunidades como legítimos guardiões culturais e resguardados pelo Estatuto da Igualdade Racial, tendo por meio deste documento a possibilidade de atuar nas instituições de ensino públicas e privadas, os mestres de capoeira não possuem espaço no mercado de trabalho e esta condição coloca uma parcela dos protetores culturais em sérias dificuldades de sobrevivência.

Andrade (2006) menciona que em 2003 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDBEN foi alterada com a promulgação da lei Nº 10.639. A normativa representou um marco por reconhecer uma das importantes demandas históricas dos movimentos sociais comprometidos com a luta contra o racismo e o preconceito. A lei no seu Artigo 26A, inciso 2, discorre que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão aplicados no âmbito de todo o currículo escolar, “em especial” nos campos da Educação Artística e de

Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003). “Em especial”, nota-se a não inclusão da Educação Física. O movimento também se faz presente em vários patrimônios imateriais afrodescendentes para além da capoeira, já abordada como conteúdo no currículo da disciplina. A integralidade do ser e suas múltiplas temporalidades considera o corpo como base do contexto histórico-vivencial, é instrumento para estudar as tradições de matrizes africanas aportadas no Brasil, seu fazer educacional e seus desdobramentos a partir dos brasileiros (ARAÚJO, 2004).

Andrade (2016) destaca que as propostas de inserção da capoeira como prática desportiva no campo educacional ainda são hegemônicas, porém há também como possibilidade verificada a promoção de apresentações folclóricas em datas específicas colocando a capoeira como algo pitoresco e representante das manifestações consideradas subalternas ao conhecimento escolar. Expõe que a capoeira se faz mais presente nas escolas privadas e segue a lógica do mercado privado de educação onde prevalece a racionalidade colonial. Nessa condição mostra-se como mais um recurso publicitário que não deve ultrapassar as fronteiras da folclorização.

Nas instituições públicas há um ambiente favorável para que se desenvolva tensões que favoreçam a promoção da justiça cognitiva no que se trata de conhecimentos afrodescendentes, porém, as pesquisas demonstram o aparecimento da capoeira nos programas de educação Integral como oficinas, como modalidade em uma proposta extracurricular, uma atividade meramente lúdica. Essa condição subalterna dificulta a ação contra o projeto educacional hegemônico (ANDRADE, 2016).

Penteado Junior (2012) menciona que muitos mestres acreditam na capoeira como uma filosofia de vida que possui princípios e valores morais prezados pelo homem na convivência social. A partir disto a capoeira é compreendida como instrumento potencializador para a formação cidadã, sendo assim não possui fim em si mesma.

A capoeira está se inserindo com relevância no campo educacional principalmente como conteúdo da Educação Física e suas possibilidades pedagógicas contribuem para a ampliação da perspectiva cultural. Sua prática permite ao sujeito compreender uma dimensão do conhecimento e de experiências muito particulares e insubstituíveis. Porém, para que seja significativa é necessário problematizar, desnaturalizar e evidenciar a vasta gama de sentidos e significados que os grupos sociais aplicam às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento (BRASIL, 2017).

2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA, CAPOEIRA E ARTE

A Capoeira é [...] uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno. Ela atua de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivo, afetivo e motor (CAMPOS, 2001, p. 23).

Para dar suporte aos objetivos da pesquisa, além de contextualizar historicamente a capoeira e seu processo de escolarização, é relevante discutir alguns aspectos das possíveis relações entre esta expressão cultural, Educação Física e Arte. A Educação Física é inserida na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) na área das linguagens. O documento expõe que é fundamental apresentar aos estudantes uma gama diversificada de experiências de linguagem, com foco em suas capacidades expressivas. Tais capacidades podem ser ampliadas a partir do trabalho com manifestações artísticas, corporais e linguísticas.

Outro documento norteador é a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2016), ao discutir sobre as estratégias metodológicas que podem ser adotadas por professores de Educação Física, menciona a importância da escolha de instrumentos e meios que possibilitem a aprendizagem das especificidades técnica, conceitual, estética e ética dos conteúdos.

Sobre a estética seus elementos podem ser verificados na arte. De acordo com Campos (2001, p. 23) “a arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal, criatividade de movimentos, assim como, um riquíssimo tema para as artes plásticas, literárias e cênicas”. Percebe-se na presença de saberes corporais, emotivos, lúdicos e estéticos que estão para além da prática científica, uma potencialidade do universo cultural que favorece ao corpo escolar experimentar e analisar as diferentes formas de expressão (BRASIL, 2017).

A arte da capoeira transforma-se em um instrumento educacional que aponta por meio dos seus elementos conceituais, éticos, estéticos e técnicos, para a possibilidade do desenvolvimento de um pensamento crítico e emancipado, capaz de questionar os padrões sociais que estão incutidos no cotidiano.

Andrade (2016) ressalta que a capoeira está presente na escola em diversas formas de atuação, incluindo o âmbito cultural. Em 2008 a capoeira obteve amparo do IPHAN ao ser intitulada Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Esta ação auxiliou nas estratégias de combate às ingerências dos conselhos de educação física. Legitimou os mestres de capoeira

como detentores do saber a partir do reconhecimento formal pelo Ministério da Educação. Oportunizou a titulação em notório saber para ensinar em escolas, colégios e universidades protegidos contra as investidas predatórias dos conselhos de educação física (ANDRADE, 2016).

Araújo (2004) destaca a cultura como um conceito de significados que se apresenta irreduzível às instituições. Diante da dimensão cultural as capoeiras constroem significados e reelaboram o fazer estético dentro das possibilidades para romper as barreiras sociais impostas.

De acordo com Andrade (2016) o conceito da capoeira originária dentro das senzalas como luta disfarçada em dança está no imaginário dos praticantes e presente nos discursos dos educadores escolares. Pinto, Corrêa e Knaben Júnior (2010) acrescentam que ela é uma manifestação cultural afro-brasileira. Um patrimônio que carrega em seus elementos, gestualidades e ritos a memória de resistência contra a escravidão no Brasil colônia. Sua historicidade e complexidade orientam os estudos para uma perspectiva aberta e interdisciplinar.

As manifestações culturais são meios de resistência e luta. A educação corporal da capoeira liberta os sujeitos. Libertar-se é ter consciência da importância de sua ação no mundo, envolvendo processos que comprometerão além do próprio ser, os outros. Arte, educação, esporte, luta, história, política, música e cultura se entrelaçam no tema.

Penteado Júnior (2012) afirma que os princípios que determinam o jogo da capoeira, podem ser transferidos para auxiliar na relação com o mundo fora dela. Pinto, Corrêa e Knaben Júnior (2010) revelam que a capoeira é uma manifestação que zela pela memória e sua função é lembrar que a luta por emancipação social abarca os trabalhadores.

De acordo com Ferreira (2012) a memória se constitui com base na experiência e no sentido entre as imagens construídas e reconstruídas, estas a partir de novas vivências e novos sentidos se modificam e ressignificam. Esta forma de linguagem está para além de um mero sistema de signos que serve apenas para a comunicação.

As imagens da Arte possibilitam por meio do trabalho de Ferreira (2012) identificar vestígios de resistência contra a escravidão, utilizando os primeiros registros iconográficos que foram realizados no século XIX. Referindo-se às cidades coloniais, relata sobre a ocupação de espaços urbanos pelos sujeitos capoeiras. As imagens apresentadas e analisadas por Ferreira (2012) possibilitaram a construção de diversas hipóteses com o objetivo de

compreender a realidade estudada. A estética da imagem possibilita criar conceitos e refletir de maneira crítica sobre a era colonial.

Soares (2015) relata que a arte é conhecimento humano, símbolo, representação, expressão e que não possuem um único conceito, o entendimento é subjetivo. Para desvendá-la é preciso ultrapassar o limite do pensamento discursivo e partir da capacidade imaginativa para interpretar seus símbolos, entendendo o mundo concreto pelo sentimento. Entender a subjetividade significa admitir a importância do saber objetivo.

Segundo Ferreira (2012) Walter Benjamin revela que através da imagem no seu sentido amplo - considerando-a também como sonora, palatável, tátil e olfativa – podem-se realizar leituras possíveis da realidade, pois elas carregam significados para além dos dados materiais, relatam a respeito das memórias e significados da informação por ela carregada.

Damião (2018) relata que a historicidade do objeto estético está associada ao passado e presente, e se constitui no contexto histórico. Percebe-se essa afirmação diante da estética construída acerca do personagem capoeira.

Penteado Júnior (2012) afirma que no século XIX as representações da capoeira estavam ligadas a condição social dos praticantes, indivíduos negros e pobres que se encontravam na parcela marginalizada da sociedade e carregavam fama de vadios, inconsequentes e perigosos. Em seu trabalho, baseado na obra literária “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, o autor analisa elementos que perpassam pela estética do vestir-se e portarem-se característicos de seus personagens. A obra contextualiza a época mencionando que práticas do universo das pessoas pobres e negras - a capoeira entre outras - eram perseguidas e reprimidas, por serem consideradas como “bárbaras” naquele momento.

Em “O Cortiço” na descrição estética do personagem Firmo estão representados um conceito ligado à realidade social, as lutas e tensões entre as classes. Ao pensar na representação estética do capoeirista hoje, percebe-se que não é a mesma representação conceitual da capoeira do passado. “As idéias, originadas na história, são, portanto, em si mesmas intemporais, mas contêm, sob a forma de "história natural", ou virtual, uma remissão à sua pré e pós história” (BENJAMIN, 1984, p. 19).

Pinto, Corrêa e Knaben Júnior (2010) denunciam que no contexto escolar há a exclusão sistemática de conteúdos ligados à cultura popular brasileira, principalmente dos povos marginalizados. Pode-se inferir que os educandos ficam desprovidos de uma visão ampliada acerca da complexidade da situação social, dificultando a compreensão do cotidiano.

Penteado Júnior (2012) afirma que no século XX a capoeira transforma-se e o que antes era arte de vadiagem passa a ser esporte nacional. Esse novo conceito coaduna-se perfeitamente com o discurso médico higienista entranhado por uma visão eugênica que visava à purificação da raça.

Castro Júnior (2012) oportuniza em seu trabalho conhecer a prática por meio da estética e promove uma fonte de análise social ao utilizar a arte plástica do artista Carybé para compreender a gestualidade do corpo e sua transformação na dinâmica contínua da prática corporal. O autor acredita que os gestos corporais na capoeira possibilitaram aos povos negros escravizados no Brasil resguardar seus saberes, seus sonhos e artes. As gesticulações revelam uma memória que mostra as micropolíticas dos legados e anseios afrodescendentes.

Para Castro Júnior (2012) as obras de Carybé não devem ser compreendidas somente como ilustração, mas como linguagem sem palavras que constrói um texto com significado de referência imagética com a capacidade de reconstruir o passado. Na capoeira as questões conceituais se constroem a partir da história de um povo marginalizado, os padrões estéticos e éticos de uma sociedade podem ter a possibilidade de serem ressignificados.

Com o intuito de contrapor a visão limitada da realidade social, Soares (2015) aponta que a educação estética engloba questões envolvendo diversos conceitos da sociedade; ressalta o papel fundamental do educador no sentido de identificar cada um deles e avaliar a práxis do conceito eleito no fazer pedagógico para trabalhar com as subjetividades e diferenças de cada aluno.

A partir de uma postura crítica ao mundo contemporâneo e à sociedade capitalista, o professor deve ser protagonista e propor as discussões que cercam a arte na educação (Soares, 2015). O educador deve alicerçar a reflexão em busca da construção de uma sociedade que priorize no homem aspectos afetivos, sensíveis, desenvolvendo nos sujeitos uma capacidade de identificar na arte e na estética a presença de ideologias e visões filosóficas que nem sempre se apresentam visíveis.

Sob essa perspectiva as áreas da linguagem (incluindo a Educação Física) possuem relevância para construir uma sociedade mais sensível às questões sociais com intuito de superá-las. Soares (2015) afirma que a sensibilidade é capaz de encorajar o enfrentamento da realidade cotidiana e tornar o cidadão mais consciente de seus deveres com o outro e com o planeta. O desenvolvimento dos sentidos está ligado à educação estética.

Essa perspectiva destaca também o papel da escola, Soares (2015) afirma que é um dever das instituições de ensino desenvolver a formação estética, experiência que oportuniza

um olhar para dentro de si, o desenvolvimento do autoconhecimento e do relacionamento interpessoal.

Para isto é importante que se dê atenção ao processo contínuo de escolarização dos sujeitos e formação dos educadores para que a educação estética emancipadora aconteça de fato e esses agentes sociais possam exercitar constantemente a reflexão, compreender a arte na educação e o que significa desenvolver o ensino utilizando o encontro de ambas em um único conceito.

Na capoeira há construções de conceitos, ao inverter a posição do corpo e trocarem-se os pés pelas mãos inverte-se a lógica de apresentar-se (SANTOS, 2009). O corpo realiza posições que em outras oportunidades poderiam ser interpretadas como “maluquices”. O preenchimento dos espaços vazios constrói o diálogo corporal, os golpes e gestos da prática atendem a necessidade de uma sociedade em sua época.

O (se – movimentar) no jogo da capoeira não denota apenas a parte física, esses movimentos trazem intrínsecos, sentimentos, sensações, histórias e experiências de vida, que são exteriorizados na roda de capoeira através de movimentos gestuais (BRITO, 2005, p. 42).

Moreira (2008) expõe que o jogo pode ter sentidos diferentes e ser “contra” ou “com” o outro. A terminologia “contra” indica luta, disputa, desafio, já o termo “com” é estabelecido com o camarada, confrade e representa um diálogo corporal harmonioso, atribuindo aspectos de ludicidade e estética ao jogo. Em ambas as formas de jogar, a capoeira sofre interferência de outro elemento estético: a cantiga.

O jogo em si pode ser interpretado esteticamente como uma imagem que apresenta ao espectador uma visão de mundo onde os indivíduos, neste caso os jogadores, compartilham do respeito, da solidariedade, da cooperação, da partilha social e somam igualmente no processo de construção da realidade.

Por outro lado, um jogo de capoeira onde o “outro” é caracterizado como adversário é perceptível a disputa, a competição, a auto afirmação e demonstração de poder. Esse contexto expressa uma realidade violenta e de luta.

O jogo da capoeira entendido como arte apresenta seus praticantes como atores sociais que demonstram na roda a sua realidade vivida fora dela. Vaccari (2018) afirma que Benjamin em sua obra “Passagens” constrói uma crítica que possa diferenciar a arte historicamente compromissada com a verdade de outra, cujo fim reside tão somente na manutenção da ilusão e da fantasmagoria. Assegura-se a necessidade de desenvolver um olhar crítico e emancipado a fim de entender o que a arte expressa e comunica.

Soares (2015) apresenta a cultura como campo da educação estética e nesse contexto é importante que se compreenda os rituais indígenas através da observação das formas de pinturas do corpo, os movimentos, os instrumentos, as vozes e a maneira que se conectam com as divindades. Em relação aos afrodescendentes o autor evidencia as riquezas culturais e estéticas que influenciaram na cultura brasileira que hoje, fortalecem a legitimidade e demarcam símbolos de resistência da população afro-brasileira frente ao dominador e sua ideologia dominante.

As pinturas, esculturas, gravuras, poesia, música, danças e instrumentos servem como subsídios para debates em torno de um discurso que originou a escravidão e a inferiorização do povo negro. Essas ideias localizadas na linguagem (BENJAMIN, 1984) potencializa a transmissão de valores e contribui para resistir à opressão e se reconhecerem enquanto grupo social.

Apoiando a arte cultural como conhecimento, Santos (2009, p. 127), compreende “O corpo como uma forma de mostrar o sujeito e a cultura, uma imagem que mostra a sociedade”, é um signo que estabelece conexão entre o ser humano e a cultura. Nessa direção, Castro Júnior (2012) relata que na manifestação cultural da capoeira as sensações do corpo se dão a partir dos códigos ritualísticos que se iniciam por meio da música e transportam a pessoa para outros campos de sensações.

Essa experiência almeja instrumentalizar para a transmissão de um conhecimento que possa produzir estratégias capazes de contar outra história, diferente da construída pelo opressor. Rodrigues (2017) confirma que a capoeira se posiciona contra ideologias impostas pelo sistema corrente baseado na competitividade e individualidade.

O jogo da capoeira caracteriza-se como uma experiência singular para cada indivíduo. Ferreira (2012) afirma que a experiência ultrapassa o momento presente e possibilita ressignificações do que já foi vivido, alterando nossas percepções e utopias para o que está por vir, estes elementos a colocam em uma esfera diversa e múltipla em seus amplos domínios de significação.

Partindo dos referenciais Benjaminianos, Ferreira (2012) alude que uma experiência acontece na relação consciente estabelecida entre o sujeito e o objeto, esta compreensão possui características singulares e irrepetíveis ocorrendo em um dado tempo, momento histórico e contexto. Esta relação entre o ser humano e o meio ocasiona diferentes percepções em pessoas diferentes.

Apesar de pessoal, a experiência só ocorre pelo fato do indivíduo estar socializando com outros sujeitos, em movimento e modificação constante. Ao ressignificar as práticas a capoeira socializa novas possibilidades de fazer, compartilha o conhecimento construído através das reflexões e interfere no modo de ver, pensar e agir de outros. Essa dimensão coletiva desencadeia na vida novas experiências sociais.

Castro Júnior (2012) destaca que na capoeira ocorre o entrelaçamento entre o visível e o invisível. O capoeira, a partir das suas experiências na roda, aumenta a capacidade de observação global, o corpo passa a ver o mundo para além do alcance dos olhos. Ferreira (2012) reforça que as experiências são cumulativas e que possibilitam a ressignificação de nós mesmos e de todas as experiências anteriores.

A experiência de expressar-se na roda apresenta simbologias corporais que o pintor Carybé reconhecia nas diferenças estéticas entre os centros e estilos de Capoeira Angola e Regional, sua obra arte possui a capacidade de reafirmação da identidade de cada agrupamento. As pinturas interagem com o povo e revelavam os conceitos sobre o legado cultural da população baiana, registrava e contava as características e o movimento cotidiano (CASTRO JÚNIOR, 2012).

Ao refletir sobre a ação significativa de acordo com a necessidade do seu tempo a pesquisa de Castro Júnior (2012) nos apresenta ícones da capoeira, como os Mestres Bimba, Pastinha, Canjiquinha, Caiçara, Cobrinha Verde, Waldemar da Liberdade, entre outros, que transformaram a realidade social em que viviam por meio de suas vivências.

A obra dos mestres do passado perpassou pela prática corporal e se concretizou em uma construção singular de cada um deles. Estes guardiões culturais criaram formas particulares de fazer a arte-capoeira. Entende-se que a identidade cultural da capoeira é provisória, fragmentada e única dentro de sua própria diversidade cultural. É por meio da arte do corpo que se tenta entender uma história de riqueza inigualável com múltiplos significados; que resistiu ao passar dos tempos até os dias atuais; sofrendo no decorrer das eras diversas transformações sociais e culturais.

Castro Júnior (2012) destaca que o corpo na capoeira realiza um diálogo ritualizado que honra seus ancestrais, transmite saberes e constrói múltiplas mensagens de resistência que expressam aos dominantes que sua luta se contrapõe aos ideais da civilização escravizadora.

Nos desenhos de Carybé percebem-se os velhos mestres num alinhamento corporal diferente da realidade estabelecida pelas instituições no século XIX. Instituições como escolas, prisões, entre outras que almejavam construir corpos perfilados e eretos por meio da

ginástica e de outros aparelhos. Em contrapartida, os corpos em movimentos dobrados e entrelaçados aparentam o dismantelamento das estruturas rígidas e fogem aos padrões estereotipados da tirania e beleza do corpo. Essa geografia desalinhada dos corpos faz emergir um paradigma estético-ético capaz de incorporar o diferente como indispensável à constituição e formar um novo conceito. Por fim, alimenta a questão da resistência às interferências culturais (CASTRO JÚNIOR, 2012). A capoeira é uma mensagem de esperança aos povos oprimidos.

Santos (2009) explica que a capoeira é uma prática social que acontece em um determinado tempo para suprir as necessidades materiais e simbólicas dos sujeitos de uma determinada cultura, seus códigos estéticos e políticos a transformam em um instrumento de rompimento social e de enfrentamento aos valores estabelecidos. Corroborando Amaral e Santos (2015) acreditam que os rituais da capoeira, seus cânticos e estratégias de luta se constituíram em uma ferramenta que impede o esquecimento das experiências de desrespeito.

Alinhando o conhecimento científico àquele produzido no cotidiano da sociedade está a manifestação cultural. Dentro da escola essa arte oportuniza aos discentes lançar outros olhares para a sociedade e desvelar as mazelas construídas no decorrer da história praticando uma visão crítica sobre a realidade.

Benjamin (1989) destaca que crianças em processo de aprendizagem reconhecem como obras primas a arte e aplicam critérios mais rigorosos apenas para aquelas que tratam da sua realidade. Suas simbologias, ritos, cantos, construções históricas e sociais retratadas em diversos campos da arte no decorrer dos tempos, permitem a sociedade em diversas camadas sociais compreender a potência de seu conceito de luta de resistência, os corpos em movimento de combate expressam dentro da gestualidade discursos que contrapõe o sistema opressor vigente e demarca a importância da memória ancestral (SANTOS, 2009).

É possível perceber que a capoeira aliada à arte fortalece a busca por emancipação social, expõe na prática de sua manifestação corporal o embate entre o visível e o invisível. Cada capoeira partindo de sua singularidade carrega um conhecimento e o transmite por meio de símbolos que ultrapassam o pensamento discursivo e alimentam valores sociais como a solidariedade e o respeito.

2.5 CAPOEIRA, ESTÉTICA, CONCEITO

É por fidelidade às coisas que ele precisa do mundo das idéias. Sem elas, os fenômenos não teriam uma "interpretação objetiva", o que as condenaria à mudez e à tristeza, e não poderiam ser salvos, pois se dissolveriam, seja no conceito, seja numa "visão" subjetiva, na qual não há lugar para o objeto (BENJAMIN, 1984, p. 15).

A capoeira está ligada ao regime escravagista e teve maior representação nas cidades portuárias de Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Ajustou-se de forma peculiar em cada localidade aliada a necessidade de cada praticante. A partir do legado do povo africano e seus descendentes emergiu a todos os setores da sociedade e sofreu transformações (SILVA E CORRÊA, 2020).

Sua historicidade e a construção de conceitos sobre as épocas foram difundidos em diversos meios de comunicação como obras literárias e manuais que revelam os movimentos da luta brasileira. Stotz (2010) relata que até meados do século XX para justificar a falta de estudos sobre a escravidão no Brasil e a gênese da capoeira, utilizou-se o argumento que a maioria das fontes documentais havia sido destruída. Porém, na contemporaneidade vários pesquisadores têm se valido de diversas fontes não tradicionais para estudar o passado: notícias de jornais, tradições religiosas do século XX, registros de prisões, entre outras.

Por meio de diversas possibilidades de registros é possível visualizar que em cada tempo o capoeira e seus grupos se valeram de conceitos estéticos para que suas ideias pudessem ser representadas.

As primeiras representações de arte que registram a memória da capoeira constam obras de Thomas Ender, Augustus Earle e Johann Moritz Rugendas. Cada uma delas propicia o ato de reflexão partindo do conceito de estética sobre a diversidade da prática. Silva e Corrêa (2020) consideram que na Bahia se desenvolveu com caráter mais lúdico, no Rio de Janeiro como luta e em Pernambuco os jornais apontam que se aliou às tradições do carnaval.

A manifestação cultural da capoeira se construiu de forma diversa devido às necessidades exigidas. Araújo (2004) comenta que na história da capoeira é possível perceber o fazer coletivo e estético dos descendentes de africanos (seja nos centros urbanos ou comunidades rurais) que no século XIX foi marcada pela perseguição, discriminação e criminalização imposta pelos sujeitos que estabeleceram novos padrões culturais.

Os padrões construídos na capoeira buscaram sempre em suas raízes valores que se pautam na liberdade e na luta social. Mwewa e Vaz (2006) apresentam o conceito de marginalidade como espaço de reivindicação da cultura popular. Apontam que na primeira metade do século XIX os capoeiras utilizavam como códigos elementos estéticos, marcados inclusive em seus corpos. Símbolos identitários que contribuem para o conhecimento e reconhecimento daqueles que comungavam da causa social de luta por espaço na sociedade.

De acordo com Silva e Corrêa (2020) pode-se perceber que as maltas contavam com veteranos da Guerra do Paraguai e todos os seus integrantes se distinguiam por obedecerem a um padrão esteticamente definido, portadores de elementos visivelmente utilizados como símbolos que caracterizavam seu pertencimento.

No caso de Nagoas, cada indivíduo deveria se identificar pela cor branca, trajar cinta branca sobre a encarnada e chapéu de aba batida para frente. Os Guaiamús se caracterizavam com a cor vermelha, o traje deveria ser com cores encarnadas sobre a branca e chapéu de aba elevada na frente.

As maltas possuíam combates violentos, a agressividade do conflito pode ser visualizada na página 108 da obra de Silva e Corrêa (2020), onde há uma ilustração que mostra as disputas sociais que marcaram uma época no Rio de Janeiro. A imagem demonstra uma luta violenta envolvendo diversos golpes de capoeiragem: ao centro um capoeirista aplica uma “baiana”, à esquerda, em segundo plano, outro executa um chute frontal na cabeça do adversário, à direita mais um se defende com “corta capim”. O uso de armas é retratado, a figura mostra os indivíduos portando punhal, bastão e revólver.

Abreu (2017) em sua obra que versa sobre o capoeira Nagé, aponta: “na realidade, a violência é uma garra inerente a história do ser humano” (ABREU, 2017, p. 41). Relata que os atos de violência praticados por Nagé quando “simbolicamente reconstituídos, são mais do que reflexos de uma época e indicadores da índole daquele capoeirista” (ABREU, 2017, p. 41-42).

O autor ainda destaca o olhar artístico que teatraliza os fatos violentos, principalmente quando o historiador se despe da imparcialidade e advoga a favor do capoeira em sua narrativa. Este capoeira artista e herói, assim como muitos outros “personagens e mitos levianos, que povoam o universo simbólico da arte” (ABREU, 2017, p. 41) serve de fonte para que se consiga “extrair luminares”. “É ou não é causa de alegria para o historiador da antiguidade da capoeira encontrar uma série infinita de turbulências, das quais os capoeiras participaram como réus ou vítimas” (ABREU, 2017, p. 41).

Abreu (2017) aponta que os estudos sobre a estética da violência podem auxiliar a desvendar as contradições do apego da capoeira com a violência e propiciar o entendimento da causa que fazia alguns capoeiras a se desapegarem da agressividade para transformar-se em bons cidadãos.

A obra de Abreu (2017) traça um paralelo entre os movimentos da capoeira e o exercício do trabalho ao destacar a aproximação estética e ética entre o saber do dia a dia, das ruas, da labuta com o que é ensinado pelos mestres de capoeira. Ferreira (2012) diz que a experiência estética auxilia no conhecimento da realidade diferente daquela apresentada por outros sistemas simbólicos, ela é relevante, pois complementa a formação social do indivíduo.

Percebe-se que na capoeira a estética contribuiu de diversas formas para que o grupo social marginalizado pudesse se ressignificar e resistir ao sistema opressor.

2.5.1 A estética musical na capoeira

Para Araújo (2004) a estrutura musical na roda de Capoeira Angola é extremamente importante, pois a comunicação acontece através dos toques, suas variações e o canto onde as metáforas orientam às reflexões presenciais e presença integral no ritual. As canções proporcionam aos presentes o alcance do mais elevado grau de envolvimento com os significados simbólicos reais ou imaginários, transmitem o ritmo, mas também são capazes de construir significados e ensinamentos para toda a vida, e esse sistema simbólico a partir de sua estética constrói entendimentos que transcende o próprio Locus do Cantador (SAMPAIO; TAVARES, 2007).

A racionalidade estético-expressiva para Andrade (2016) possibilita a atuação dos praticantes em diversos campos sociais. O modo de pensar e as ações do cotidiano estão relacionados com as palavras cantadas nas rodas de capoeira. Benjamin (1984, p. 37) menciona que falar “alegoricamente significa, [...] remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra”.

O cantador tem a possibilidade de partilhar saberes acumulados e reconfigurados historicamente; direcionar a brincadeira mudando a dinâmica do jogo. As transmissões das experiências contribuem para o processo de memória, imagem e sentimento, favorece ao sujeito entender o presente, porque o passado se faz vivo nas atuais ações e não há uma cisão das ações humanas ou do tempo. Nos discursos e partilhas com o outro constituímos as ideias

e a nós mesmos. A estética do canto na capoeira entrelaça a ética das ações presentes. Sua produção ética possui uma atuação política de base estética, pois a transmissão oral dos cantos propaga a sabedoria, ultrapassa a dimensão contemplativa. Sua simbologia é de um agente socializador com sentido pedagógico (ANDRADE, 2016).

As cantigas de capoeira são denunciativas quanto ao confronto de ideais e filosofias em torno da manifestação cultural e chamam a atenção para a necessidade de valorizar os preceitos da arte como malícia e mandinga, evitando a ideia do corpo como utensílio. Porém, a influência midiática difunde e determina uma imagem do belo que a sociedade almeja atingir por meio de técnicas de reconstrução ou transformações da constituição física (TAVARES, 2018).

Ao considerar o canto como campo político social, Araújo (2004) destaca que nos anos 1980, Mestre Moraes conscientizava para que os angoleiros rejeitassem canções que manifestassem o preconceito, inferiorização do povo negro e as letras que continham conceitos estigmatizantes em relação à mulher.

Penteado Junior (2012) afirma que a capoeira não é somente um esporte, mais sim uma prática ritual que contém uma série de símbolos e significados que devem ser interpretados tomando como contexto o meio em que surgiu, ou seja, a escravidão.

A imagem da obra *Capoeira* (1820) de Augustus Earle e a descrição de alguns métodos da capoeiragem carioca contidos no trabalho de Silva e Corrêa (2020), indicam que os instrumentos musicais foram implementados com o passar do tempo.

Em *Danse de la guerre* (1835) de Johann Rugendas, nota-se o uso de tambor. Esse elemento estético e a posição gestual dos combatentes, observados na ilustração, respaldados pelos estudos de Stotz (2010) abrem à possibilidade de refletir sobre a representação da imagem não somente acerca da capoeira, mas de outras lutas ou rituais africanos.

O trabalho de Kay Shaffer - *O berimbau de barriga e seus toques* apresenta uma série de gravuras dos arcos musicais e suas formas estéticas que incitam a lembrar de armadilhas ou armas. Sobre o arco musical o autor comenta:

A invenção do arco de caça pensa-se ter acontecido no norte da África cerca de 30.000 e 15.000 anos atrás. Henry Balfour (Baines, 1969: 37), ao fim do século passado, expôs sua teoria segundo a qual o arco musical foi desenvolvido daquela arma. O antropólogo suíço Montandon (apud Baines, 1969), logo após, exprimiu a sua opinião de que o arco de caça foi derivado do arco musical e, em 1929, Curt Sachs (1940) opinou que os dois arcos foram desenvolvidos completamente independentes um do outro (SHAFFER, 1977).

O processo de escolarização engendrou padrões de instrumentação e os grupos empregaram formações variadas. Segundo Araújo (2004), a Angola pastiniana usa da esquerda para direita: reco-reco, agogô, pandeiro, berimbau Gunga, berimbau Médio, berimbau Viola, pandeiro e atabaque. Campos (2009) ressalta essa estética como essencial para que o capoeirista possa se expressar na roda de Capoeira Angola.

De acordo com Campos (2009), na Capoeira Regional é utilizado um berimbau e dois pandeiros, o vídeo Mestre Bimba em Salvador - INA. fr - Tv Francesa apresenta o Mestre em um momento de sua prática tocando somente um berimbau e os demais participantes contribuindo com as palmas e; em outro momento, a utilização de um berimbau e um pandeiro dispostos da esquerda para direita.

Sobre o berimbau o estudo de Shaffer (1977) revela que no princípio a vara do berimbau possuía a parte superior cortada de forma plana e a inferior pontuda, em determinado tempo todos os mestres com exceção de Bimba adotaram uma forma detalhada onde nota-se a ausência da ponta “afiada”, essa forma de construção do instrumento iniciou-se logo no fim do período de repressões policiais. “Todos os capoeiristas que aprenderam depois daquele tempo só conheceram a segunda forma” (SHAFFER, 1977, p. 18).

A pintura da madeira do berimbau inicia-se em 1940, Mestre Bimba é conhecido por tirar a casca e envernizar (com verniz claro) preservando a cor natural da madeira e Mestre Waldemar destaca-se por ser o primeiro a imprimir cores na verga (SHAFFER, 1977).

As alternâncias na construção do instrumento e na formação da bateria denota não haver rigidez estética em determinada época. A análise de algumas obras cinematográficas corrobora com a reflexão; em *Vadiação* (1954) de Alexandre Robatto Filho nota-se a utilização de dois berimbaus e um pandeiro entre eles.

Os vídeos que retratam Mestre Pastinha e seu grupo: Veja o Brasil “Capoeira de Angola” de Alceu Maynard Araújo, com datas estimadas entre 1940 ou 1950 a organização da bateria apresenta-se da esquerda para a direita: berimbau, pandeiro, berimbau, pandeiro e xequerê. Em *La Capoeira* (1963), os instrumentos estão dispostos da esquerda para direita: reco-reco, pandeiro, pandeiro, berimbau seguido de outro berimbau. Nota-se a ausência do atabaque descrito por Araújo (2004) como pertencente à Escola pastiniana.

2.5.2 Representação dos elementos estéticos na capoeira

Os elementos estéticos da Escola de Capoeira Angola e o método popular do Mestre Pastinha, de acordo com Araújo (2004) podem ser percebidos nas pinturas do próprio Mestre. Suas representações mostram os elementos conceituais que caracterizam o que a autora chama de “herdeiros da tradição”. As imagens ilustram os jogadores vestidos com camisa amarela e calça preta, representando um padrão estético da Escola, conceituando o praticante como pertencente ao grupo pastiniano. Essa organização formal era utilizada em momentos específicos, como apresentações. Verifica-se a exigência da camiseta presa na calça e o uso de calçados, o qual os “herdeiros da tradição” utilizam para proporcionar segurança e representar um símbolo que conceituou quem era liberto ou escravo no período escravocrata.

De acordo com Araújo (2004) alguns dos discípulos desta renomada Escola optaram por não continuar utilizando o traje idealizado por Mestre Pastinha, mas sim a roupa branca, o padrão estético caracterizado com calça “tipo social”.

A vestimenta como elemento estético pode conceituar o pertencimento a determinado grupo. A roupa branca foi adotada pela Capoeira Regional, Campos (2009) comenta que os treinos em princípio aconteciam sem a rigidez do uso de uniformes.

Em relação à capoeira na escola, Campos (2001) menciona uma padronização estética em relação ao uniforme, podendo ser “calça branca meia perna, camiseta branca e descalço, tendo ainda a opção do uniforme de educação física”. Verifica-se em sua obra uma imagem intitulada como “FARDA E ESCUDO” onde a indumentária reforça a padronização, trazendo elementos estéticos que na capoeira representam respectivamente os conceitos de hierarquia (corda) e de pertencimento a um agrupamento específico (brasão).

O mesmo uniforme que marca a identidade transmite a estética de privilégio social, valorizando não só o ser, mas principalmente o ter. Esse constructo apresenta dentro da manifestação cultural a representação da desigualdade, inserida em todos os âmbitos sociais, mesmo naqueles que se propõe promover uma ação coletiva e cooperativa.

O símbolo ou brasão pode ser um instrumento no qual o grupo transmite imagetivamente através do desenho uma representação sobre vários aspectos, inclusive sua concepção histórica. Exemplo disto, de acordo com Nascimento e Peçanha (2020) é o símbolo do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, o primeiro a utilizar a zebra para representar a capoeira como uma prática angolana e que simbolizava uma rejeição a condição de institucionalização proposta à capoeira.

Mestre Decânio contribuiu para a construção do escudo da Capoeira Regional, que possui o signo de Salomão por acreditar estar de acordo com a tradição dos capoeiristas e, segundo ele, para melhorar a estética desenhou na área central um pequeno círculo com a letra R. (CAMPOS, 2009). Araújo (2004) destaca o uso do símbolo da bandeira nacional nos brasões que representavam os grupos de Capoeira Regional.

Araújo (2004) menciona que as Capoeiras de Angola e Regional são invenções culturais contemporâneas que surgiram ante a necessidade de romper-se a estética violenta presente na capoeira das maltas.

2.5.3 A estética dos “movimentos” na capoeira

As influências de outras artes, modalidades e os anseios de seus praticantes buscando a luta, a dança, o jogo, a prática esportiva ou exercício físico proporcionam aos movimentos da capoeira, características peculiares diferenciando-os na prática seus conceitos estéticos.

De acordo com Silva e Corrêa (2020), a presença do *Savate* no Brasil, sua forma acadêmica exaltando a estética dos movimentos e a segurança dos praticantes em seu âmbito esportivo, foi relevante para o processo de modernização da Capoeira Carioca que possuía golpes contundentes, objetivando o combate real e ausência da preocupação estética. Segundo os autores, essa modificação gerou mudanças na Capoeira de Mestre Bimba. “Plasticamente, a Capoeira Regional é identificada pelos golpes bem definidos, pernas esticadas, movimentos amplos, posição ereta” (CAMPOS, 2009, p. 69), jogo objetivo, com a ginga demonstrando energia, elasticidade e força, representando um constante movimento circular, fluido e relaxado, este gesto motor é marca identitária de cada capoeirista e apresenta seu estilo, malícia, habilidade, competência e manha (CAMPOS, 2009).

Em fins da década 1960 acontecem as investidas à regulamentação da prática, com intuito de dar um caráter ao “esporte nacional”, houve a tentativa de padronizar símbolos estéticos pertencentes à diversidade de grupos que desenvolveram a capoeira. Alves *et al* (2008) confirma que para fazer frente às manifestações sociais que se opunham ao regime de ditadura no Brasil utilizou-se como estratégia substituir e divulgar uma nova concepção de cultura que pudesse neutralizar, ou seja, agir como analgésico dos movimentos sociais.

A capoeira, uma prática estética, tem nas formas e no conteúdo o desenvolvimento de sua política cultural (GRECO, 2012). Surgiu da luta por direitos e sempre tentou estratégias

que perpassam pela capacidade de negociar politicamente. Com o movimento da escolarização conseguiu oficializar e regulamentar a prática que se desenvolveu por ações de determinados praticantes e instituições (grupos).

Greco (2012) discorre sobre a prática da capoeira como micropolítica e considera os grupos como atores políticos. Afirma que é possível perceber que algumas instituições explicitam um posicionamento político em suas práticas, demarcados na estética de sua linguagem, seus códigos (canto, roupa, instrumentos, espaços da roda, entre outros) e simbologias que subsidiam o discurso em defesa das classes marginalizadas. Entende-se a capoeira como movimento social.

Hoje, num grupo de capoeira a utilização da capoeira indica as mais diferentes lutas, desde a luta pela sobrevivência como trabalho, a luta por uma identidade como guerreiro, a luta por um grupo como forma de escapar a solidão e o massacre capitalista, e etc, até lutas mais amplas, como aquelas já referidas, por uma outra sociedade, que não essa do consumo e da exploração (PINTO, 2000, p. 130).

Do Nascimento, Fensterseifer (2007) expõem que os padrões esportivos e mercadológicos contribuem para a supressão das características estéticas e do ideal da vocação libertária da arte-luta gestado no esforço para conquistar um espaço digno na sociedade desde o período escravocrata.

Os chamados mega-grupos que, segundo Mwewa e Vaz (2006) podem ser identificados por meio de uma visão mercadológica, expressa em seus abadá (calça da capoeira) que contém o símbolo do grupo, logotipos de academias ou patrocinadores. A estrutura institucional, suas estratégias de marketing para difundir produtos (revistas ilustradas, vídeos nas mídias, CD's, DVD's), detém a força, o poder de forjar e universalizar modelos que lhes possibilita maior visibilidade e abrangência de atuação.

A moda é expressão máxima da visão capitalista, onde o discurso sobre o corpo aponta nele um modelo representante de uma concepção política. Entende-se a constituição corporal como espaço de luta político social e o corpo mercadológico “bombado” faz contraponto ao corpo construído a partir do trabalho cotidiano de forma “natural”, o corpo que mandinga. (TAVARES *et. al* 2014).

A massificação robotizante da capoeira e a concepção esportiva lucrativa visam hierarquizar a competição, colocando a técnica e a estética corporal acima dos demais valores presentes (sabedoria, capacidade interpretativa, malícia, mandinga). Penteadado Júnior (2012) relata que na contemporaneidade a capoeira é implementada em academias como modalidade de melhoramento estético do corpo.

Sampaio e Tavares (2007), Tavares *et. al* (2014), Tavares (2018) confirmam a existência desse culto ao corpo, onde os jogadores projetam no imaginário uma figura capaz de intimidar e intimidar os demais dentro e fora da roda de capoeira; recorrem à metáfora de “*bad capoeira*”. Para conquistar a estética de um corpo forte, potente e eficiente, os jogadores afirmam a necessidade de treinos em academias de musculação (puxar ferro) e o uso de anabolizantes. Mwewa e Vaz (2006) alertam que essa condição pode diminuir a expressão mais viva do corpo.

Muitos desses capoeiristas, "bombados" ou não, na roda e no mundo da capoeira, procuram roubar a cena e/ou manter seus "status", ou territórios, usando, muito mais, seus músculos do que o cérebro e, nem de perto, considerando que a tônica do jogo bem poderia ser jogar com e não contra. Tal postura é comum em alguns jogadores de capoeira na atualidade, ou até mesmo de grupos inteiros e em muitos casos reduz a beleza da arte (DO NASCIMENTO; FENSTERSEIFER, 2007, p. 1).

O ato de roubar a cena compreende-se como um ataque ao movimento político e social da capoeira que preza pelo coletivo e a unificação das lutas contra um sistema opressor. A ação individual ou isolada em grupos que mercantilizam a prática e travam uma disputa por territórios, reproduz a dinâmica da concentração de poder e hegemonia dos pensamentos voltados à prática a partir da veneração ao corpo e consumismo, ocultando a essência de luta por direitos sociais. O jogo na roda representa não só uma prática isolada, mas o embate entre diferentes visões de mundo.

Alves *et al* (2008) declara que o treino para “ser o melhor”, a busca pela excelência dos movimentos no sentido de atingir maior performance é supervalorizada nos grupos de capoeira. Os episódios de ensino ocultam aspectos como musicalidade, história e ludicidade ou deixam em menor destaque a ideia de troca coletiva. As aulas, vivências e experiências são suprimidas pelo treino que tem como meta a produtividade para o alcance de resultados.

É necessário atentar-se às constituições filosóficas, políticas, sociais e históricas da manifestação cultural. Esses elementos basilares possuem a capacidade de formação de pensamento e constituição do cidadão emancipado. Criar ações que vão para além do enfileiramento, a mera cópia de movimentos e a padronização dos corpos ou de qualquer outro instrumento que tenha por fim o tecnicismo alienante (TAVARES, 2018).

Um caminho possível de combate à alienação é dentro da programação dos eventos e encontros planejar momentos de debate, reflexão, socialização de conhecimentos e valorização da palavra ancestral dos velhos Mestres. Benjamin (1984, p. 50) “ao considerar

um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo”.

Baptista e Zanolla (2016) discorrem que os padrões corporais voltados para a busca de um modelo de beleza com tendência a sublimar ou se sobrepor a todos os sentidos origina-se da estética, que possui características marcadas como juventude, magreza, musculatura bem delineada, estatura mediana para alta, pele branca, cabelos lisos e soltos. Nessas características ideológicas cercam-se de qualidades que não abrangem o povo negro que, de acordo com Macedo (2001) já carregavam a maldição desde a antiguidade, por serem descendentes do segundo filho de Noé chamado Cam.

A filiação do povo negro a Cam foi destacada nos manuais religiosos cristãos até o século XIX e embasou os discursos dos defensores da inferioridade dessas populações. Oliva (2005) destaca que desde Heródoto os etíopes, posteriormente chamados de africanos de pele negra ou homens da Guiné, já eram representados com hábitos selvagens e características assimiladas a animais.

As características dadas pelos primeiros viajantes e missionários europeus que passaram pelo continente Africano nos séculos XV e XVI se encaixavam perfeitamente na imagem construída do inferno, que era de calor insuportável, habitado por seres monstruosos e demoníacos. Macedo (2001) relata que em obras cristãs e na tradição islâmica os negros eram retratados na escala mais baixa da humanidade. No período medieval os teólogos desde Santo Agostinho a Alberto Magno e São Tomás de Aquino conceituaram esteticamente o branco à pureza, perfeição espiritual e a verdade, enquanto a cor negra era associada à falsidade e perdição, ou seja, ao mal.

O autor menciona que no século XI na *Chanson de Roland* a Etiópia era apresentada como um lugar amaldiçoado e os sarracenos caracterizados como negros similares ao demônio. Os textos utilizados para pregação religiosa associavam a cor negra ao diabo e até o século XIV o senhor dos infernos era posto esteticamente com cabelo carapinha, baixa estatura e corpo disforme.

Macedo (2001) menciona que no século XIII Marco Polo reforça este imaginário estético e descreve os negroides da ilha de Zanzibar como pessoas parecidas com o demônio, com boca grande, nariz achatado, lábios e olhos salientes e feios. Esses estereótipos segundo o autor definiram a posição do povo negro no Mundo ocidental e contribuíram para a atitude dos europeus. Após a expansão ultramarina, a monarquia, marinheiros, aventureiros, missionários cristãos tinham construído dentro de si essas imagens que auxiliavam nos seus

juízos de valores e fortalecem o preconceito. Nos séculos XIX e XX perante o olhar dos colonialistas os negros foram classificados como primitivos, selvagens e deveriam ser civilizados.

Baptista e Zanolla (2016) indicam que se compreendermos as características ideológicas que legitimam o belo e possibilitar o desenvolvimento da consciência estética, juntamente com processos formativos que combatam o preconceito e a padronização humana, iremos entender a importância de respeitar as características sociais e individuais considerando a aura estética de cada corpo, sua identidade, história e constructo identitário.

Sobre o retrato da história, Oliva (2005) discorre que há várias imagens que demonstram a violência sofrida pelos africanos nas caravanas de captura ou nos navios negreiros que reforçam o ideário de que os negros escravizados seriam objetos transportados ou estocados nos porões de forma passiva e submissa, prestando-se somente para o trabalho braçal e castigo corporal.

A destruição de suas identidades como seres humanos apresentava-se na leitura que os europeus faziam sobre os africanos, considerando todos os cativos parte de um grupo mais ou menos homogêneo. Ocorria o distanciamento de suas raízes ao ditar o batismo católico e impor aos escravizados nomenclaturas ou denominações das regiões de embarque.

Esse processo de destituição identitária africana teve suas primeiras ações nos portos de embarque. Oliva (2005) narra que Alberto da Costa e Silva denunciou em seu trabalho a existência da árvore do esquecimento, na região do Golfo da Guiné onde os africanos escravizados deveriam andar ao redor da mesma para romper os vínculos com os ancestrais e suas vidas locais.

Somando-se a todo esse processo de opressão destacam-se no século XIX as crenças científicas que se originaram nas concepções do evolucionismo social e determinismo racial que colocam os negros nos últimos degraus da evolução humana, caracterizando-os como infantis, primitivos, tribais, incapazes de aprender ou evoluir.

Esta marca de inferioridade biológica, mental e espiritual alicerçou a dominação imperial, a imposição da fé cristã e dos valores europeus. Essa construção ideológica resistiu por muito tempo. Pensadores do século XIX descreviam os povos africanos subsaarianos como sem história, que permaneciam imóveis ao tempo. Para eles o passado somente poderia ser acessado por documentos escritos e nesse contexto grande parte da sociedade abaixo do Saara ficava invisibilizada por guardar sua memória através da tradição oral.

Oliva (2005) discorre que em algumas regiões dominadas pelos portugueses até os anos de 1970 reforçaram a imagem de que os africanos eram selvagens e atrasados e, ainda no século XX, circulava em livros ou nas histórias em quadrinhos dos jornais imagens que associavam os africanos à feiticeiros ou canibais. O autor menciona a importância de um novo olhar sobre a África onde se possa desconstruir esse imaginário perpassado pelos meios de comunicação, revistas e até mesmo livros didáticos que reproduzem esteticamente as pinturas e imagens dos africanos escravizados, brutalizados ou massacrados pela fome e conflitos sem qualquer crítica histórica.

A televisão, jornais e cinema contribuíram na disseminação de uma imagem da África apenas associada à fome, misérias, guerras, epidemias, massacres, Aids e desesperança. É nesse contexto de desqualificação que se constitui a visão estética acerca da História da África.

Se não mudarmos os textos sobre a História da África e da escravidão à mudança de paradigma será impossível de ser bem-sucedida. Oliva (2005) anuncia que é preciso alicerçar um conhecimento mais adequado e abrangente sobre o continente africano.

Mwewa e Vaz (2006) apresentam que a visão de relacionar a capoeira a características animais acentua o estereótipo de um corpo negro (malhado, combativo, capaz de realizar exercícios complexos, forte, erotizado), visto como animal e sem capacidade intelectual, reproduz a ideia marcada no período escravocrata e reforça o preconceito e racismo. “Como acentua Fanon, o negro, no imaginário das sociedades colonizadas, geralmente está associado ao animal; imagem que se modela a partir das idéias de selvageria, fortaleza e sexualidade exagerada” (BRITO, 2005, p. 44).

Andrade (2016) mostra em sua pesquisa que as afirmações identitárias revelam uma complexa interligação entre estética e política presentes nas sociedades marcadas por um racismo estrutural como a brasileira. A capoeira produz significados por meio de uma linguagem com dimensões corporais, musicais e verbais, que promovem atitudes relacionadas à estética e possuem enorme relevância no confronto com o racismo estrutural.

No combate ao preconceito faz-se importante a capoeira ser compreendida como movimento social, a roda entendida como espaço de luta onde os elementos estéticos do canto, do jogo, dos instrumentos, entre outros, fortalecem seu discurso de resistência contra os tipos de violências apresentadas pela sociedade vigente.

Tavares *et al* (2014) sucinta a importância de resgatar a capoeira como manifestação cultural que considera as transformações, mas preserva os aspectos culturais e de luta política

social no qual foi gerada; que expressa seu discurso a partir dos elementos estéticos e faz o capoeira sentir por meio da musicalidade, do jogo, dos rituais a arte como linguagem que comunica e expressa o grito dos marginalizados. “O saber é posse. A especificidade do - objeto do saber é que se trata de um objeto que precisa ser apropriado na consciência” (BENJAMIN, 1984, p. 51).

Sampaio e Tavares (2007) ressaltam o poder de formação da corporeidade da capoeira, uma prática que possui diversas construções simbólicas que podem ser aprendidas a partir de inúmeros elementos como a musicalidade, a roda, relação interpessoal, os movimentos, os gestos e as encenações do faz de conta.

Os movimentos da capoeira constroem significados que auxiliam na percepção de outra forma de conceber o mundo, realizando movimentos de inversão corporal, quando o corpo inventa, reinventa e constrói novas representações sobre a vida cotidiana. As evoluções na roda ressoam no corpo dos espectadores promovendo múltiplas experiências e sentidos a partir da estética visual.

Mwewa e Vaz (2006) comentam sobre o corpo como possibilidade pedagógica, o jogo é o local onde acontece o aprendizado. Por meio de diversos modelos corporais são estabelecidas variadas possibilidades de relação (amor, ódio, conformismo, entre outros). Os autores mencionam a experiência estética que acontece na relação com o outro na roda, através do aperto de mão, no abraço que pode finalizar o jogo, e outros momentos do ritual que proporcionam uma experimentação de sentidos (tato, olfato, visão, audição).

A partir do debate interdisciplinar do jogo e seus múltiplos significados invocados pelo som dos berimbaus a sociedade aprendente em roda rompe as disposições espaciais de hierarquização dos corpos (SAMPAIO E TAVARES, 2007). No círculo acontece um processo de partilha, cumplicidade, cooperação, que reconhece a autoridade do Mestre e que essa não sobrepõe a importância da construção coletiva potencializada pelos cantos, ritmo e movimentos.

Frigerio (1989) destaca alguns elementos estéticos do jogo que acontece na roda. Na Capoeira Angola: música lenta, jogo baixo, movimentos bonitos em busca de uma estética própria, a malícia, a mandinga, teatralidade e ausência de violência. Destaca ainda na Regional alguns aspectos como regulamentação, esvaziamento do sentido étnico, enfoque na saúde, educação e cultura. O autor caracteriza a Capoeira Angola como arte e a Capoeira Regional como luta.

Andrade (2016) reforça que existe uma relevância cognitiva contra-hegemônica da estética, esta se faz presente no jogo estético onde reside um campo de mobilização emancipatória. Na estética moderna existe uma divisão entre o racional e o sensível e destaca-se a cultura como um agente de conciliação, pois a arte não é alheia à sociedade.

Segundo Araújo (2004) a roda é um círculo formado por pessoas, “movimentos, instrumentos, ritmos, metáforas, sotaques” (ARAÚJO, 2004, p. 26). É um local que possui propriedades simbólicas fora da lógica linear do tempo apresentado no modo de organização ocidental e está estruturado para que o visível e o não-visível possam dialogar e construir estratégias para a preservação dos conteúdos que envolvem a aprendizagem da capoeira. A autora aponta ser uma espécie de celebração que ocorre para além do que o parceiro lhe proporciona enquanto desafio corporal, estratégico e estético, constroem-se assim múltiplos desafios que criam diversificados repertórios.

Andrade (2016) afirma que a capoeira é um jogo estético, nela se difundem conhecimentos por meio de sua característica de manifestação cultural multifacetada. Araújo (2004) abrange o conceito de jogo e propõe “estar em jogo, no jogo da Grande Roda” (ARAÚJO, 2004, p. 37), e neste sentido “o jogo é tomado a partir do seu caráter estético, reinventando, cenários, seres, imagens e movimentos” (ARAÚJO, 2004, p. 37). Seus fundamentos expressam a totalidade e o ensino extrapola o momento do ritual, nele há a existência de códigos internos e as dimensões do jogo não estão centradas nas justificativas materiais. E com isso o jogador deve ampliar sua capacidade interpretativa.

Oliveira (2012, p. 38) menciona que “nos jogos de corpo preservamos nossos sistemas de pensamento; na arte do povo, mantivemos nossos segredos e os publicizamos; na estética negra fabricamos nossa potência filosófica e científica, ao mesmo tempo, com tensão, mas sem conflito entre elas”.

Amaral e Santos (2015) acreditam que a capoeira possui a capacidade de transmitir os conteúdos negados da história e cultura dos afrodescendentes no Brasil, por meio dos jogos e músicas. Ela é uma expressão estética e de luta que remonta a ancestralidade do povo negro. Afirmam que o ritual da capoeira reproduz elementos importantes da ancestralidade das culturas afro-americanas e se constitui como uma expressão estética de expressão comunitária. Segundo Benjamin (1984, p. 13) “longe dos fenômenos, as idéias são vazias, do mesmo modo que os fenômenos, longe das idéias, estão condenados à dispersão e à morte”.

Baptista e Zanolla (2016) relatam o conceito de experiência estética que possibilita interpretar o objeto de maneira imediata pela experimentação da imagem.

Acordi (2009) diz que: “O conceito é sempre a tentativa de exprimir a realidade, contudo de maneira alguma, pretendendo esgotar suas possibilidades”. Diante desse entendimento de construções de conceitos é possível perceber a história como um processo transformador e dinâmico.

2.6 CÂNDIDO PORTINARI E AS QUESTÕES RACIAIS

"A pintura social de Portinari nos apresenta, diferentemente dos artistas modernos anteriores a ele, um dado de realismo, ou seja, busca retratar situações concretas, imediatas." (CADILHO, 2015, p. 55)

Cândido Portinari (1903-1962) foi um pintor brasileiro, filho de imigrantes italianos que viveu na pequena Brodowski, ainda criança demonstrou seu talento para o desenho. Auxiliou um grupo de pintores na sua cidade pintando santos e anjos na igreja matriz. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos 15 anos e matriculou-se no Liceu das Artes e Ofícios, posteriormente ingressou na Escola Nacional de Belas Artes como aluno livre. Em 1924 enviou a tela “Baile na roça” ao salão das Belas Artes, mas sua obra é desaprovada pelo júri. Quatro anos depois vence o concurso com a pintura “Retrato de Mariano Olegário” e viaja para Paris no ano seguinte com a intenção de se aperfeiçoar. No exterior estudou com artistas renascentistas e voltou ao Brasil em 1930. Encontrou a arte moderna razoavelmente integrada à vida cultural brasileira. Seus novos trabalhos no Brasil foram bem aclamados pela crítica, principalmente por Mário de Andrade. Portinari deixou um vasto legado artístico, produziu obras com temas religiosos, retratos da elite e pinturas de cunho social (CADILHO, 2015).

Segundo Nicodemo (2016) Cândido Portinari foi um importante pintor modernista que produziu obras capazes de introduzir o Brasil ao público estrangeiro. Com o talento de realizar uma espécie de tradução cultural de seus horizontes, mobilizou possibilidades criativas de explicação do passado brasileiro. Cândido Portinari decorou o famoso pavilhão brasileiro na feira mundial de Nova Iorque, sendo suas pinturas um dos grandes destaques.

O pintor brasileiro buscava incluir em seu discurso artístico novos agentes e elementos da experiência cotidiana. Sua arte mostra a realidade concreta de um país múltiplo e complexo e é instrumento de pesquisa e conhecimento (NICODEMO, 2016).

Cadilho (2015) em seu trabalho sobre o pintor brasileiro utiliza como um dos objetivos aprofundar o estudo em relação à lei 10.639/03 e analisar o contexto político, social e econômico da década de 1930 às obras de Portinari.

Cândido Portinari produziu diversas obras com expressividade estética e social, Cadilho (2015) conta que ao apresentar a pintura “Morro” em sala de aula para alunos do sexto ano muitos relacionaram a escravidão. Porém, essa obra que retrata as pessoas negras e mestiças e os morros cariocas foi pensada pelo pintor brasileiro como símbolo da nacionalidade. (CADILHO, 2015)

Em sua intervenção pedagógica Cadilho (2015) realiza uma aproximação entre a obra de Portinari “Morro”, Debret “Uma brasileira mulata indo passar as festas de Natal no campo” e “Empregado do governo saindo a passeio”. Ainda para traçar saberes com a obra de Portinari utiliza as músicas “Lata d’água” (1952), de Luís Antônio e Jota Jr; “O que será de mim” (1931) de Francisco Alves, Ismael Silva e Nilton Bastos; “Malandro é malandro e mané é mané” (2000) de Bezerra da Silva. Nesta abordagem menciona as relações de poder, os símbolos estéticos que demarcam a condição social, a representação do povo negro nas obras, os personagens do malandro, popularização nos meios de comunicação do personagem animado Zé Carioca, entre outros assuntos que permeiam a discussão das causas étnico raciais.

Esta obra “Morro” (1933) obteve notoriedade no evento do pavilhão brasileiro na feira mundial de Nova Iorque, e rendeu uma exposição individual no mesmo local no ano de 1940. A pintura juntamente com “Mestiço” e “Café” foram criadas na forma mais madura do estilo de Portinari (NICODEMO, 2016).

Ainda sobre a simbologia nas obras de Cândido Portinari, Hirano (2009) entende que é definida por uma representação da identidade nacional em que o samba, Carnaval e o negro podem ser retratados e lidos de formas diferentes com olhar crítico.

Stori e Maranhão (2018) afirmam que as obras de Portinari destacam o negro, o mestiço, o trabalho, o cotidiano, e a esperança do povo brasileiro. Apesar do árduo trabalho são representados com grandeza e orgulho. A estética da pintura na obra “Lavrador de Café” ressaltando braços e pés agigantados, expressa a necessidade de valorização do trabalhador negro brasileiro, e o sofrimento do árduo trabalho nas fazendas. As cores da tela demonstram a união e a ligação entre o homem e a terra (STORI E MARANHÃO, 2018).

Em “Cabeça de Negro” expressa o pensar sobre os dilemas sociais vividos pelo negro, na obra “Índia e Mulata” abre a possibilidade para refletir sobre “raça” e “etnia” e a ideia de

democracia racial, da convivência harmoniosa entre os grupos étnicos e as camadas sociais. Interpretados neste sentido apaziguador afasta-se do ideal de tomada de consciência sobre a realidade social e a opressão a que esses povos foram e são submetidos.

Pacheco (2012) se alicerçou na lei 10.639/03 e trançou saberes entre a literatura e as obras do pintor brasileiro. Sua ação pedagógica possibilitou à educação infantil apresentar a diversidade e as brincadeiras para as crianças de três a cinco anos. Foram abordadas questões relacionadas à cor negra e branca, diferenças entre as características pessoais, pertencimento étnico a partir das obras que retratam crianças negras brincando em determinado contexto histórico. Sua estratégia ainda oportunizou aos educadores conhecer além das obras de Cândido Portinari o acervo de livros da biblioteca.

Houve a exposição e comparação entre livros que abordavam personagens da cor negra ou branca que se faziam próximo da realidade infantil. Entre as obras literárias, Pacheco (2012) destacou Portinhola com imagens de Cândido Portinari. Este material apresentado às crianças no projeto mostrou desenhos e pinturas de crianças de diversas etnias em brincadeiras cotidianas. Foi realizada uma visita à igreja de São Francisco de Assis (Belo Horizonte) local que guarda uma obra do pintor e vivenciado brincadeiras propostas pelas telas de Cândido Portinari.

Por fim, cabe destacar o projeto Portinari que se iniciou em 1979 pela iniciativa de João Portinari, filho do artista brasileiro. Esta ação possui o objetivo de reunir as obras do pintor e é apoiadora da iniciativa de experiências educativas: infância, educação, corpo na obra de Portinari, desenvolvido em escolas da rede municipal de Florianópolis. Este projeto surgiu da necessidade de se refletir sobre a educação pública, gratuita e de qualidade ofertada principalmente para as classes populares.

Esta estratégia didático-pedagógica se construiu coletivamente em relação interdisciplinar, colaborativa e transformadora, com o objetivo de potencializar a reflexão e resgate de princípios e valores humanos universais relacionados à ética, a estética, as técnicas e os conceitos.

A ação pedagógica: infância, educação, corpo na obra de Portinari, do qual este trabalho também faz parte, se alicerçou no campo de estágio na educação dos sentidos objetivando ampliar as visões e o conhecimento do mundo em que vivemos. Compreender como ele se expressa nas suas múltiplas linguagens e desenvolver um saber que nos aproxime e fortaleça nossa relação com as comunidades e o país. A partir do estudo que envolve Cândido Portinari podemos fazer um movimento em relação aos contextos particulares das

localidades de Florianópolis. Estabelecer além do vínculo com a comunidade escolar o fortalecimento de laços para além dela. Aproximar-nos das mazelas sociais e com isso refletir sobre as desigualdades que ainda se fazem presentes em nosso país.

O projeto desenvolvido em Florianópolis durante o segundo semestre de 2019 por meio da parceria entre UFSC e as escolas da rede pública de ensino tematizou a obra de Candido Portinari, criou condições de trabalho interdisciplinar envolvendo as disciplinas de arte, educação física, língua portuguesa e estrangeira. As inovações no âmbito da escola pública estabeleceram uma relação diferenciada com os espaços escolares. Considerou a arte e educação em sua dimensão transformadora, criativa, de conhecimento vinculado a forte articulação entre o conceito e a técnica, teoria e prática.

Referenciado na LDBEN (LEI 9394/1996) e a nova BNCC (PORTARIA MEC 1570, 20/12/2017), onde a área de linguagens é composta pelos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua estrangeira – Inglês e outros, cuja “[...] finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.” (BRASIL, 2017, p. 63). O projeto buscou contribuir para uma pedagogia que valorize as dimensões ética, estética, conceitual e técnica dos conhecimentos no intuito de vislumbrar como horizonte a emancipação humana e o pensar por si mesmo, ato fundamental nos processos de transformação social.

Os projetos pedagógicos presentes neste capítulo são fragmentos que mostram a potência da obra de Cândido Portinari e sua capacidade de dialogar com diferentes assuntos e diferentes faixas etárias do âmbito escolar. As obras com tema social e étnico racial proporcionam a possibilidade de transcender na discussão dos assuntos presentes na sociedade, como a visibilidade do povo negro, racismo e preconceito. A reflexão acerca das obras de Portinari oportuniza espelhar o passado, pensar no presente e ter esperança em um futuro onde haja oportunidade de direitos para todos.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A metodologia selecionada para o desenvolvimento desta pesquisa será o estudo de Caso Etnográfico em Educação proposto por Sarmiento (2011).

Nesta perspectiva o autor aponta que “na investigação educacional, as unidades que originam os estudos de caso são, normalmente, as organizações escolares ou um ou vários (as) alunos (as) ou um ou vários (as) professores (as)” (SARMENTO, 2011, p. 2).

O formato metodológico do estudo de caso com base etnográfica acrescenta ao conhecimento de estruturas, regras, interações e processos de ação as dimensões existenciais, simbólicas e culturais presentes na escola. Neste ponto, o estudo de caso etnográfico favorece o desenvolvimento de diferenciadas vias teóricas e metodológicas (SARMENTO, 2011).

Destaca-se que o posicionamento teórico e epistemológico é determinante para a escolha de um paradigma investigativo com intuito de propor o estudo de caso etnográfico como método apropriado à interpretação da ação no contexto escolar. A investigação científica acontece no interior dos diálogos, estes são possibilitados por meio da linguagem comum dos paradigmas firmado em um fundamento epistemológico que se baseia em concepções relativamente estabilizadas sobre o sujeito, o objeto e as relações entre sujeito e objeto do conhecimento (SARMENTO, 2011).

Ainda de acordo com Sarmiento (2011) este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, interpretativa e crítica.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A pesquisa contou com 26 alunos regularmente matriculados e que frequentavam as aulas de Educação Física no 4º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede municipal de ensino de Florianópolis – SC. Além de participarem das intervenções pedagógicas realizadas no âmbito do estágio curricular supervisionado no ano de 2019, os alunos eram direcionados a fazerem alguns relatos sobre os conteúdos desenvolvidos. Estes relatos tinham como objetivo identificar nas falas, a compreensão dos alunos sobre as dimensões conceituais e estéticas da capoeira a partir das intervenções ministradas.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A recolha dos dados contou com diferentes fontes, que incluem os relatórios organizados na disciplina de estágio curricular supervisionado em Educação Física no ano de 2019. Esses relatórios foram organizados em um primeiro momento em diário de campo, um instrumento básico de registro de dados que serve também para registrar práticas cotidianas e experimentos, esta ferramenta é utilizada em pesquisas etnográficas, qualitativas, quantitativas e experimentais (ROESE *et al.*, 2006).

Sendo assim, as informações descritas em diário de campo, foram transpostas para os relatórios de estágio. Estes relatórios objetivam descrever as intervenções realizadas no estágio e para tanto foram estruturados com as seguintes informações: características dos sujeitos observados, as práticas pedagógicas desenvolvidas, os materiais utilizados, os locais de prática e as dinâmicas do cotidiano escolar (interação entre os alunos, professores e toda comunidade escolar). Vale mencionar que os relatos dos alunos sobre a compreensão das dimensões conceituais e estéticas da capoeira serão analisados a partir dos relatórios em questão.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA

A coleta de dados ocorreu a partir das intervenções pedagógicas realizadas no estágio curricular supervisionado II em Educação Física ano de 2019, as intervenções fizeram parte do projeto Portinari desenvolvido em parceria entre a UFSC e a escola pública.

Para a organização desses dados, em um primeiro momento reuniu-se os registros de intervenção das aulas de capoeira desenvolvidas no campo do estágio. Após essa organização, os relatórios foram lidos, interpretados e analisados, a fim de identificar a presença das dimensões conceituais e estéticas no aprendizado do conteúdo capoeira e as questões étnico raciais a partir da obra de Portinari.

4 ANÁLISE E COMPREENSÃO DO ENSINO DA CAPOEIRA NAS DIMENSÕES ESTÉTICA E CONCEITUAL

O aprendizado da capoeira engloba simultaneamente conteúdos pertinentes às disciplinas de Educação Física, História e Artes, tem o potencial de criar um vínculo interdisciplinar com as demais áreas do conhecimento escolar. Esta ferramenta educacional oportuniza a interação com a identidade cultural de um povo, através da vivência de uma expressão corporal que possibilita a aquisição de um espírito crítico-reflexivo. Deve fazer parte do plano educacional e ser inserida no projeto pedagógico das escolas objetivando como meta a preocupação com o ser humano e contribuir para construção de uma consciência crítica em relação ao contexto social que está inserido (Campos, 2001, 2009).

4.1 CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO - A CAPOEIRA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Este trabalho utilizou a capoeira como ferramenta pedagógica em uma unidade escolar situada próxima a UFSC, onde ambas mantêm um vínculo por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), estágios em diferentes licenciaturas e pesquisas. De acordo com Campos (2001, p. 25) a implantação da capoeira na escola “é algo muito simples e fácil, haja vista que [...] não requer instalações nem aparelhos sofisticados. O espaço físico não é problema”.

A intervenção com a prática da capoeira foi realizada com a turma 41 do ensino fundamental I matutino. Esta englobava vinte e cinco alunos; onze meninas e quatorze meninos com idades entre nove e onze anos (sete com nove anos, dezessete com dez anos e apenas um com onze anos de idade), a metade residente no bairro da escola e a outra metade em bairros próximos.

Sobre as características da classe foi possível perceber diante do cartaz colado na sala que os alunos se reconhecem como legais, estudiosos, engraçados e amigáveis. Os diálogos com a professora regente revelaram que o coletivo apresentava alguns conflitos, os alunos adoram escutar músicas calmas. A educadora qualificou o grupo como tranquilo e produtivo.

Durante o período de observação, o professor efetivo de educação física ausentou-se por motivo de licença nupcial e os alunos permaneceram em sala durante dois encontros acompanhados de professores (as) auxiliares e alunos do PIBID. Uma aula foi reservada para

desenhos e jogos (tabuleiro e cartas) e na outra os educadores programaram e exibiram o filme Tainá, parte integrante do projeto Amazônia. O filme iniciou com a cena de um ritual indígena, uma criança falou várias vezes: “Macumba saravá!”, o professor interveio: “Não! Isso é coisa de índio”. Esta atividade foi uma possibilidade de aproximação com a estética e valores dos povos indígenas.

As aulas de Educação Física eram ofertadas ao grupo três vezes por semana, com duração de 45 minutos cada, na quarta-feira uma aula faixa no primeiro horário e a última aula da terça-feira.

A relação alunos-professor-alunos era respeitosa; as crianças ficavam entusiasmadas com a presença do professor, pois adoravam as aulas de Educação Física. Para o docente a Educação Física deve desenvolver a autonomia dos alunos ao invés de promover práticas em que haja domesticação, afirmou que cada um tem sua especificidade e dentro de uma aula o educador deve saber respeitar essas variantes.

As crianças deslocavam-se tranquilamente em fila aos ambientes preparados para as dinâmicas, conversando moderadamente. Em geral, os conflitos estavam centrados em alguns meninos, um deles exerceu um nível destacado de liderança sobre o grupo, promovia conflitos com seus colegas e professor, contudo era um grupo participativo e dinâmico. Os professores relataram que o contexto familiar influencia significativamente no dia a dia escolar dos discentes. Na mediação das crianças eram abrangidos valores como a amizade e o respeito, os alunos reconheciam a autoridade dos educadores.

O professor apresentava seu conteúdo e planejamento, em sala explicava os conceitos teóricos da atividade a ser realizada. Ao chegar ao ambiente reforçava as regras antes do início da prática. Nos momentos de explicação havia a dispersão de algumas crianças, o desagrado com a atividade se manifestava com a recusa em participar e no ato de sentar nas arquibancadas. O retorno dos alunos era incentivado pelo educador.

Dentre as brincadeiras mais apreciadas destacavam-se as de pegar, esconder, jogos de bola (futebol, bolita, queimada) e pular corda. Contudo, o professor considera que na Educação física é necessário estar repensando e buscando novas práticas para contribuir com a vida dos discentes, combater a “mesmice” porque a área em que atua proporciona diversos conteúdos para intervenção.

Foram aplicadas atividades relacionadas ao conteúdo atletismo (brincadeira do pega rabo, corrida de revezamento, pula cela, corrida sobre barreiras, corridas em raias adaptadas com corda, entre outras). Nessas atividades o educador procurava aproximar as crianças do

ambiente sugerido pela modalidade. Para esta ação como não possuía equipamentos profissionais adaptava com os materiais presentes na escola a fim de proporcionar uma atividade com a estética aproximada ao real. Por meio desta ação pedagógica o educador socializa os conceitos da prática.

Em uma das conversas as crianças mencionaram a presença de alguns cones quebrados, o professor esclareceu que a falta de materiais adequados é realidade em muitas escolas públicas, e que as atividades propostas na educação física escolar têm por objetivo proporcionar que todos vivenciem o esporte e por isso as regras são flexíveis e adaptáveis. Este momento proporcionou além de um pensar sobre a estética do material uma tomada de consciência ética e social.

Nas práticas o professor acompanhava as ações, quando necessário solicitava que sentassem para uma conversa alertando para o cumprimento das regras, a turma conseguia resolver os conflitos e seguir brincando. No papo final o educador lembrava as regras, as crianças geralmente abordavam assuntos relacionados à ética. O tema mais citado nas aulas foi o desrespeito. O professor reforçava que no esporte quem não segue as regras é desclassificado.

Para a realização das aulas de educação física há um revezamento entre os professores em relação ao uso da quadra e ginásio, em dias de chuva ambos podem dividir o local coberto.

O contato preliminar com a realidade escolar fortaleceu a formação, possibilitou compreender aspectos pertinentes a rotina escolar analisando as condições de trabalho, os sujeitos e seus projetos de ensino-aprendizagem, a experiência docente, a relação professor-aluno e os conteúdos, o conceito que os alunos construíram em relação às aulas de educação física e auxiliou definir a perspectiva pedagógica, o planejamento e as estratégias para o ensino da capoeira na unidade durante o período do estágio.

O planejamento para intervenção foi estruturado em módulos de ensino considerando os encontros como episódios de aprendizagem.

Módulos	Atividades
Apresentação	Exposição do Memorial, introdução da capoeira, biografia de Cândido Portinari e suas obras que se relacionam com o tema étnico racial.
Cana de Açúcar	Reflexão e construção de aprendizagens a partir das obras de Portinari (Cana de açúcar), Debret (Pequena Moenda de Cana-de-Açúcar) e as músicas de capoeira "Tem cana pra cortar", "Ê canaviá, ê canavieiro“.
Café	Reflexão e construção de aprendizagens a partir da obra de Portinari “Café” e a música de capoeira "Pega o balaio de café”
Malandragem	Reflexão e construção de aprendizagens a partir da obra de Portinari “Morro” e a música de capoeira “Malandragem”
Brincadeiras	Reflexão e construção de aprendizagens a partir das obras de Portinari “Cambalhota”, “Meninos Brincando”, “Meninos pulando Carniça” e “Pulando Carniça” e os movimentos da capoeira.

A proposta teve como objetivo refletir e construir conceitos a partir da estética das obras de arte, músicas, movimentos e brincadeiras. Buscou por meio da educação dos sentidos ampliar as visões de mundo, potencializar a reflexão sobre a realidade e as questões étnico raciais.

Utilizamos como base teórica para o planejamento a abordagem Crítico-superadora que trata da cultura corporal (Soares *et al.*, 1992). Reforça a importância da reflexão e apropriação ativa do conhecimento para a emancipação humana e compreensão da realidade social, complexa e contraditória em que vive. Nessa perspectiva o ensino da capoeira na escola tem como objetivo instigar a criatividade humana, contribuir para a afirmação dos interesses de classes das camadas populares, o fortalecimento da solidariedade, cooperação e emancipação e contribuir para a fortificação da identidade de classe dos alunos.

Além da abordagem acima, também nos apoiamos na Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016), essa que reconhece as crianças como sujeitos de cultura e da história, que se desenvolvem através da linguagem e se apropriam de conceitos no ato de brincar. E considera que a “escolha de meios e instrumentos deve beneficiar a aprendizagem e a apreensão das especificidades técnica, conceitual, estética e ética dos conteúdos” (Florianópolis, 2016, p. 140)

O planejamento foi estruturado levando em conta o tema da infância no Plural (SAYÃO, 2005). Buscou no brincar e nos brinquedos a inspiração para promover atividades

de tematização dos conteúdos. A capoeira é considerada uma manifestação cultural e social, sua história é parte integrante da história dos trabalhadores no Brasil, sua prática na escola proporcionou aprendizados além dos aspectos técnicos.

Essas construções conceituais enfatizaram o potencial dos temas que vincularam a capoeira às obras do pintor Cândido Portinari. Os conhecimentos da arte e da cultura popular tematizados, buscaram a superação do senso-comum no sentido da relação pedagógica que valoriza as experiências num processo de reflexão-ação coletiva e participativa que incentiva a curiosidade.

Os oito episódios foram mediados para oferecer aos participantes atividades lúdicas, comprometidas em promover a apropriação das ferramentas científicas de leitura e compreensão da natureza e sociedade que as cercam, demarcada em seu contexto pela divisão de classes em permanente contradição e luta social.

A realização das atividades buscava promover exercícios, tarefas, brincadeiras, desafios e situações relacionais entre a teoria e a prática. A tematização como estratégia pedagógica é proposta pelo Coletivo de Autores (1992) como forma de organizar o tempo e espaço pedagógico garantindo o ritmo da turma na relação com os saberes.

4.2 O ENSINO DA CAPOEIRA NAS DIMENSÕES ESTÉTICA E CONCEITUAL

Nas primeiras aulas do segundo trimestre com a turma do quarto ano, alguns alunos mostraram certa resistência à troca de professores em relação às mudanças provocadas pela intervenção. O planejamento antecipado, discutido com os supervisores, bem como a preparação dos espaços e materiais adequados para cada aula, garantiu a crescente participação e envolvimento dos alunos nas diferentes aulas, na maioria das tarefas e exercícios, exibindo alegria e satisfação, contribuindo para o sucesso do trabalho.

A rotina foi chegar dez minutos antes em frente a sala e esperar a professora sair. Desde o primeiro dia de intervenção o estagiário se posicionou de pé ao lado do professor que, sentado à sua mesa, realizava a chamada. Ao final do estágio constatou-se que a ausência de alunos teve como média dois por aula. O estagiário na maioria das vezes chegava na escola 30 minutos antes do contato com a turma, com o objetivo de organizar os locais e materiais para a intervenção.

Algumas aulas além da observação do professor de Educação física da turma, estavam presentes para acompanhar o estagiário, estudantes do PIBID, monitora do Estágio e o

professor responsável pela disciplina do estágio Supervisionado 2, este na primeira aula assumiu em dado momento o “controle” e na prática ensinou algumas técnicas sobre a regência escolar. Essas aulas foram de extremo aprendizado, devido aos enriquecedores e pontuais comentários; os relatos serviram de maneira ímpar para a formação do aprendiz à docência.

No primeiro episódio de intervenção utilizou-se a sala de informática, pelo fato do dia estar chuvoso houve menos resistência dos alunos em não sair para o pátio. Os supervisores de estágio assistiram à aula no fundo da sala e puderam contribuir em alguns momentos, bem como no seu final.

Foi preparada a sala com muito cuidado. Com o vídeo já pronto, mencionou-se a importância da apresentação quando se conhece uma nova pessoa. Um slide preparado para a ocasião era apresentado, foi mostrado a única foto de infância do estagiário, registrada num bairro de Florianópolis, uma vila de pescadores de onde o apresentador é nativo e mora até hoje; no decorrer do encontro comentou-se as fotos da praia, da família e de algumas brincadeiras que apreciava quando criança.

Foi perguntado aos alunos se conheciam as brincadeiras apresentadas e apenas o carrinho de caxeta e o taco não eram conhecidos. Brincadeiras de rua foram avaliadas como menos conhecidas devido à falta de espaços públicos seguros para as crianças brincarem nos dias atuais em grandes centros urbanos.

Seguiu-se comentando o futebol de bairro, a produção familiar da farinha de mandioca e início na capoeira. Alguns alunos ficaram muito curiosos e faziam perguntas, outros conversavam paralelamente e desviavam a atenção da turma, devido a agitação foi necessário intervir com troca de lugares e pedidos de silêncio.

A fala acelerada do estagiário possibilitou para que a atmosfera da aula se tornasse barulhenta e cansativa. Ainda que incomodado, o estagiário prosseguiu explicando sua biografia, contexto do apelido, formação em educação física e capoeira, sempre mostrando imagens dos lugares onde já havia ministrado aulas. Nesse momento dedicou especial atenção à apresentação de fotos do estágio I que realizou na escola no semestre anterior, numa turma do segundo ano.

Vencido o tema da apresentação pessoal, foi mostrado a rotina que pretendia implementar nas aulas, iniciou a exposição de um plano sobre os conteúdos da capoeira utilizando como referência a gravura de Johann Moritz Rugendas (1835), para expressar a característica multifacetada de jogo, dança e luta, dessa manifestação cultural afro-brasileira.

Na continuidade tentou expor um vídeo, mas enfrentou problemas técnicos e foi auxiliado pelos supervisores também sem sucesso, ao tentar retomar a apresentação, mais uma vez apresentou dificuldades pela rápida agitação da turma, não atendiam as chamadas, mesmo num tom de voz mais alto.

O supervisor ajudou nesse instante a acalmar os ânimos da turma, posicionando-se à frente com o tom de voz mais baixo que o estagiário; conversou com os alunos sobre as consequências do comportamento da classe para o aprendizado do conteúdo e os acordos que o estagiário tentava firmar com eles. O tom de voz, o foco nos alunos mais agitados e o conteúdo do diálogo tornaram a atmosfera da aula mais tranquila, com as crianças prestando a atenção e dialogando com o professor.

Nesse sentido, percebeu-se a importância de um planejamento que envolve o conhecimento da turma e a formação de atmosferas favoráveis ao ensino e aprendizagem por parte de professores e alunos.

Após essa mediação do supervisor continuou-se a apresentação da obra de Debret chamando sua atenção para uma curiosidade da obra intitulada Pequena Moenda de Cana (1835). Nessa gravura a posição de saída do bagaço de cana da moenda induziu a pensar que há um erro de Debret, mas um dos alunos de nove anos, que estava aparentemente disperso e tinha sido chamada a atenção pelos professores por estar de costas e conversando, levantou a mão e comentou para toda a turma: “Olha, mais ali atrás tem outra pessoa”, ele sugeriu que não haveria erro algum, pois era possível que a pessoa atrás do moinho tivesse auxiliando na retirada da cana da máquina. Esse momento reforça a reflexão de que “cada relação pode significar qualquer outra” (BENJAMIN, 1984, p.37).

O exemplo mostra a complexidade das relações em sala, alunos que aparentemente não estão prestando atenção, mas que ainda estão engajados ou podem vir a se engajar rapidamente com a mediação do professor.

Em seguida, mostrou-se as possíveis relações entre as figuras de Debret e de Portinari ressaltando uma das características mais marcantes do artista brasileiro sobre a importância do trabalho realizado pelo povo negro no Brasil, expressa pela exaltação dos braços, mãos e pés dos trabalhadores nas pinturas. Benjamin (1984, p. 131) afirma que “as articulações da cena e as imagens visuais revelam uma sabedoria mais profunda que a que o poeta pode captar por palavras e conceitos.” Tal perspectiva é verificada nas obras de Cândido Portinari sobre as brincadeiras em lugares públicos, nos morros, largos, etc., que ajudaram na aproximação da arte com a realidade vivida pelos alunos.

Ao final da exposição assistiram-se vídeos e combinou-se a saída da turma para o segundo momento da aula: Brincadeira de quebra-cabeça com obras de Debret e Portinari.

Como na escola todo planejamento se mostra insuficiente diante de uma realidade tão dinâmica, ao chegar no ginásio constatou-se que o local estava sendo utilizado por uma outra turma, o que não impediu de dar continuidade às atividades, mas tomou algum tempo até chegar num acordo de que parte do ginásio poderia ser utilizada para atividade programada.

Utilizou-se uma das laterais da quadra para realizar a atividade que consistia em uma disputa entre duas equipes divididas de forma a equilibrar as forças (corrida) entre elas, tendo como objetivo montar um quebra-cabeça que ficavam ao final do percurso. As regras foram explicadas e deu-se início ao exercício.

Após formarem duas filas se deu o sinal para que cada criança pegasse uma peça da figura em um ponto A e corresse até o ponto B onde se encontrava o jogo, retornando ao começo da fila para passar a vez ao próximo colega. A equipe que formasse primeiro o quebra-cabeça venceria a disputa. Realizou-se uma rodada da atividade e devido ao pouco tempo finalizou rapidamente, ao final se reuniram em roda e unindo as mãos saudaram com um grito de “capoeira”.

Ao analisar essa primeira aula pode-se perceber o diálogo permanente sobre os temas, também o alcance dos objetivos, em relação a apresentação do estagiário e estágio, da introdução ao tema da capoeira relacionado às obras de artes dos consagrados Debret e Portinari e o uso de uma diversidade de recursos didáticos: vídeo, slides, brincadeiras que potencializaram a reflexão dos alunos; estes também aprenderam o quão importante são as atmosferas que se produzem por mediação dos professores para que todos busquem um clima mais tranquilo e agradável para favorecer as aprendizagens.

Ao final do encontro na sala de reunião dos professores o professor orientador e o estagiário refletiram sobre a postura do professor/estagiário durante a aula, percebeu-se certa ansiedade do mesmo para que a aula ocorresse sem conflitos; acreditou-se que esse foi o fator que mais contribuiu para a agitação da classe.

No segundo episódio o dia estava ensolarado e a turma esperava ansiosa para uma aula no último horário do dia. Foi planejado utilizar um espaço no pátio da escola visto que o ginásio estava ocupado por outra turma. Na sala as crianças ainda finalizaram um exercício de ciências. Ao entrar, o professor de educação física pediu para que os alunos sentassem, mas eles continuaram conversando. O estagiário escreveu no quadro a atividade do dia: Ginga,

toques dos instrumentos, música de capoeira e ritmo e abaixo, fez dois círculos. Em seguida, explicou as atividades e mencionou o local.

Nesse encontro problematizam os acordos feitos na primeira aula como a participação e solidariedade dos alunos entre si, o respeito e valorização das diferenças. Em relação ao tema iniciou-se o módulo Cana de Açúcar, em que buscaram refletir sobre o trabalho escravo e as contribuições do povo negro no desenvolvimento cultural e econômico do Brasil, as imagens das obras trabalhadas na aula anterior também estavam previstas como forma de visualizar o trabalho escravo e a produção de alimentos.

Foram mostradas as pinturas do artista Portinari e perguntado: vocês lembram quem era o Portinari? Um dos alunos lembrou que possui um perfume com nome de Portinari e outro destacou que pode ser em homenagem ao grande pintor. Em relação à atividade explicou-se que na rua iriam fazer duas rodas, aprender a gingar ao ritmo da capoeira (fundamento principal), o toque do pandeiro e a música que seria utilizada na aula.

Então, saíram da sala em fila cantando uma música de composição do estagiário, intitulada: “Navio Negreiro”, simulando diferentes situações na travessia do atlântico pelas populações escravizadas. As ações reverberam o pensamento de Benjamin (1984, p. 234) quando destaca que “a música, não porque os autores assim o querem, mas por sua própria natureza, é algo de profundamente familiar ao drama alegórico”.

Ao chegar ao local da aula, formaram duas equipes em roda e iniciaram o toque do pandeiro. O combinado com os alunos era de que ao parar o toque do instrumento deveriam colocar as obras no mural e depois a letra de uma música na sequência correta. Iniciaram a prática e quando o som parou realizaram a atividade corretamente. No momento em que realizavam a ginga foram introduzidos na brincadeira alguns movimentos pertencentes à capoeira.

A letra da música que estava sendo aprendida foi divulgada em um mural. Algumas meninas se excluíram e demonstraram desinteresse pela atividade. Os estagiários buscaram motivá-las a voltar e tiveram sucesso. Era nítido o envolvimento maior de uma das equipes, com o tempo aumentou o número de alunos que se excluíam da atividade.

Próximo do final da aula chamou-se o grupo todo para uma conversa. Primeiro cantaram a música, porém estava muito quente, o calor estava incomodando os alunos. Então, foram para a sombra da árvore registrar o momento com uma foto, o que foi bem acolhido pelos discentes. Finalizaram a aula sem uma conversa, pois soou o sinal e as crianças começaram a se retirar.

Nesse encontro voltaram a ter contato com imagens dos artistas o que possibilitou a introdução do tema Cana de Açúcar e duas músicas de capoeira ("Tem cana pra cortar", "Ê canaviá, ê canavieiro"). O interesse pela capoeira e seus fundamentos ficou nítido para a maioria dos alunos. Percebeu-se a necessidade de ir refletindo e planejando o espaço da aula, que neste dia mostrou-se desconfortável devido ao horário e exposição ao sol.

O módulo Cana de Açúcar também foi tema do terceiro episódio, que aconteceu nas primeiras aulas, às 7h45 com aula faixa (duas aulas de 45 minutos). Este dia nublado e levemente chuvoso, teve a ausência de três alunos, sendo um por motivo de suspensão devido a problemas de indisciplina.

O estagiário levou cepos de cana de açúcar e com isso mobilizou a curiosidade das crianças. Os alunos mostraram-se mais calmos e escolheram fazer a aula na quadra aberta no fundo da escola.

O trajeto foi tranquilo e contou com a colaboração dos alunos para carregar o material. Na quadra organizaram uma roda, e foi explicado o que eram canaviais, usinas e como era o trabalho dos negros na época da escravidão. Mais uma vez apreciaram a obra "Cana-de-açúcar" (1938) de Portinari, neste momento a cana foi descascada e oferecida para cada aluno, segurar, cheirar e provar. Foram registrados os comentários sobre a degustação.

Para alguns alunos era a primeira vez que provavam a cana. Em seguida, formaram dois grupos e logo foram surgindo ideias de criação, fizeram uso dos restos da cana para elaboração de um grande painel sobre o tema, representando com desenhos e pinturas aquilo que haviam aprendido até essa aula.

Apenas uma menina se mantinha longe, triste, pelo desentendimento recente com um colega, mas depois da mediação do estagiário ela retornou para a atividade. Aconteceram algumas discussões e desentendimentos sobre o uso das tintas, mas o estagiário entrevistou e explicou que se tratava de uma obra coletiva, acalmando a turma. Como não havia pinceis para todos, foi autorizado que pintassem com as mãos. As crianças gostaram bastante desta sensação. A criatividade e concentração dos alunos surpreendeu a dupla de estagiários.

Aos poucos houve certa dispersão e outros lugares da quadra começaram a ser pintados. Uma das equipes apresentou mais dificuldade que a outra para realizar a atividade, houve a mediação da dupla de estágio, que explicou com calma a importância do trabalho coletivo e organização do grupo para ter sucesso na tarefa.

Ao final, por causa de uma chuva leve, mudaram-se para o corredor coberto para concluir a atividade. Muitos foram se lavar no banheiro. Naquele momento a mudança de

estratégia potencializou dificuldades no processo de aprendizagem, “os esforços dos professores, por mais criativos que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho” (DAMAZIO E SILVA, 2008, p. 193).

Em sala realizaram um diálogo sobre o tema e foi solicitado aos alunos que comentassem o conteúdo e todo o processo. Como resposta os alunos registraram que:

“A aula foi legal, mas tinha algumas pessoas que pintaram roupa, cabelo, pele e pintaram o muro”; “Bom, eu gostei muito da aula, porque tinha música, nos ajudou a nos inspirar fazer os desenhos”; “Eu achei muito legal, mas também achei meio chato, por que as pessoas estavam pintando a parede e fizeram guerrinha de tinta”; “Eu gostei muito dessa aula, me diverti bastante e consegui fazer várias coisas e gostei muito de chupar a cana, muito bom”; “Eu gostei muito da atividade e de sujar a parede, e pintar a mão”; “Eu gostei de pintar com as mãos, e foi bem legal e foi legal sujar a parede e o chão”; “Eu gostei muito de pintar, comer a cana e pintar com o pincel e com a mão a nossa arte, sei lá como fala, é arte, é arte”; “Eu gostei de fazer bagunça”, “Eu não gostei muito da aula, porque algumas pessoas pintaram a parede e até minha roupa, aí então eu gostei um pouco, mas gostei da cana, também gostei de pintar com a mão e com o pincel e gostei de pintar o cartaz, foram as melhores coisas que aconteceram na aula”; “Eu achei a aula legal, divertida, eu gostei de pintar ali no cartaz, ajudar pra fazer a pintura, eu achei legal que o professor fez uma aula mais diferente”; “Ah sabe, eu achei bem legal por que a gente trabalhou com a cana, a gente comeu a cana, a gente pegou o bagaço, a casca e fez meio que fez uma figura 3d, pegou um monte de tinta, e ficou bem colorido, bem legal”; “A aula foi muito legal, a gente fez umas obras de arte, que a gente pegou palha, o negócio da cana e foi muito legal”; “Então a gente pegou a cana, chupou tal, descascou, sentiu o cheiro das cascas, depois a gente fez a pintura das músicas que falava sobre cana e o desenho do Portinari, e por causa da chuva, não deu pra fazer a corrida de revezamento”; “É eu achei a aula muito legal, porque mexeu com tinta, chupamos cana e o ruim que deu chuva, que daí a gente não pode brincar das brincadeiras”.

Verifica-se por meio dos relatos uma experiência estética que acontece pelo mundo sensível.

Significa considerar que a descoberta do mundo pelo sensível é uma via para o conhecimento e o autoconhecimento. A educação estética é o lugar possível de “exercícios dos sentidos”, reconduzindo o homem a uma nova subjetividade, pautada pela sua experiência (individual e coletiva) que não pode mais considerar as verdades como canônicas, inquestionáveis, e *pensa-sente* o conhecimento como uma atividade exercida pelo próprio indivíduo, na aquisição de novos significados para sua vida e de seus semelhantes. (SILVA, 2013, p.115)

Com a chegada da professora na sala, os estagiários despediram-se da turma pedindo aos alunos que cuidassem do painel para que na semana seguinte fosse registrada uma foto com todos juntos. A obra ficou na parede do lado de fora, sua construção misturava pinturas em tintas, folhas, cascas da cana e continha a imagem das pinturas e músicas trabalhadas.

Ao encerrar esse módulo constatou-se o crescente envolvimento da turma com o tema. A abordagem proporcionou aos alunos diversas sensações a partir das experiências estéticas, ao explorar uma diversidade de proposições artísticas e atividades pedagógicas sobre o conteúdo do trabalho escravo, o período histórico da cana de açúcar no Brasil e da origem da capoeira. Benjamin, citado por Silva (2013) ressalta a possibilidade de pensar a estética a partir da etimologia da palavra que no grego significa *aisthesis*, cuja tradução se relaciona com os sentidos, ou seja, as percepções e sensações e com isso refletir na educação dos sentidos como uma “outra” perspectiva de educação humana.

Os cinco sentidos do corpo como *modus operandi* na análise de *Infância berlinense* e *Diário de Moscou* mostraram como é possível conduzirmos uma formação encarnada, corporificada, promovendo uma educação na qual o corpo não represente um estorvo para o conhecer, mas como fundamental para isso (SILVA, 2013, p.117).

No quarto episódio, realizado no último horário da manhã, foi necessário secar a quadra com rodos antes do contato com as crianças. Observou-se na sala que os alunos já aguardavam um tanto agitados. O fato novo foi que uma aluna retornava à turma. Nesse dia, por falta da professora, as crianças encontravam-se com auxiliares de ensino.

A proposta foi dar continuidade à reflexão sobre o trabalho escravo e as contribuições do povo negro no desenvolvimento econômico e cultural do Brasil. Como rotina retomaram os conteúdos antes trabalhados e apresentaram a proposta do dia, iniciando com uma explicação sobre a brincadeira que consistia num “pique bandeira”.

A bandeira foi substituída por um calçado para fazer alusão à alforria, aos escravos libertos; a corrente representou a prisão, escravidão. Foi oportunizado aos alunos manipular os objetos da atividade (calçado e a corrente) e depois que escrevessem uma palavra que tivesse ligação com os conteúdos ministrados.

As idéias e os fenômenos existem em relação dialética. Para que elas possam se atualizar, os fenômenos, dissociados em seus aspectos extremos, têm de agrupar-se em torno delas. Para que os fenômenos sejam salvos, eles precisam receber das idéias uma interpretação objetiva (BENJAMIN, 1984, p.45).

Nas falas das crianças verificou-se que os conceitos foram formulados a partir de sua compreensão sobre o objeto, tendo a ressignificação potencializada a partir do conhecimento

adquirido nas aulas por meio da significação histórica apresentada. Como exemplo obtivemos as seguintes frases:

A Corrente: “Representa o sofrimento”; “Eu penso que a corrente é tipo a vida dos negros do Brasil, da escravidão”; “Quando eu vejo essa corrente eu lembro dos prisioneiros”; “Escravidão”; “O quadro do Debret que falava sobre a escravidão”; “Eu acho que a corrente, é os antigos que eram escravizados”; “Essa corrente lembra prisão”; “A corrente lembra a amizade”.

O calçado: “O sapato representa a amizade de correr e a força de andar muitos quilômetros”; “Quem tinha tênis tinha mais riqueza, e os escravos não tinham dinheiro para comprar o tênis, daí eles andavam descalços”; “Me lembro que eles não tinham tênis pra usar, ir para roça. Eles tinham chinelos, mas os chinelos deles eram bem rasgados”; “Naquela época não tinha tênis e eles andavam descalços”; “O tênis representa, por que na época deles não tinha sapatos de luxo e eles corriam descalços”; “O tênis representa, por que na época deles não tinha tênis e andavam descalços”; “Eles sofriam por que machucavam os pés nas pedras”; “Lembro que eles tinham que lutar muito para conseguir viver”; “O tênis pode representar um vaso, um pote, alguma coisa”; “Representa o chulé”.

Os relatos indicam que “numa perspectiva puramente estética o paradoxo conserva a última palavra” (BENJAMIN, 1984, p. 240) onde o mosaico de pensamentos denuncia uma época de opressão e sofrimento do povo afrodescendente. A profundidade da imersão realizada pela leitura das crianças é reveladora, “a linguagem se fraciona, prestando-se, em seus fragmentos, a uma expressão diferente e mais intensa” (BENJAMIN, 1984, p. 230).

Na metade da aula os alunos se deslocaram para quadra e foi solicitado que fizessem um círculo no centro, desta forma poderiam realizar a divisão aleatória das equipes. O corpo docente se surpreendeu nesse dia, três alunos trouxeram um violão e ficaram ensaiando a música do “Canavial” para fazer uma apresentação. Foi proposta uma brincadeira com o objetivo de fortalecer a relação com os saberes trabalhados e proporcionar a possibilidade de ampliar a reflexão sobre os assuntos.

A divisão foi demorada devido a agitação da turma, uma equipe deveria ser escravocrata, formada por capitães do mato e os senhores de engenho e a outra formada por abolicionistas. Fazendo o uso de coletes os times foram agrupando-se, porém o tempo para brincadeira se reduziu a menos de dez minutos. Ao começar, houve um atrito entre os alunos. O estagiário parou a atividade e reuniu todos para tentarem outra vez, mas como a aula estava para acabar, foi combinado continuar no próximo encontro.

Este dia expressa a importância de estar atento para ponderar o planejado, Benjamin (1984, p. 13) alerta que “as dificuldades são reais, mas não devem ser superestimadas”, pois o desenvolvimento da experiência depende de uma série de fatores e o tempo real é aquele que se torna possível considerando as relações entre alunos, professores, estratégias de ensino e seus conteúdos.

No início do quinto episódio, foi problematizado o comportamento da turma, para retomar os acordos e definir novos combinados. Foi lembrado o uso inapropriado do celular na aula, a importância de prestar atenção na explicação do professor. Também foram feitas algumas observações sobre o tema e o jogo “escravocrata ou abolicionista”, sobre como jogar (é possível jogar sem a outra equipe?), o respeito aos colegas da equipe adversária e às regras para além do jogo.

Em todas as questões os alunos puderam se expressar e foi garantido que cada um fosse escutado na sua manifestação. O exercício da problematização é um instrumento eficaz para promoção do pensamento crítico desde que bem executado, garantindo o direito à expressão e a escuta. Tão importante é o aprendizado da fala quanto da escuta. Para tanto, o estagiário foi aprendendo formas eficazes de formular e apresentar as questões, bem como de proporcionar um diálogo tranquilo e crítico entre os alunos.

Após o momento da reflexão sobre os procedimentos e conteúdos da aula, se deslocaram para a quadra. No caminho pararam para registrar uma foto em frente às pinturas realizadas no terceiro encontro. Chegando na quadra, foi feita uma apresentação com alguns alunos tocando violão. O grupo mostrou uma versão da música que falava sobre o carnaval, essa atividade foi iniciativa das próprias crianças.

Retomou-se a brincadeira da aula anterior formando duas equipes e dando oportunidade para todos participarem das duas possibilidades “escravocratas e abolicionistas”. O jogo ocorreu ao ritmo de uma música tocada pelos estagiários. Novamente foi utilizado o calçado e a corrente como símbolos que identificavam os dois grupos.

Em relação aos objetos Benjamin (1984) auxilia na compreensão sobre a importância de ter múltiplos olhares, no caso do drama barroco, “não é possível abstrair o adereço cênico da forma evoluída do drama de destino” (BENJAMIN, 1984, p.157), porque existem nele, “os sonhos, as aparições espectrais, os terrores do fim, e todos esses elementos pertencem obrigatoriamente à sua forma fundamental, a do drama barroco” (BENJAMIN, 1984, p. 157). Na obra descrita pelo autor um objeto como um punhal, por exemplo, pode simbolizar o desastre e/ou a anunciação dele. Os objetos propiciam e anunciam os momentos. “E o acaso,

no sentido da fragmentação do acontecimento em elementos discretos e reificados, corresponde inteiramente ao sentido do adereço” (BENJAMIN, 1984, p. 156).

Dessa vez os alunos mostraram-se bem mais respeitosos em relação a aula anterior, se eram pegos paravam e em dúvida concordavam com a decisão do professor. O que evidencia a importância do diálogo permanente entre professores e alunos, que o aprendizado depende tanto da reflexão quanto do exercício de ações e procedimentos a serem aprendidos.

As crianças mostraram-se envolvidas pelo tema da capoeira e mesmo antes das atividades realizavam movimentos de golpes, esquivas e acrobacias espontaneamente. Algumas meninas demonstraram dificuldades na movimentação proposta e saíram da brincadeira. Não foi possível uma avaliação no final da aula, pois priorizaram o brincar deixando para o próximo encontro a retomada da reflexão.

Este módulo evidenciou que a utilização de materiais potencializa a reflexão e favorece a construção de conceitos por meio dos símbolos, fazendo com isso uma ligação concreta entre as idéias e a realidade histórica. “A medida temporal da experiência simbólica é o instante místico, na qual o símbolo recebe o sentido em seu interior oculto e por assim dizer, verdejante” (BENJAMIN, 1984, p. 187). A abordagem dos diversos sentidos estéticos explorou uma diversidade de proposições artísticas e atividades pedagógicas em torno do tema do trabalho escravo e das lutas sociais.

No sexto episódio foi lembrado o sucesso da brincadeira na aula anterior, ressaltando a forma organizada e interessada da turma e debatendo sobre os motivos da exclusão das meninas. Foi iniciado um novo módulo chamado Malandragem, para refletir sobre os processos de resistência popular e a representatividade do malandro na cultura do país.

Gomes (2004) discorre que nos anos 1920 a malandragem representava a “alma popular” da nação e, juntamente com o samba, era uma poderosa rede simbólica de autenticidade, vigor, mestiçagem e autossuficiência. Os morros do Rio de Janeiro eram tidos como um imenso celeiro da mais autêntica cultura nacional. Porém, na era Vargas, devido a ideologia trabalhista que o governo pretendia implantar, o Samba Malandro (estilo musical) foi perseguido.

Ao apresentar o tema mostrou-se uma letra da capoeira e a imagem da obra “O morro” de 1934 do pintor Portinari, onde há a figura do malandro. O diálogo acerca da pintura e o significado do “Malandro” propiciaram as seguintes reflexões:

“Uma pessoa malandra e sem vergonha”; “Eu acho que é uma pessoa preguiçosa”; “Um cara que fica dando golpe nas pessoas”; “Um cara que fuma cigarro e baseado”; “Bate

nas mulher”; “Malandro é aquele que não tem vontade de fazer as coisas”; “Malandro é quando faz arte”; “Malandro é um cara que é muito artemista e preguiçoso”; “Malandro é a pessoa que não gosta de fazer nada e só quer ficar parado e só quer ficar deitado no sofá assistindo televisão”; “Malandro é uma pessoa que se ele vai pro bar, volta pra casa sem se lembrar de nada e não tem trabalho”; “Só quer ficar nos aplicativo”; “É também é preguiçoso e não gosta de arrumar a casa”.

O malandro para os alunos é associado a características pejorativas como preguiça, desonestidade, delinquência, que faz uso de bebida e fuma, possui qualidades opostas do que a sociedade espera de um sujeito. Depois se perguntou sobre o que é “malandragem” e as respostas foram as seguintes:

“Quando a pessoa dorme muito, dorme muito, é aí a outra pessoa fala eu acho que isso é muita malandragem”; “é quem quer ultrapassar as pessoas”; “quem não ajuda ninguém e fica só dormindo”; “Não pensa nos outros e pensa só em si mesmo, e não quer fazer as coisas”; “Malandragem é o que malandro faz”; “Eu acho que é a pessoa que não faz nada, fica dormindo”; “Malandragem é que faz muita coisa errada”; “Malandragem é tipo assim, tipo já tá no trabalho falando eita malandragem”; “Malandragem é um cara que quebra as leis, um bêbado, que dirige carro bêbado”;

A malandragem é definida como a ação do malandro e consiste num sujeito preguiçoso, pouco confiável, transgressor e egoísta. A ambiguidade de interpretações pode “remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra” (BENJAMIN, 1984, p. 37). Podemos a partir desta experiência, refletir que “o aprofundamento da perspectiva histórica [...], seja tomando como objeto o passado, seja o futuro, em princípio não conhece limites.” (BENJAMIN, 1984, p. 69).

Aproveitou-se para lembrar o tema da aula anterior, relacionado ao calçado e as correntes. Perguntaram para as crianças se sabiam o que representava andar descalço no período colonial. Os alunos observaram que o escravo andava descalço e o liberto de sapato, e que no quadro do Portinari “O Morro” o malandro está de sapatos.

A malandragem estava presente nas práticas sociais do capoeira [...], no seu jogo de perna para atacar e se defender, na sua esperteza e malícia dentro e fora da roda de capoeira. Era parte de uma cultura de rua, do modo de ser e das estratégias de sobrevivência de homens que viviam entre a ordem e a desordem, perseguidos pelos representantes da lei, quase sempre os enfrentando ou deles se esquivando, muitas vezes desde os tempos de menino (DIAS, 2004, p. 93).

A figura do malandro é bastante explorada na literatura brasileira e está presente em diversos trabalhos, como lembra Antônio Candido (1970). É um ótimo tema para se refletir

sobre a formação do sentido do Brasil e do brasileiro. Na capoeira, a malandragem é um aspecto exaltado como uma forma de sobrevivência, um fundamento da luta que exige a sagacidade para fazer uso do corpo para se manter vivo, de enganar o adversário ou quem quer lhe fazer mal. No jogo da capoeira uma forma de distrair o oponente e levar vantagem. No samba, outra manifestação da cultura popular, temos algo semelhante à capoeira.

O malandro, segundo Maria Ângela B. Salvadori, em sua tese *Capoeiras e malandros*, teria sua origem ancestral, principalmente no que diz respeito à vestimenta, em outro personagem urbano anterior (de fins do século XIX), o capoeira. Desse modo, o malandro seria proveniente de uma tradição popular que procurava preservar uma margem de autonomia e deliberação sobre a sua própria vida. Esta tradição, segundo a autora, teria se originado da luta pela liberdade realizada desde os tempos da escravidão. Exatamente por terem se originado de um regime no qual o trabalho se apresentava de forma negativa e marginalizada, a liberdade representava algo mais que a condição de cidadãos livres. A liberdade simbolizava principalmente o “viver sobre si”, o não submeter-se a uma disciplina de trabalho. Estes personagens, quando foram envolvidos por um contexto de valorização moral do trabalho e logo em seguida de exaltação da figura do trabalhador, foram rotulados como vadios e relacionados com a violência urbana. (CUNHA, 2007, p. 6)

Nesta aula explicou-se no quadro a brincadeira que seria realizada posteriormente, de acordo com Benjamin (1984, p. 106) quando ressalta que os “dois lados da reflexão são igualmente essenciais: a miniaturização da realidade e a introdução no espaço fechado”.

“Faremos uma roda e dois alunos (capoeiras malandros) jogarão no interior da mesma. Outro aluno (o policial) fica no entorno da roda. Com um toque de berimbau (Cavalaria) o policial tentou entrar na roda que protegerá os malandros, quando um dos alunos (malandro) é pego, ele toma o lugar do policial”. Essa atividade procurou oferecer às crianças uma experiência para lembrar sobre o período em que a capoeira foi proibida no Brasil. De acordo com Benjamin (1984, p. 57) “os elementos que o conceito, segundo sua tarefa própria, extrai dos fenômenos, se tornam especialmente visíveis nos extremos”.

Ao chegar ao ginásio iniciou-se uma explicação sobre a roda de capoeira, os instrumentos e a música que seria utilizada para a reflexão do dia. Na letra eram ressaltadas algumas qualidades do malandro, exposta algumas artimanhas, códigos da capoeiragem, entre outros, as crianças ao cantar junto dominavam o significado dos versos. A brincadeira sobre o malandro possibilitou recriar ludicamente um ambiente com disputas de força e interesses, fuga e captura.

Apresentou-se o berimbau, suas partes; foi dito que simboliza a resistência e que é um instrumento fácil de transportar. Na brincadeira, o tocador dava o sinal para a fuga, seu toque foi a linguagem utilizada para alertar às crianças para fugirem do pegador (policial). A

atividade foi realizada pelos alunos com satisfação, interesse e respeito às regras combinadas, nem perceberam o tempo passar e quando soou o sinal continuaram a brincar, o que não era comum em outras aulas.

Ao fim desse processo percebeu-se que os módulos alcançaram seu objetivo de mobilizar os alunos na relação com as aulas de educação física e o tema da capoeira. Também se verificou que a relação entre arte e educação física enriquece o repertório da cultura corporal e artística dos alunos, bem como seu conhecimento histórico sobre a capoeira e o Brasil. Benjamin (1984, p. 62) destaca que “nos conceitos da psicologia pode estar reproduzida uma multiplicidade de impressões, tenham ou não sido evocadas por uma obra de arte”.

Em relação ao sétimo e último episódio antes da avaliação o tema foi brincadeiras populares e as acrobacias da capoeira. Antes os estagiários lembraram os aspectos da aula anterior sobre a malandragem e explicaram que os quadros de Portinari “Cambalhota” (1958), “Meninos brincando” (1955), “Meninos pulando carniça” (1957), “Pulando carniça” (1959) dariam origem aos desafios motores do dia, esses recursos pedagógicos possibilitam a aproximação da brincadeira com a capoeira e seus movimentos.

Em relação “a origem (*Ursprung*) é um salto (*Sprung*) em direção ao novo. Nesse salto, o objeto originado se liberta do vir-a-ser” (BENJAMIN, 1984, p. 18-19), esta reflexão reforça os múltiplos sentidos que se lançam a partir das experiências de ensino, principalmente a Arte, olhando as obras e tentando realizar as crianças construíram novos movimentos, sensações e percepções.

Na quadra fizeram um círculo e foram explicadas algumas técnicas do pula carniça, oportunizaram que os alunos experimentassem em dupla no interior da roda, focando na aprendizagem do movimento. Algumas meninas demonstraram medo e com auxílio dos colegas e professores conseguiram superar as dificuldades. Foi conversado sobre os cuidados ao realizar os movimentos para não se machucarem.

Os educadores ressaltaram a importância da atenção aos detalhes para os alunos poderem pular cada vez mais alto com segurança. As crianças experimentaram o movimento do Pula Carniça com motivação, alguns alunos pediam para aumentar a altura “Ô sô aumenta um pouco”, as meninas que estavam receosas se encorajaram e ficaram satisfeitas em ter vencido o medo. Continuaram a atividade em duplas se deslocando com alegria do meio da quadra até a trave, sobre as sensações Benjamin (1984, p.163) declara que “os sentimentos,

por mais vagos que eles pareçam na ótica da autopercepção, reagem, como num reflexo motor, à constituição objetiva do mundo”.

Num segundo momento, seguiram a atividade com a mesma metodologia do exercício anterior. A cada conquista dos alunos percebia-se uma imensa realização e felicidade. Foi apresentado técnicas de equilíbrio corporal (parada de mãos, parada de cabeça e aú), todas as acrobacias da capoeira. Dantas (2015) reforça a importância da construção pedagógica realizada discorrendo que as atividades corporais possuem muitos princípios estéticos, essa arquitetura de conteúdos possibilita a abertura da discussão para refletir sobre o cotidiano dos estudantes, em destaque os jovens negros, também potencializa a valorização de algumas expressões artísticas e culturais que remete às raízes afrodescendentes.

Após o aprendizado dos movimentos realizaram uma brincadeira com quatro pegadores (pega congela), para serem salvos deveriam deixar o colega pular por cima (pula cela). Destaca-se que os alunos mostraram mobilização nas atividades.

Ao final da aula se reuniram e os estagiários agradeceram pelo envolvimento de todos. Com essas atividades puderam aprender técnicas corporais novas, experimentar brincadeiras que são tradicionais e encontram-se nas telas de artistas brasileiros como Portinari. Ao mostrar novas possibilidades da brincadeira, inclusive no jogo da capoeira, também atualizaram o gosto pelo brincar e o aprendizado de ações que exigem a organização individual e coletiva.

Por fim é importante mencionar que ocorreram conflitos isolados, sem interferir potencialmente na dinâmica das aulas. Mesmo o mais desinteressado dos alunos mostrou-se em diversos momentos muito perspicaz e participativo. Foi o caso do aluno que ao olhar o quadro de Debret e após o apontamento sobre um equívoco na obra formulou a hipótese de que não haveria erro algum, já que havia uma pessoa atrás do moinho para ajudar.

Em relação à execução do planejamento foi necessário realizar uma adequação e o tema café foi suprimido. O motivo da exclusão foi o acontecimento de uma reunião pedagógica, e por acreditar ser necessário repetir a atividade do quarto episódio, o jogo “escravocrata ou abolicionista”. A experiência oportunizou aos alunos vivenciar novamente a brincadeira. Refletir sobre a simbologia da corrente na condição de escravizado e a partir da experiência pensar na condição de ser livre. Também de se apropriar do importante conceito estético das representações sobre o significado de o negro possuir ou não calçado no período escravocrata.

É função dos conceitos agrupar os fenômenos, e a divisão que neles se opera graças à inteligência, com sua capacidade de estabelecer distinções, é tanto mais significativa quanto tal divisão consegue de um golpe dois resultados: salvar os fenômenos e representar as idéias (BENJAMIN, 1984, p. 57).

O processo avaliativo considerou a proposta curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016) que destaca a importância de uma avaliação formativa oportunizando que os educandos possam refletir sobre seu processo de aprendizagem.

A verificação aconteceu ao longo dos módulos de ensino, nos encontros na sala de aula e ao final das brincadeiras. As crianças realizaram no último encontro com a ajuda dos alunos do programa PIBID o preenchimento de um questionário na plataforma *google*.

Em sala foi explicado o instrumento de avaliação e deslocaram-se até a biblioteca, a tarefa utilizou como ferramenta os *notebooks* cedidos pela escola. Obteve-se vinte cinco questionários respondidos e avaliou-se que o instrumento teve relativo sucesso qualitativo. Evidenciou detalhes dos processos de ensino e da apropriação do conhecimento pelos alunos. As questões trataram de indagar sobre os aspectos pessoais como idade, sexo, onde morava, descendência familiar, o que gostavam de brincar, o que aprenderam nas intervenções com a capoeira, de quais aulas gostaram e se desejariam deixar um recado aos estagiários.

As perguntas averiguaram sobre a percepção do que ensina a Educação Física e assuntos relacionados ao conteúdo como: origem da capoeira, o que é capoeira, nome do movimento básico, quem foi Cândido Portinari, aspectos sobre a estética e conceito das obras e músicas trabalhadas.

Os resultados apontaram que em relação à faixa etária verificou-se que a maioria das crianças tinham 10 anos, era do sexo masculino e grande parte vive próximo à escola no bairro do Pantanal.

Quando perguntados sobre a origem familiar, menos da metade se considera de origem europeia ou branca, dos treze alunos que se consideram não-brancos, quatro se definem como de origem africana, cinco de origem indígena e quatro de origem asiática. As crianças tinham como brincadeira preferida o pega-pega e entendiam que as aulas de Educação Física estão relacionadas a brincadeiras.

Aspectos teóricos envolvendo a capoeira também foram verificados e nesse contexto ao definir capoeira a quase totalidade dos alunos mencionou ser jogo, dança e luta, tendo como movimento básico a ginga, apenas um menino a definiu como briga, sendo o soco seu movimento básico, em relação a origem mais da metade acredita ser criada pelo povo africano

e que sua origem se deu na África, quando ensinamos que ela é afro-brasileira, criada no Brasil.

Acerca das músicas trabalhadas, os alunos identificaram que elas contam histórias relacionadas ao “Trabalho escravo”, ao “sofrimento” vivido nas senzalas e “plantio da cana”, essa que lhe servia de alimento, “alimento escasso”. Mesmo os “negros mais fortes sofriam”. As músicas exaltam a figura do “malandro” e a “força do escravo”, aspectos da história que “não podemos esquecer”.

Em relação às falas, Benjamin (1984, p. 64) aponta que podemos perceber que “essa visão não é a do objeto, dissolvido na ideia, mas a subjetiva, projetada na obra pelo recipiente, nisso consistindo, em última análise, a empatia”.

Sobre os aspectos conceituais da capoeira, houve a maior parte das respostas corretas (80%). Questionados sobre Cândido Portinari, a maioria destacou além de sua profissão as características das obras apresentadas. Responderam que ele foi um artista, que pintava pés e mãos fortes dos trabalhadores, o que expressa que “os negros eram fortes”, “escravos trabalhadores”, “determinados”. Sobre a obra “O Morro”, onde há muitas pessoas descalças e apenas o malandro possui calçado, os alunos comentaram que se tratava de expressar os “pobres, pessoas simples, descalças, malandro”; que “o malandro vivia na cidade”; “queriam os pés livres”; eles dizem que “o malandro não deixava usar calçado”, “eles não eram malandros, eram escravos e só os libertos usavam calçados”.

Comentaram ainda que “nem todos eram malandros, mas todo o brasileiro é um pouco malandro”, o malandro “conseguia as coisas sem encrenca”. Outros aspectos relacionados foram que: “o malandro sabia dançar, inventou a ginga e o samba, alegria, inteligência, bondade, disposição, safado, capoeira, preguiçoso, discreto, arteiro, escapa dos problemas, é ruim, passa a perna nos outros, folgado, sempre fica por cima...”; que o malandro “tinha dinheiro e usava sapato”, era “alguém da comunidade que se adaptava e não arrumava encrenca”, “representava o brasileiro”, aquele que “faz as coisas sem pedir”.

Para os alunos nesta avaliação o malandro era figura que representava o Brasil, um sujeito que sabia o samba e a capoeira, nas falas “a estrutura e o detalhe em última análise estão sempre carregados de história” (BENJAMIN, 1984, p. 204).

As experiências com as pinturas e letras das músicas reforçam que “nas mãos do alegorista, a coisa se converte em algo de diferente, transformando-se em chave para um saber oculto” (BENJAMIN, 1984, p. 40). O relato das crianças revelou aspectos de uma

experiência estética que permitiu para alguns a ressignificação dos conteúdos e a ampliação de conceitos em torno dos temas trabalhados.

Sobre os aprendizados destaca-se a importância da percepção das crianças em relação às experiências didáticas e a mediação do professor na construção de conceitos que superem o senso comum. Benjamin (1984, p. 128) discorre que “o conteúdo de verdade desse todo, [...] não se encontra nunca na doutrina abstrata, e menos ainda na doutrina moral, mas somente no desdobramento crítico e comentado da própria obra”.

As respostas mostram que alguns alunos identificaram com propriedade os conteúdos ministrados, destacaram diversos movimentos, entre eles alguns da capoeira (ginga, estrelinha, parada de mão, cambalhota, pular-cela, jogo de capoeira), outros aprendizados citados foram as brincadeiras, músicas, sobre Portinari, os índios, entre outras.

A aula que mais gostaram foi do tema Malandro e Brincadeiras com os movimentos retratados na obra de Portinari (64%), em segundo cana de açúcar e jogo da liberdade (60%), a aula da atividade da pintura do painel retratando o quadro “Cana de Açúcar” ficou em terceiro lugar (56%), em quarto ficou a aula de apresentação da música e repetição do jogo da liberdade e em quinto a aula de apresentação, aspectos introdutórios da capoeira e sobre o pintor Cândido Portinari.

Por fim, as crianças deixaram recados aos estagiários: “Os estagiários são legais, votos que sejam professores”; “Continuem com o bom trabalho”; “Muito obrigado pelas aulas, gostei muito da capoeira”; “Adorei vocês e a capoeira”; “Adorei as pinturas e conhecer Portinari”; “Aprendemos bastante”; “Aprendi sobre capoeira, gíngas e músicas”.

Silva (2013) destaca que para Walter Benjamin um dos conceitos centrais de suas teorias está vinculado a experiência (*Erfahrung*) formativa, o autor parte da própria existência para pensar a realidade conceito, na direção de uma concepção de educação estética o corpo aprende aquilo que é fornecido como experiência.

Ainda sobre a avaliação, houve um revezamento e no momento que algumas crianças realizavam a tarefa do questionário, outras praticavam atividades na quadra com o professor de Educação Física. Outro fator importante para o sucesso das aulas ministradas foi as contribuições e o apoio dos acadêmicos do programa PIBID e os profissionais da instituição.

Sobre os espaços notou-se a utilização de diversos locais que ofereceram possibilidades de construir variadas significações e aprendizados. Damazio e Silva (2008) relatam que é importante o fato de a concepção de ensino ter também como propósito desenvolver o entendimento de que a Educação Física possui conteúdos que necessitam de

outros espaços para além da quadra ou ginásio de esportes, os autores ressaltam que “espaços alternativos e obstáculos podem se transformar em recursos para possibilitar a criatividade, a inovação e a construção de práticas diversificadas” (DAMAZIO E SILVA, 2008, p. 194).

A partir da gama de espaços onde aconteceram as atividades percebeu-se que a experiência transcendeu os locais tradicionalmente reservados à Educação Física, objetivando apresentar que como disciplina escolar seus conteúdos dialogam com todos os lugares do âmbito educacional e fora dele, ainda por acreditar que conforme Damazio e Silva (2008) as condições do ambiente influenciam significativamente nas intervenções pedagógicas.

As limitações foram verificadas e no espaço próximo do Ginásio a livre passagem de pessoas no momento da aula contribuiu para distrair as crianças. Neste momento as estratégias de ensino foram primordiais para que os alunos continuassem aprendendo. Damazio e Silva (2008) ressaltam que as condições dos espaços carecem de ser adaptadas e reinventadas, devido às interferências externas.

A proposta entendeu os conteúdos como linguagem, e nesse sentido a cultura corporal de movimento foi desenvolvida a partir dos jogos, danças, lutas, entre outros. De Oliveira *et al.* (2011) discorrem que há uma secundarização deste conteúdo ou ausência nos planos de trabalho dos professores de Educação Física.

Outro fator apontado pelos autores é a dificuldade de espaços e materiais para o desenvolvimento das ações pedagógicas que propõe a prática. Devido a isso se procurou ocupar múltiplos locais como: a sala de aula, sala informatizada, espaço em frente ao ginásio, ginásio, quadra descoberta e biblioteca, essa diversidade tinha por propósito ampliar as experiências em torno dos conteúdos e em relação à Educação Física. Para Damazio e Silva (2008, p. 194-195) “O espaço condiciona nossos gestos diários, habitua nossa visão, estimula elementos simbólicos, estabelece pontos de referência” esta reflexão apoia o planejamento que acredita nas várias possibilidades de experimentações como contribuições significativas para a ampliação de aprendizados.

Ainda em relação ao ambiente os corredores também foram utilizados para promoção da atmosfera da aula, as saídas da sala já apresentavam movimentos que se relacionavam com o conteúdo. Esta experiência apoia-se na reflexão realizada sobre a disciplina de Educação Física descrita no trabalho: O Ensino da Educação Física e o Espaço Físico Em Questão (2008).

Identificamos, mais uma vez [...] a necessidade de a educação física escolar refletir constantemente em torno de seus objetivos, pressupostos teóricos, limitações e

possibilidades, uma vez que a sociedade em que estamos inseridos nos apresenta novos desafios (DAMAZIO E SILVA, 2008, p. 195).

A partir desta citação faz-se necessário refletir sobre os dilemas da Educação Física e sua contribuição para a sociedade, ainda sobre o entendimento que há diversos espaços que se tornam oportunos para o ensino da disciplina dentro e fora do âmbito escolar.

Ao final do processo consideramos ser uma possibilidade valiosa para o professor de Educação Física escolar compreender que o papel da capoeira na escola não é somente o de reproduzir tecnicamente golpes, incorporar mestres comprometidos com esta ou aquela ideologia de grupo ou concepção de capoeira, mas sim promover o estudo da manifestação corporal, por meio da ação e da reflexão para romper com o reducionismo. O professor deve superar o papel de mero instrutor de ginástica ou técnico esportivo e transformar-se em um tematizador das atividades da cultura corporal de movimento (DO NASCIMENTO E FENSTERSEIFER, 2007).

4.3 RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA E CONCEITO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO

Neste estudo foi debatido sobre a influência estética na capoeira e suas relações na construção de conceitos.

Os símbolos estéticos são carregados de conceitos e promovem os sentidos que reforçam o discurso sobre as visões de mundo de cada capoeira. Os ensinamentos podem estar alicerçados em práticas culturais africanas ou brasileiras. A revisão bibliográfica deste trabalho mostrou que a estética da capoeira pode primar por diversos valores que vão desde a preservação da memória, herança cultural, valorização do povo negro até o esportivismo e esvaziamento das variadas simbologias inseridas na capoeira.

A capoeira se transforma e percebe-se a partir da pesquisa que necessita de sentidos para que seus praticantes possam com significado manter e propagar essa manifestação cultural. O esvaziamento das questões estéticas e conceituais da capoeira pode acarretar na interrupção da transmissão de uma vertente ou estilo. Desvincular a prática da capoeira de sua luta social e seus símbolos de resistência é amputar sua essência que está para além do gesto motor. É na estética e no conceito que a expressão cultural preserva seus valores de liberdade, educação, cidadania entre outros.

A partir da reflexão sobre a experiência realizada no estágio no ano de 2019, notou-se que nas aulas e nos processos avaliativos que os elementos estéticos dialogam com os

discentes, a partir dos recursos pedagógicos e dos conceitos contidos na fala das crianças verifica-se a relação entre o conteúdo e a aprendizagem.

Sobre as ações pedagógicas se buscou ofertar possibilidades de compreensão para além do senso comum. Benjamin (1984, p. 71) ensina que “é indispensável [...] um enfoque capaz de elevar a análise, para que ela possa aceder à compreensão de uma forma, em geral, a um plano em que ela veja nessa forma algo mais que uma abstração”. Procurou-se a partir das obras verem o significado histórico da luta dos negros no Brasil.

Os recursos pedagógicos potencializam-se em instrumentos dialéticos capazes de prover novas leituras sobre a realidade, pois “é na dimensão da linguagem que aparece com toda [...] clareza a analogia entre as criações” Benjamin (1984, p. 77). O intuito de utilizar as obras de Cândido Portinari e Debret fazendo relação com as músicas de capoeira, foi descobrir o que essas expressões artísticas expressam e comunicam no sentido de registro histórico, de luta social e sua relação com a realidade vivida pelos afrodescendentes no Brasil.

Os encontros em que tivemos experiências audiovisuais como: a exibição dos vídeos sobre capoeira e vida e obra de Cândido Portinari, alicerçaram construções de entendimentos que os africanos vieram da África para o Brasil forçados pelos portugueses.

Sobre a capoeira, a maioria acredita que ela é muito importante e chegou ao Brasil pelos povos africanos, algumas crianças entendem que ela é de origem brasileira.

Em relação ao vídeo sobre o pintor Cândido Portinari, fizeram inter-relações com o seu cotidiano e nesse contexto lembrou-se que é nome de um perfume.

As atividades em que foi utilizada a possibilidade de experimentar papéis sociais como capoeiras, policiais, abolicionistas, escravocratas, malandros, segundo Benjamin (1984,p. 14) “essa ideia vai recebendo seu conteúdo graças aos artistas individuais”, o empenho e envolvimento das crianças ao vivenciar os personagens criaram uma infinidade de possibilidades de pensamento a partir dos temas.

Ao imaginar os espaços como a senzala e o quilombo, diversos aprendizados proporcionados pelo “faz de conta” se misturavam entre experiências táteis, visuais e sonoras. Benjamin (1984, p. 106) discorre que “os dois lados da reflexão são igualmente essenciais: a miniaturização da realidade e a introdução no espaço fechado”.

A imitação levou as crianças a construir percepções e conceitos sobre os locais, personagens, condição de existência, condições de trabalho e o regime de escravidão.

Vivenciar ludicamente os percalços da fuga e da captura, da tentativa de libertação de seus colegas e construir a partir das diversidades estratégias para alcançar o objetivo do

personagem proposto. Pensar sobre os problemas estruturais dos espaços, a importância da multiplicidade de locais de resistência na luta contra a opressão. Refletir sobre a importância da roda de capoeira como espaço de resistência e de símbolo que ressalta o protagonismo negro na luta pela libertação.

As atividades oportunizaram construções imagéticas como tentativas para experienciar de forma lúdica episódios da realidade. Segundo Benjamin (1984, p. 13) “longe dos fenômenos, as ideias são vazias, do mesmo modo que os fenômenos, longe das ideias, estão condenados à dispersão e à morte”; aproximar a ideia ao fenômeno ludicamente levou as crianças a reflexão sobre os acontecimentos históricos e dilemas sociais vividos na atualidade, “com isso, as coisas acedem ao universal, sem se evaporarem na pura abstração” (BENJAMIN, 1984, p. 13).

Ainda refletiram sobre as formas de comunicação não verbal para resistir à opressão (proibição da capoeira). Segundo Benjamin (1984, p. 37) “falar alegoricamente significa, [...] dizer uma coisa para significar outra”. Podemos a partir destas experiências refletir que “o aprofundamento das perspectivas históricas [...], seja tomando como objeto o passado, seja o futuro, em princípio não conhece limites. Ele fornece à ideia a visão da totalidade” (BENJAMIN, 1984, p. 69). As cantigas da capoeira, os quadros dos artistas, o movimento dos corpos foram linguagens que comunicaram e expressaram a realidade vivida no período escravocrata proporcionando reflexões sobre a condição de vida na sociedade atual.

Quanto às sensações, foi constatado que a tátil sonora proporcionou o fortalecimento das relações sociais e a aproximação com o conteúdo da capoeira. Ao final das aulas foi notável a satisfação em unir as mãos e a força que falavam os dizeres 1, 2, 3 CAPOEIRA!

As experiências práticas proporcionaram experimentar a sensação de desafiar o próprio corpo e construir saberes. Despertou nas crianças curiosidade e empenho na busca pelo conhecer. Além dos aprendizados sobre os aspectos conceituais e estéticos, puderam participar de uma roda de capoeira com elementos fundamentais para o ritual, onde estava presente a musicalidade, o jogo e os preceitos. Sentiram na prática como acontece o jogo, os toques de berimbau, as palmas, os cânticos; foi a oportunidade de experienciar a manifestação cultural como uma reprodução imagética do macro mundo.

Mwewa e Vaz (2006) mencionam que o corpo é possibilidade pedagógica, os modelos corporais estabelecem diversas relações entre elas amor, ódio, conformismo, entre outros. A partir da roda e do jogo da capoeira acontece a experimentação de sentidos, a formulação de conceitos e a reelaboração de significados (ARAÚJO, 2004).

Dantas (2015) reforça a importância da construção pedagógica realizada discorrendo que as atividades corporais possuem muitos princípios estéticos, essa arquitetura de conteúdos possibilita a abertura da discussão para refletir sobre o cotidiano dos estudantes, em destaque os jovens negros; também potencializa a valorização de algumas expressões artísticas e culturais que remete às raízes afrodescendentes, nesse momento apresenta-se a capoeira como potente ferramenta pedagógica.

Nas atividades realizaram os movimentos pertencentes a manifestação cultural: ginga, parada de mão, aú, quatro apoios, rolê, cocorinha, meia lua de frente, “caranguejo”, “aranha”, ponteira, rasteira, benção, entre outros movimentos da capoeira. Os exercícios despertaram sensações de alegria e satisfação.

As atividades práticas dos encontros iniciavam no deslocamento quando era solicitado que todos formassem a fila e neste momento iniciava o canto que embalava a dinâmica do “Navio da capoeira”. Nessa dinâmica de faz de conta conduzida pelo instrumento da capoeira que seria utilizado no dia as crianças participavam alegres e iam todos juntos cantando “o navio da capoeira vai navegando devagar...”, imaginando estar em um navio deslocavam-se construindo saberes por meio da apresentação de desafios motores relacionados à capoeira e Educação Física, alguns exemplos são: pular, girar, agachar, ficar em estátua, se equilibrar em um pé, se pendurar nos corrimãos, balançar o corpo, ainda realizaram movimentos da capoeira infantil como a “cocorinha”, “caranguejo” e a “aranha”.

Ao imaginar o navegar do navio, a viagem pelo Atlântico, o embalo, os “malungos”, as condições dos povos africanos na viagem, oportunizou-se construir saberes concretos sobre a realidade do período escravocrata. Benjamin (1984, p.163) declara que “os sentimentos, por mais vagos que eles pareçam na ótica da autopercepção, reagem, como num reflexo motor, à constituição objetiva do mundo”.

Os aprendizados em relação às sensações táteis e visuais aconteceram por meio da utilização de obras de arte, com intuito de desenvolver um aprendizado significativo dentro deste campo sensorial e suscitar algumas reflexões sobre as questões étnico raciais. As gravuras com obras de arte de renomados pintores são uma forma de linguagem que está para além de um mero sistema de signos que serve apenas para a comunicação (BENJAMIN, 1984).

A obra da gravura de Johann Moritz Rugendas, intitulada Capoeira (1835), foi utilizada para dar início à reflexão sobre a característica multifacetada de jogo, dança e luta dessa manifestação cultural afro-brasileira. Na pintura de Debret (Pequena Moenda de Cana

de Açúcar, 1835) a imagem lançou inicialmente como reflexão mais contundente uma discussão sobre o funcionamento da ferramenta, nesse sentido percebe-se o olhar onde ferramenta e seres humanos escravizados se misturam tornando-se parte de uma engrenagem que mantinha o regime escravocrata. Com as pinturas de Portinari puderam refletir sobre as condições sociais vividas pelos afrodescendentes após a abolição.

A obra de Debret foi utilizada juntamente com a pintura do brasileiro Cândido Portinari para a reflexão em torno do tema cana de açúcar e o trabalho escravo afrodescendente. Em um dos encontros foi possível refletir sobre os produtos que poderiam emergir a partir do trabalho escravo no canavial e entre eles as crianças citaram o “açúcar”, o “melado”, “caldo de cana” e a “rapadura”.

Foram estabelecidas relações estéticas entre as obras de Portinari (Cana de Açúcar, 1938) e Debret (Pequena Moenda de Cana de Açúcar, 1835). Ainda que “cada pessoa, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra” (BENJAMIN, 1984, p. 197) as crianças pensaram na subjetividade do que diz o quadro e na importância do trabalho realizado pelo povo negro no Brasil.

A perspectiva de que “as articulações da cena e as imagens visuais revelam uma sabedoria mais profunda que a que o poeta pode captar por palavras e conceitos” Benjamin (1984, p. 131) foi expressa pelas crianças na avaliação final, ao mencionarem que: “os negros eram fortes”, e pôde ser verificada na pintura de Cândido Portinari quando percebe-se a exaltação dos braços, mãos e pés dos trabalhadores.

A estafeta utilizada para fortalecer a percepção e melhor análise das obras desafiou as crianças a se apropriar dos conceitos e estética trabalhados. Por mais que corresse para ter mais tempo para reflexão teriam que no momento da tarefa analisar profundamente a arte e pensar onde a peça em suas mãos se encaixava na gravura. “A relação entre o trabalho microscópico e a grandeza do todo plástico e intelectual demonstra que o conteúdo de verdade só pode ser captado pela mais exata das imersões nos pormenores do conteúdo material” (BENJAMIN, 1984, p.51).

Em relação a obra de Portinari - Cana de Açúcar, 1938 - a questão final aplicada na plataforma do *google forms* apontou que os alunos construíram por meio do quadro várias reflexões. As falas mais recorrentes ressaltaram uma visão positiva sobre o negro, alguns alunos trouxeram como conceitos a força, a garra, a persistência e determinação em suas lutas diárias. O IPHAN (2014) destaca a capoeira como recurso de resistência dos escravizados, as

manifestações culturais são meios de luta que fortalecem o discurso contra os tipos de violências apresentadas pela sociedade vigente.

O módulo chamado Cana de Açúcar trouxe na música a possibilidade de refletir sobre a condição de vida na sociedade atual. A estratégia com a musicalidade e movimentos despertou sensações sonoras, táteis e visuais. As crianças apropriaram-se de questões conceituais a partir da estética da letra da canção. As músicas “Tem cana pra cortar”, “Ê canaviá, ê canavieiro” se relacionavam com as obras de Portinari (Cana de açúcar, 1938) e Debret (Pequena moenda de cana de açúcar, 1835). A união de recursos pedagógicos procurou despertar variadas sensações e potencializar a reflexão sobre a condição de trabalho no passado e no presente e as contribuições do povo negro no desenvolvimento cultural e econômico do Brasil.

Acerca das músicas trabalhadas, ao final do processo de intervenção os alunos identificaram que elas contam histórias relacionadas ao “trabalho escravo”, ao “sofrimento” vivido nas senzalas e “plantio da cana”, essa que lhe servia de alimento, “alimento escasso”. Mesmo os “negros mais fortes sofriam”, a “força do escravo”, são aspectos da história que “não podemos esquecer”. Sobre aspectos conceituais da capoeira, tivemos uma compreensão satisfatória entre os alunos. Benjamin (1984, p. 234) destaca que “a música, não porque os autores assim o querem, mas por sua própria natureza, é algo de profundamente familiar”.

Andrade (2016) discorre que a capoeira produz significados por meio de uma linguagem com dimensões corporais, musicais e verbais, que promovem atitudes relacionadas à estética e possuem enorme relevância no confronto com o racismo estrutural, e nesse sentido a arte como linguagem ecoa a voz e o protesto dos marginalizados.

A estratégia de utilizar as obras e letras das músicas potencializou aos alunos a pensarem sobre a questão racial, o tempo histórico de cada obra e o que retratava a mensagem das duas músicas. O debate abordou o trabalho no período escravocrata e o pós-abolição. É importante destacar que a música “Tem cana pra cortar” (Mestra Iúna- Grupo Candeias de Capoeira) foi ressignificada e recebeu de alguns alunos de forma espontânea uma releitura tocada ao som do violão. Benjamin (1984, p. 40) menciona sobre o processo de criação: “nas mãos do alegorista, a coisa se converte em algo de diferente, transformando-se em chave para um saber oculto”. As experiências com as pinturas de artes e letras das músicas despertaram várias sensações nas crianças.

O entendimento sobre as músicas foi verificado mais uma vez ao fim do processo. No questionário havia uma pergunta que tratava deste assunto. Alguns alunos mencionaram que a

mensagem da música falava do sofrimento, da escravidão, “no tempo da escravidão era um tempo sofrido”, com isso pode-se perceber que os alunos refletiram sobre as dificuldades vividas pelo povo negro no regime escravocrata. Por meio do particular foi pensado o universal, conceito apoiado em Benjamin (1984):

"Existe uma grande diferença, para o poeta, entre procurar o particular a partir do universal, e ver no particular o universal. Ao primeiro tipo pertence a alegoria, em que o particular só vale como exemplo do universal. O segundo tipo corresponde à verdadeira natureza da poesia: ela exprime um particular, [...] quem capta esse particular em toda a sua vitalidade, capta ao mesmo tempo o universal, sem dar-se conta disso, ou dando-se conta muito mais tarde " (BENJAMIN, 1984, p.183).

As ações pedagógicas em toda a jornada do estágio procuraram oferecer uma diversidade de possibilidades em estratégias e recursos pedagógicos para refletir sobre os temas. Este rico módulo ainda proporcionou para as crianças do quarto ano experiências além das táteis, visuais e auditivas, sensações olfativas e gustativas. Esse momento aconteceu no terceiro episódio.

A cana de açúcar despertou curiosidade entre as crianças em roda enquanto apreciaram a obra “Cana-de-açúcar” (1938) de Portinari, era reforçado o que era canavial, as usinas e o trabalho dos negros na época da escravidão. Cada aluno segurou, cheirou e provou o alimento antes do registro.

Na atividade de representar no cartaz através de desenho e pinturas o que haviam aprendido as crianças adoraram a oportunidade de pintar com as mãos. Esta possibilidade propiciou às crianças satisfação; despertou sensações de alegria, criatividade e a concentração surpreendeu. As obras de arte em papel pardo misturavam além das pinturas com tintas, fitas, folhas e cascas da cana. Destacam-se com essa prática as diversas experiências que se deram em torno da cana de açúcar: o estímulo sonoro como fonte de inspiração para o trabalho; as sensações gustativas sobre o alimento; a pintura com as mãos e a arte a partir da relação entre o corpo e a tinta; as percepções sobre o entendimento das características conceituais de cada arte; a junção e ressignificação dos saberes aprendidos por meio da obra e da música resultaram no apreço pela aula. Em contrapartida, houve a frustração de não haver experienciado a brincadeira que versava sobre o tema.

A proposta da brincadeira planejada era representar o trabalho no canavial. Essa atividade pretendia refletir sobre a força de trabalho e o lucro, porém, foi anulada pela condição do tempo. Nesse encontro também houve momentos de dispersão e outros lugares pintados, este acontecimento dividiu opiniões alguns apoiaram e outros não. Para os atos de

“indisciplina” se faz importante lembrar que na escola em vários momentos as crianças estão submetidas ao disciplinamento e cerceamento do brincar.

Com o intuito de dar continuidade a reflexão sobre o trabalho escravo e as contribuições do povo negro no desenvolvimento econômico e cultural do Brasil, abordou-se os símbolos estéticos e as representações sociais. Nesse contexto pensaram, qual a mensagem visual que possuía um homem negro descalço no período escravocrata? O que representava uma pessoa negra acorrentada?

Refletindo sobre esses símbolos estéticos foi deixado que manipulassem a corrente e o calçado, os alunos ao possuírem os objetos formularam conceitos, onde “cada idéia, por mais abstrata que seja, é comprimida numa imagem, e essa imagem é impressa numa palavra” (BENJAMIN, 1984, p. 222). As crianças mencionaram sobre a corrente que representava o sofrimento, a vida dos negros no Brasil, a escravidão, a prisão. O mosaico de pensamentos das crianças denuncia uma época de opressão e sofrimento do povo afrodescendente.

As falas coletadas remeteram ao conteúdo já trabalhado e chamou a atenção uma criança que relacionou os elos da corrente com a amizade. Essa leitura faz refletir sobre a força da união na luta contra a opressão e na viagem dos malungos pelo Atlântico. Benjamin nos auxilia a pensar na profundidade da imersão realizada pela leitura das crianças apontando que: “Assim, a linguagem se fraciona, prestando-se, em seus fragmentos, a uma expressão diferente e mais intensa” (BENJAMIN, 1984, p. 230).

Sobre o calçado Araújo (2004) menciona que representou um símbolo que conceituou quem era liberto ou escravo no período escravocrata. As palavras das crianças ao refletirem sobre este acessório denotaram além da demarcação do local de trabalho dos afrodescendentes nas fazendas, a relação de poder existente na era colonial. Também apresentaram possíveis relações do cotidiano das crianças: relações de riqueza e pobreza, luta pela sobrevivência, condição social, sofrimento, necessidade de ser criativo para transpor barreiras e para o fortalecimento das relações e a busca por oportunidades.

O ensino continuou com a estratégia de brincar trançando saberes com as obras de arte e as letras das músicas. Com a brincadeira inspirada no pique bandeira, procurou-se com a representação dos objetos “corrente e calçado” fortalecer a relação com os saberes trabalhados.

Na atividade foram utilizados como personagens um grupo sendo abolicionista e o outro grupo escravocrata. Os símbolos estéticos (corrente e calçado) eram quem indicavam os papéis sociais e qual tipo de luta (causa) em que as crianças iriam se envolver. O calçado era

símbolo de alforria, libertação, o bem protegido pelos abolicionistas. A corrente representava a vida cativa, de opressão, identificada com os valores escravocratas (capitães do mato e senhores de engenho).

Ao encerrar esse módulo foi constatado que houve um grande envolvimento com o tema proposto por parte da maioria dos alunos. Sobre esses momentos e suas significações, Benjamin (1984, p. 187) auxilia a compreensão dizendo que: “A medida temporal da experiência simbólica é o instante místico, na qual o símbolo recebe o sentido em seu interior oculto”. A experiência com os temas envolveu diversos sentidos estéticos, explorou uma variedade de proposições artísticas e atividades pedagógicas em torno do tema do trabalho escravo, da cana de açúcar e da origem da capoeira, favorecendo novas compreensões sobre os símbolos apresentados.

Com o tema da Malandragem abordou-se os processos de resistência popular e a representatividade do malandro na cultura do país. A reflexão se deu a partir da obra “O morro” de Portinari (1934). Ao serem indagados sobre o que compreendem do personagem malandro mencionaram nesse primeiro momento com o tema uma visão negativa. Para os alunos é associado a características pejorativas como preguiçosa, desonesta, delinquente, que possui vícios e desqualificada como sujeito. Ainda despertou muita reflexão aos estagiários as seguintes falas “Malandro é quando faz arte”; “Malandro é um cara que é muito arteiro e preguiçoso”, aqui além do malandro percebe-se que a arte é vista como ação incorreta e “coisa ociosa” ou inútil.

Em relação ao que seria malandragem, os alunos trouxeram nas falas alguns dos mesmos estereótipos já apresentados. Malandragem também foi definida como a ação do malandro e consiste num sujeito preguiçoso, pouco confiável, transgressor e egoísta.

Os conceitos apresentados reforçam que o malandro é visto como um símbolo que carrega uma ideologia contrária ao que foi pretendido na era Vargas e assim como o estilo musical Samba Malandro que partilhava os saberes da malandragem em suas letras, foram reprimidos e coibidos por desestabilizar o projeto do governo (GOMES, 2004).

A atividade em que foi abordado o tema “Malandro” fez relação com a repressão da capoeira. O Toque de Cavalaria foi o sinal para vivenciar a alegria da fuga e frustração com a captura, sentimentos vivenciados pelas crianças. Uma música que relacionava a malandragem com a capoeira foi apresentada, com o objetivo de refletir sobre este personagem e os diversos significados contidos na palavra malandragem.

De acordo com o apresentado na revisão bibliográfica do presente trabalho, a proibição da capoeira não foi capaz de estancar sua perpetuação, ela resistiu assumindo outros formatos e estabelecendo códigos para protegerem seus integrantes.

Antônio Candido (1970) menciona que o malandro é um tema relevante para a reflexão sobre o sentido de ser brasileiro, ele é explorado na literatura nacional e em diversos trabalhos acadêmicos. Gomes (2004) discorre que nos anos 1920 a malandragem representava a “alma popular”, junto com o samba representava um símbolo de pureza, autenticidade, vigor, autossuficiência e mestiçagem. Cunha (2007) apresenta uma citação onde o malandro teria sua gênese ligada também à capoeira.

Ao final, na avaliação realizada através da plataforma *google forms* percebeu-se que, a estratégia de utilizar a música somada a obra “Morro”, juntamente com as experiências práticas potencializou a ressignificação da figura do malandro como personagem histórico social do Brasil. Nas características representaram-no com uma visão positiva, uma pessoa pró ativa, com ascensão social, discreta, que evita conflitos, símbolo nacional, que domina a cultura do samba e capoeira, pessoa com adaptabilidade.

Quanto à malandragem foi percebido um novo ponto de vista, sendo associada à discrição, capacidade de resolução de problemas com ausência de conflitos, práticas da capoeira, inteligência, sagacidade, pessoa pertencente a um grupo específico. Mas, ainda em menor índice, permaneceram alguns pensamentos onde o Malandro é tido como uma figura negativa, um contraventor social ou mau cidadão.

Outras construções ligadas a um olhar sobre a realidade social, o local de moradia e o sentido de liberdade foram realizadas a partir do tema. O conceito que liga o Malandro a variação da palavra arte também foi mais uma vez apresentado, uma criança mencionou que é “uma pessoa arteira”.

Os módulos a partir dos elementos estéticos permitiram trançar uma relação entre Arte, Educação Física e História. Enriquecer o repertório da cultura corporal e artística dos alunos, bem como seu conhecimento histórico sobre a capoeira e o Brasil, sendo capaz de oportunizar a construção de novos conceitos e olhares. Alcançou seu objetivo de mobilizar os alunos na relação com as aulas de educação física e o tema da capoeira. Também se verificou que o “O saber é posse. A especificidade do objeto do saber é que se trata de um objeto que precisa ser apropriado na consciência” (BENJAMIN, 1984, p. 51).

Na capoeira a malandragem é um aspecto exaltado como uma forma de sobrevivência. Um fundamento da luta que exige a sagacidade para fazer uso do corpo de forma e se manter

vivo, de enganar o adversário ou quem quer que queira lhe fazer mal usando os recursos que tem. No jogo uma forma de distrair o oponente e levar vantagem com isso, no samba, outra manifestação da cultura popular, temos algo semelhante.

Os sons e ritmos experimentados na atividade sobre a proibição da capoeira propiciaram às crianças uma nova oportunidade de perceber e construir aprendizados por meio das sensações táteis, visuais e auditivas: tocaram pandeiro, visualizaram as diferenças estéticas entre os instrumentos e distinguiram as variações sonoras de cada toque.

Quanto à forma estética dos instrumentos as crianças foram indagadas se conheciam o instrumento de corda que o estagiário apresentou, rapidamente disseram “Sim! É um berimbau.” Relacionaram sua forma com a arma arco que utiliza flechas, cabe destacar aqui o trabalho de Kay Shaffer - O berimbau de barriga e seus toques - onde apresenta uma série de gravuras dos arcos musicais e suas formas estéticas que incitam a lembrar de armadilhas ou armas.

A discussão sobre o arco musical na aula foi gerada a partir da aproximação do conhecimento prévio das crianças e a estética do instrumento. Nesse contexto, foi explanado que variam entre tamanho da cabaça, sua posição e como é presa na madeira.

A partir do sentido visual/sonoro destacam-se várias aprendizagens, em relação aos instrumentos da capoeira: o som do berimbau apresentou uma estética auditiva diferente do que as crianças estavam acostumadas no seu cotidiano. Promoveu a condição de perceberem a relação entre o estímulo sonoro e as ações corpóreas. A influência dos elementos formativos do instrumento na produção de som. Percebeu-se o sentimento de prazer no momento da prática e o interesse nas letras das músicas.

O berimbau promove múltiplos significados levando o aprendente na roda a romper as disposições espaciais e hierarquização dos corpos (SAMPAIO E TAVARES, 2007). Para Araújo (2004) a estrutura musical é extremamente importante, porque favorece a comunicação. As metáforas orientam às reflexões presenciais. As canções proporcionam aos presentes o alcance do mais elevado grau de envolvimento com os significados simbólicos reais ou imaginários, transmite o ritmo, mas também é capaz de construir significados e ensinamentos para toda a vida (SAMPAIO; TAVARES, 2007). O canto potencializa ritmo e movimentos.

A partir das obras “Cambalhota” (1958), “Meninos brincando” (1955), “Meninos pulando carniça” (1957), “Pulando carniça” (1959), aconteceu o sétimo e último episódio com os alunos do quarto ano. As pinturas potencializaram a reflexão sobre as brincadeiras

populares e os movimentos acrobáticos da capoeira, a experiência se deu em maioria do tempo por meio de desafios. A cada conquista dos alunos percebia-se uma imensa realização e felicidade. Após o aprendizado dos movimentos foi realizado brincadeiras com o movimento do pula carniça. Esta atividade proporcionou o contato com o outro, a confiança, parceria e cooperação. Nota-se que os sentimentos de medo e confiança são partilhados com os colegas para o alcance de aprendizados em torno do movimento.

Os desafios vencidos proporcionaram às crianças sensações de satisfação e reconheceram-se como capazes para superar as dificuldades que se apresentam em torno da construção do conhecimento.

Com essas atividades puderam aprender técnicas corporais novas e experimentar brincadeiras que são tradicionais e encontram-se nas telas de artistas brasileiros como Portinari. Ao mostrar novas possibilidades da brincadeira, inclusive no jogo da capoeira, também atualizaram o gosto pelo brincar e o aprendizado de ações que exigem a organização individual e coletiva. As superações das barreiras criaram momentos mágicos no encontro onde se verificou a força do aprendizado lúdico em favor de transformar as atitudes das crianças a passarem acreditarem nas suas possibilidades e ultrapassarem seus limites.

Sobre as aprendizagens práticas preferidas os alunos destacaram os movimentos de ginga, estrelinha, parada de mão, cambalhota, pular-cela, “eu aprendi que capoeira é uma brincadeira divertida e legal”; “que a gente não briga que a gente brinca”; “cantar”, “dança”, ”de onde a capoeira veio etc.”; “ter equilíbrio”. Estas respostas mencionadas na avaliação final da plataforma *google* demonstraram a apropriação das crianças.

Os conflitos que ocorreram se deram isoladamente, sem interferir potencialmente na dinâmica das aulas. Valores éticos como solidariedade, respeito aos outros, valorização das diferenças, respeito às regras das brincadeiras e normas de conduta como não utilizar de forma inapropriada os celulares, a importância de prestar atenção às explicações foi reforçada em alguns momentos. Nestas ocasiões foi procurado deixar os alunos se expressarem e garantir que cada um fosse escutado na sua manifestação. A problematização se caracterizou como um instrumento eficaz para promoção do pensamento crítico, garantindo o direito à expressão e a escuta, uma vez que tão importante é o aprendizado da fala quanto da escuta. Sobre os valores éticos Benjamin (1984) ressalta a importância do indivíduo e suas ações singulares na construção do coletivo.

A autonomia pessoal pela qual se bate a honra não se manifesta como a bravura de quem luta pela comunidade, pela reputação de uma ordem comunitária justa, pela

integridade ética no círculo da vida privada - ela se bate apenas, ao contrário, pelo reconhecimento dos outros (BENJAMIN, 1984, p. 109).

Na escola é preciso estar atento aos alunos na sua relação com os saberes e a escolaridade, isso que nos remete a verificação das inúmeras variáveis que contribuem para o sucesso escolar e enfrentamento das suas principais dificuldades.

Na avaliação final do processo em forma de questionário utilizando a plataforma *google forms* pode-se verificar informações pessoais incluindo preferências. Também foram realizadas perguntas específicas sobre a disciplina e os conteúdos. Obtiveram-se vinte cinco questionários respondidos e foi avaliado que o instrumento teve relativo sucesso qualitativo para evidenciar aspectos dos processos de ensino e da apropriação do conhecimento pelos alunos.

Os resultados apontaram que quando perguntados sobre a origem familiar prevaleceu como descendentes do povo europeu. As crianças tinham como brincadeira preferida o pega-pega e entendiam que as aulas de Educação Física estão relacionadas a brincadeiras. Algumas falas marcaram relação com o conteúdo apresentado “Sobre Capoeira”; “Sobre o negro”; “Novas brincadeiras, algumas coisas sobre história, Capoeira”; “Brincadeira legais, ginga”; “Portinari e a escravidão”; “Ensina as brincadeiras e as coisa de capoeira”; “Esportes e capoeira”; “Capoeira”; “Sambar, pega rabo”; “A capoeira”.

Aspectos teóricos envolvendo a capoeira também foram verificados e nesse contexto ao definir capoeira acreditam ser jogo, dança e luta, tendo como movimento básico a ginga. Em relação a origem da capoeira, mais da metade acredita ter se originado com os africanos na África, quando ensinamos que ela é afro-brasileira, criada no Brasil. Sobre Cândido Portinari, a maioria respondeu que foi um pintor, que pintava pés e mãos fortes dos trabalhadores, o que expressa a apropriação e reconhecimento da obra. As respostas mostraram que os alunos identificaram com propriedade os conteúdos ministrados; gostaram do jogo de capoeira, brincadeiras, músicas; aprenderam sobre Portinari, “a cantar para dançar”; “muita coisa”. A aula que mais gostaram foi a aula do tema Malandro e Brincadeiras com os movimentos retratados na obra de Portinari.

Por fim, alguns dos alunos deixaram recados positivos aos estagiários e mostraram ter apreciado a experiência: “Os estagiários são legais, votos que sejam professores”; “Continuem com o bom trabalho”; “Muito obrigado pelas aulas, gostei muito da Capoeira”; “Adorei vocês e a capoeira”; “Adorei as pinturas e conhecer Portinari”; “Aprendemos bastante”; “Aprendi sobre capoeira, ginga e músicas”; “Obrigado pelas aulas legais”; “Muito bom as aulas me diverti muito vou sentir saudade”.

4.4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS DIMENSÕES ESTÉTICAS E CONCEITUAIS NO ÂMBITO INTERDISCIPLINAR

A História de luta afrodescendente e o tema da capoeira ganhou vida por meio da arte, o faz de conta, a encenação, a brincadeira, as práticas culturais, os vídeos, as músicas e as pinturas foram objetos de um novo olhar a partir da capoeira. Quando “o movimento temporal é captado e analisado [...] a imagem [...] se transforma na chave para a compreensão da história” (BENJAMIN, 1984, p. 115).

A relação bem-sucedida entre o ensino de uma prática corporal (capoeira) e o ensino da arte (obra de Portinari) revelou inúmeras estratégias e possibilidades de ensino. “A estrutura e o detalhe em última análise estão sempre carregados de história” (BENJAMIN, 1984, p. 204). A historicidade do tema se apresenta marcada nas falas dos alunos ao revelar aspectos de uma experiência estética que permitiu ressignificação de conteúdos e ampliação de conceitos em torno dos assuntos trabalhados.

Sobre os aprendizados pode-se refletir a partir do pensamento de Benjamin (1984, p. 128) “o conteúdo de verdade desse todo, que não se encontra nunca na doutrina abstrata, e menos ainda na doutrina moral, mas somente no desdobramento crítico e comentado da própria obra” sobre essa perspectiva podemos ressaltar a importância da percepção das crianças em relação às experiências didáticas.

Os temas do malandro, trabalho do canavial, as brincadeiras de Portinari impulsionaram a reflexão sobre a capoeira e a formação do Brasil, contribuindo também para despertar o interesse pela arte e História considerando suas múltiplas dimensões.

Nas aulas além de verificar-se a confirmação da narrativa produzida pelas elites sedimentando o senso-comum e a opressão das classes marginalizadas houve a possibilidade de conhecer e reconhecer as disputas sociais, as lutas por direitos, os protagonistas afrodescendentes, os guardiões da cultura do presente e com isso ressignificar pensamentos por meio da experiência sensível, perceber certo amadurecimento e ampliação conceitual por parte dos alunos.

A partir de uma estética do sofrimento, as crianças perceberam a beleza e força da imagem do negro, assim como das brincadeiras e da alegria das crianças. A experiência estética expressa um universo como ele realmente é ou costuma ser, no sofrimento ou na alegria, construído por homens e mulheres em suas relações. Ao utilizar uma corrente e aliar à

estética de uma obra, fazendo posteriormente a reflexão com os alunos, houve a surpresa de perceber-se o desenvolvimento da capacidade imaginativa das crianças de dialogar entre a arte e a realidade.

Para que nos libertemos dos entraves de um historicismo que se desfaz sumariamente do seu objeto, definindo-o como uma transição necessária, mas destituída de importância, precisamos levar em conta certas realidades oferecidas pela antropologia política e pela tipologia dramática. (BENJAMIN, 1984, p.122).

Segundo Castro Júnior (2012), ao trabalhar com a arte plástica do artista Carybé para compreender a gestualidade do corpo e sua transformação na dinâmica contínua da prática corporal, constata que a prática por meio da estética é uma fonte de análise social.

As atividades interdisciplinares por meio da estética, presente nas práticas pedagógicas possibilitaram pensar sobre os dilemas sociais e realizar a construção de vários conceitos que se fazem presentes no discurso das crianças. Entre os diversos aprendizados compreenderam a importância da capoeira; a grandiosidade do pintor Cândido Portinari e sua obra; construíram percepções e conceitos sobre os locais, personagens, condição de existência, condições de trabalho do povo afrodescendente; refletiram sobre as imagens e aguçaram a percepção sobre as obras; fizeram relações entre a representação estética da pintura e os aspectos da história; reconstruíram conceitos acerca da contribuição do povo afro descendente ao Brasil; construíram uma visão que fortalece o protagonismo e imagem do povo negro. Na estética moderna existe uma divisão entre o racional e o sensível e destaca-se a cultura como um agente de conciliação, pois a arte não é alheia à sociedade (ANDRADE, 2016).

Com o contato com a cana de açúcar experimentaram sensações - para alguns foi a primeira vez que degustaram - foram criativos ao pintar com as mãos, escutando música e construíram significados por meio da obra de arte. Na arte capoeira as sensações do corpo se dão a partir dos códigos ritualísticos que se iniciam por meio da música e transportam a pessoa para outros campos de sensações (Castro Júnior, 2012).

Ao sentir os objetos nas mãos refletiram e foram capazes de inferir diversas possibilidades conceituais à estética do material, criaram ressignificações nas brincadeiras. Apreciaram diferentes sons e manusearam instrumentos que fazem parte do universo da cultura afrodescendente.

Aprenderam músicas, refletiram sobre as letras e ressignificaram melodias. Reavaliaram conceitos que envolvem personagens marginalizados que já foram protagonistas no sentido da construção da identidade do povo brasileiro.

Mostraram-se envolvidos pelo tema da arte brasileira – capoeira - e aprenderam diversos movimentos; transpuseram os desafios e construíram novas possibilidades motoras; fortaleceram a autoestima e o companheirismo por meio da prática dos movimentos. Experimentaram brincadeiras tradicionais e novas. É necessário nas aulas criar ações que superam o enfileiramento, cópia e padronização de movimentos (TAVARES, 2018).

A abordagem priorizou a prática lúdica e as técnicas corporais que no âmbito da capoeira também expressam uma experiência estética fora do comum. Como a possibilidade de ver o mundo de cabeça para baixo no aú ou parada de mão, ou ainda nas brincadeiras como as aprendidas por meio da obra de Portinari, como o pular mais alto por meio da “carniça”. O jogo de capoeira proporciona no seu conjunto uma experiência estética autêntica, singular, multifacetada, marcada por movimentos diversificados, por emoções que se formam e se transformam no decorrer das perguntas e respostas que os corpos dos capoeiras são capazes de produzir. Por narrativas que vão sendo propostas ao jogo, por meio dos toques, músicas e letras e, que se colocam como desafios, avisos, alertas, chamadas, etc.

O corpo é possibilidade pedagógica e o jogo o local onde acontece o aprendizado. Por meio de diversos modelos corporais são estabelecidas variadas possibilidades de relação. A experiência estética acontece na relação com o outro e os momentos proporcionam uma experimentação de sentidos (MWEWA E VAZ, 2006).

Outras contribuições ocorreram na possibilidade das aulas de Educação Física acontecer em diversos espaços escolares, proporcionando às crianças um olhar para entender que a disciplina está para além meramente do movimento.

4.5 OS ESPAÇOS NA INTERVENÇÃO DA TEMÁTICA ÉTNICO RACIAL

Para uma melhor utilização dos espaços escolares faz-se necessário uma aula estruturada numa rotina, que também contribui para a formação da atmosfera das aulas. Neste caso optou-se por encontrar os alunos em sala e retomar/rememorar as aulas anteriores antes de apresentar os novos conteúdos e estratégias do dia. No deslocamento procurou-se uma estética ambientada no tema do Navio Negreiro, com música e simulação de um barco, apelando pelo despertar do imaginativo num clima descontraído.

As aulas aconteciam com pequenas pausas para reflexão, diálogo, participação dos alunos na redefinição das regras dos jogos, na construção de propostas para diversificar, resolver problemas, etc... Também foi priorizado com sucesso aumentar o tempo na atividade

visto que a capoeira como prática não necessita de muitos implementos didáticos. No final da aula, constatou-se garantir cinco minutos de roda para uma breve conversa de fechamento, agradecimentos e higienização dos alunos, com objetivo também de entregá-los para a aula seguinte em boas condições para a continuidade dos estudos. Uma saudação final com todos juntos, em roda, com as mãos unidas no centro e o grito de “capoeira”, marcava o final da aula.

As aulas foram ministradas em diversos espaços, a experiência transcendeu os locais tradicionalmente reservados à Educação Física, objetivando apresentar que como disciplina escolar seus conteúdos dialogam com todos os lugares do ambiente educacional e fora dele, ainda por acreditar que conforme Damazio e Silva (2008) as condições do ambiente influenciam significativamente nas intervenções pedagógicas.

A dificuldade de espaços e materiais para o desenvolvimento das ações pedagógicas que propõem a prática é um tema apontado por De Oliveira *et al.* (2011). A proposta da capoeira como ferramenta pedagógica na escola entendeu os conteúdos como linguagem e nesse sentido a cultura corporal de movimento foi desenvolvida a partir dos jogos, danças, lutas, entre outros. Porém, cabe salientar que há uma secundarização deste conteúdo ou ausência nos planos de trabalho dos professores de Educação Física, indicando desta forma com o desinteresse a possibilidade de uma hierarquização dos conteúdos que compõem a disciplina.

De acordo com a análise dos dados, os espaços utilizados de formas múltiplas, foram a sala de aula, sala informatizada, espaço em frente ao ginásio, ginásio, quadra descoberta, biblioteca. Essa diversidade de locais tinha por propósito ampliar as experiências em torno dos conteúdos e em relação à Educação Física, pois, “o espaço condiciona nossos gestos diários, habitua nossa visão, estimula elementos simbólicos, estabelece pontos de referência” (DAMAZIO E SILVA, 2008, p. 194). A partir desta reflexão o planejamento acreditou que uma gama maior de oportunidades de experimentações poderia contribuir de forma significativa para a ampliação de aprendizados.

Na intervenção a sala de aula foi o espaço onde aconteceram os primeiros contatos dos encontros. Nesse local era realizada a chamada pelo professor de Educação Física. Ministrado os informes e realizados pelo estagiário a apresentação e retomada dos temas, indicação em qual ambiente da escola a turma iria ocupar para as atividades e lugar para conversa sobre conflitos. A retomada dos temas neste ambiente era realizada a partir de perguntas norteadoras.

O diálogo aconteceu frequentemente, os alunos contribuíram com suas percepções e conhecimentos acerca do já aprendido. Na explicação do conteúdo do dia, de costume era utilizado o quadro, desenhos e escrita, que ajudavam os alunos a reforçar os aprendizados e visualizar a proposta. Houve dias em que as crianças se demonstraram agitadas, então foi utilizado como estratégia o diálogo e a conscientização sobre nossa intenção pedagógica. Além disso, a espera de um clima favorável para as falas iniciais.

Na sala informatizada foi realizada a apresentação do estagiário e as introduções dos temas. Utilizando como recurso pedagógico equipamentos audiovisuais (TV *smart*, computador, *pen drive*). Foram mostrados *slides* contendo o memorial do estagiário, imagens das obras que se relacionavam com os temas afrodescendentes, imagens das manifestações culturais afro-brasileiras. Exibidos vídeos sobre as manifestações culturais afro-brasileiras e a vida do artista brasileiro Cândido Portinari. Essa estratégia se apoiou nos argumentos de Damazio e Silva (2008), a concepção de ensino teve como propósito desenvolver o entendimento de que a Educação Física possui conteúdos que necessitam de outros espaços para além da quadra ou ginásio de esportes. Os autores mencionam que “espaços alternativos e obstáculos podem se transformar em recursos para possibilitar a criatividade, a inovação e a construção de práticas diversificadas” (DAMAZIO E SILVA, 2008, p. 194).

O espaço em frente ao Ginásio era uma área que possuía árvores, solo misto (uma parte com areia e a outra calçada). Fica localizado perto do portão de entrada da escola, um local de passagem, esse fato contribuiu para que os alunos se dispersassem da aula a fim de cumprimentar algumas pessoas que por algum motivo acessaram o interior da escola. Damazio e Silva (2008) discorrem que as condições dos espaços carecem de ser adaptadas e reinventadas, este ambiente necessitou de maior atenção no fazer pedagógico devido às interferências externas. Com isso as estratégias foram as dinâmicas mediadas envolvendo o canto, ensino das palmas ritmadas, dos movimentos da capoeira, práticas de roda, jogo de capoeira, brincadeiras de raciocínio. Todas as atividades contribuíram para além do aprendizado do conteúdo manter os alunos em maior tempo envolvidos com as práticas.

Nas atividades de canto utilizou-se berimbau e pandeiro e nesses momentos acontecia o ensino das palmas. O aprendizado dos movimentos se deram em brincadeiras onde a roda estava presente ou jogos de imitação. Na brincadeira de raciocínio com conteúdo afrodescendente havia também prática dos exercícios. Os jogos de capoeira foram realizados em roda ou em duplas e faziam parte de brincadeiras que tinham por objetivo tratar dos

assuntos étnico raciais. Sobre os materiais usou-se pandeiro, coletes, imagens das obras dos pintores, quebra cabeça das músicas, tambor pequeno.

No ginásio aconteceram as atividades práticas, em uma das aulas do quarto ano o espaço foi dividido com a professora do fundamental 2. Os movimentos foram experienciados em brincadeiras, utilizaram-se como estratégias as dinâmicas mediadas. As atividades envolveram o canto, ensino das palmas ritmadas em roda, dos movimentos da capoeira, práticas de roda, jogo de capoeira, atividades de corrida, onde o objetivo era pegar o colega. Houve jogos de imitação e experiências com as manifestações culturais.

A quadra descoberta foi utilizada o maior número de vezes pela turma do quarto ano. Em alguns momentos obtive como fator limitante o clima. Aconteceram nesse espaço a retomada de brincadeiras antigas inspiradas nas obras de Portinari (pula carniça), construção de atividades artísticas (releitura das obras), jogos de invasão com os temas afrodescendentes e apresentação de uma releitura da música trabalhada nas aulas. Sobre os materiais utilizados podemos citar: berimbau, pandeiro, colete, cana de açúcar, garrafa pet com água, pincéis, aparelho de som, *pen drive*, tintas, recipiente de plástico para limpeza dos pincéis, cola, fita adesiva, impressão das obras dos pintores, pandeiro, impressão com as músicas já trabalhadas anteriormente, corrente, tênis, colete, aparelho de som, celular para foto, violão.

Na Biblioteca aconteceu a avaliação do quarto ano, foi um lugar calmo onde as crianças puderam responder o questionário com autonomia utilizando os *notebooks* da escola como ferramentas. As mesas redondas oportunizaram para as crianças um ambiente acolhedor e propício para socialização no momento da atividade.

Ainda sobre os espaços, usamos os corredores, era o local onde iniciava nossa prática por meio de uma atividade lúdica onde as crianças se deslocavam até o ambiente de aula do dia realizando desafios motores ou movimentos da capoeira. Uma dessas áreas também foi utilizada para encerrar o trabalho de construção artística devido ao fato de estar chovendo e a quadra, local que estava sendo utilizado, ser descoberta.

A partir desta experiência apoia-se a reflexão realizada sobre a disciplina de Educação Física descrita no trabalho: O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão (2008).

Identificamos, mais uma vez [...] a necessidade de a educação física escolar refletir constantemente em torno de seus objetivos, pressupostos teóricos, limitações e possibilidades, uma vez que a sociedade em que estamos inseridos nos apresenta novos desafios (DAMAZIO E SILVA, 2008, p. 195).

Por fim, analisou-se que a Educação Física por configurar-se uma disciplina teórico-prática possui a possibilidade de utilizar qualquer espaço do ambiente escolar e fora dele. As estratégias de ensino aqui apresentadas nos permitem refletir sobre a gama de conteúdos presentes e potencialidades em um mesmo tema que podem ser ministradas em variados locais.

As ações pedagógicas descritas contribuem para refletir na disciplina como importante campo do saber escolar capaz de apresentar uma visão da totalidade que pode partir do particular e abranger o universal. Desta forma é capaz de ampliar a visão de mundo dos discentes e reconstruir conceitos. Contribuir com o fortalecimento da construção da identidade, autoestima, autonomia e de cidadãos emancipados, conscientes e críticos frente à realidade social capazes de ressignificar conhecimento e espaços.

Alves *et al* (2008) destacam ser uma possibilidade valiosa para o professor de Educação Física escolar compreender que o papel da capoeira na escola não é somente o de reproduzir tecnicamente golpes, incorporar mestres comprometidos com esta ou aquela ideologia de grupo ou concepção de capoeira, mas sim promover o estudo da manifestação corporal, através da ação e da reflexão para romper com o reducionismo. O professor deve superar o papel de mero instrutor de ginástica ou técnico esportivo e transformar-se em um tematizador das atividades da cultura corporal de movimento.

Por fim ressaltamos que este trabalho interdisciplinar que envolveu História, Artes e Educação Física a partir dos conteúdos que versam sobre as capoeiras e as obras de Portinari que versam sobre as questões étnico raciais se propôs também a potencializar as múltiplas relações entre os diversos espaços e segmentos escolares e apresentar mais uma perspectiva que auxilie na desconstrução estigmatizante do enquadramento e hierarquização das disciplinas escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira é uma prática estética que mostra nas formas e no conteúdo o desenvolvimento de sua política cultural (GRECO, 2012), é movimento social que congrega várias lutas dos povos marginalizados, é grito de esperança frente a uma sociedade opressora. Manifestação cultural que tem como concepções a defesa de sua gênese enquanto prática africana, afro-brasileira, brasileira e indígena. Teve no Rio de Janeiro no fim do século XIX e começo do XX expressivo movimento no campo educacional.

Sob a nomenclatura de Ginástica Nacional, Ginástica Brasileira, Luta Nacional, Luta Brasileira, Luta Regional Baiana a capoeira burlou a repressão vigente, produziu periódicos, livros e foi desenvolvida em instituições de ensino como Academias e instituições militares. Sua construção enquanto capoeiragem se deu de forma não linear no Brasil e os documentos apresentam práticas esportivas além do estado do Rio de Janeiro em Pernambuco e Santa Catarina.

O registro de sua sistematização mencionado por Luiz Murat data de 1860, em uma fazenda de São Paulo (STOTZ E AZEVEDO, 2020), Silva e Corrêa (2020) apresentam Raphael Lothus no ano de 1914 no Rio de Janeiro. Campos (2009) com apoio de diversos autores menciona que na Bahia em 1928, Mestre Bimba foi o primeiro a construir um método de ensino.

As concepções esportivista e ginásticas propostas para a capoeira não obtiveram continuação direta. Foi a construção baiana - com seus elementos estéticos, ritualísticos próximos às matrizes africanas, que cria significado e desperta múltiplas sensações - que se inseriu nas diversas camadas da sociedade, espaços de ensino e chegou até os dias atuais.

Os elementos estéticos da capoeira utilizados como ferramenta educacional é capaz de proporcionar à comunidade escolar experiências carregadas de significados que auxiliam na luta contra o preconceito e racismo.

A capoeira na escola como conteúdo fortaleceu uma concepção cultural onde as manifestações populares devem ser vistas como um legado que carrega e preserva a memória brasileira, por isso sua inserção é imprescindível para a construção de um ser autônomo e identitário. A inserção da capoeira como ferramenta potencializou o ensino interdisciplinar, propiciou às crianças entender as simbologias, os conceitos e mensagens expressas nas Artes. Ampliou o entendimento que a letra de uma música pode estar carregada de historicidade e ainda apresentar uma mensagem que protesta contra o sistema opressor, que defende as

causas étnico raciais. As práticas pedagógicas transmitiram por meio da estética dos recursos pedagógicos diversos conceitos em relação às questões afrodescendentes.

A estética presente na sociedade expressa e comunica mensagens, forma padrões, identifica grupos sociais, é linguagem que potencializa a reflexão ou dita ações. Os conceitos interpretados pela linguagem estética auxiliam no posicionamento frente à realidade, exprime significados ao ser, são fatores que podem determinar a visão do todo ou de uma parcela do que o sistema apresenta aos cidadãos. O contato com obras, músicas, vídeos, teatros, manifestações culturais, entre outros, enriquece o capital cultural e amplia a lente para sentir e ver o mundo.

A leitura de uma obra possibilita muito mais que a apreciação e a valoração dos autores e seus registros; a linguagem artística oferece narrativas de fenômenos como a luta e resistência dos povos afrodescendentes. Verificar a intencionalidade do artista ao construir seu trabalho é apresentar as diversas possibilidades de interpretação que se mostram nas entrelinhas do traço do pintor que pode construir o discurso que expressa e comunica a História.

As materializações dos conceitos por meio das experiências oportunizaram um ensino concreto e real, que possui significado, que dialoga com as memórias das crianças. Nas falas foi possível perceber a importância de promover momentos em que o conhecimento possa ser construído e avaliado para além da escrita. A satisfação em ver as crianças provando a cana de açúcar, sentindo o gosto do que aprenderam e depois ressignificar em música, em arte mostrou possibilidades para se valorizar as múltiplas linguagens no aprender. Os objetos correntes, calçado, berimbau, entre outros, possibilitaram a construção e reconstrução de conceitos, ampliar os pontos de vista e indagar o senso comum a todos.

Os movimentos criaram uma reconstrução do olhar sobre a capacidade de transformação entre os discentes. Ao ver-se nas telas de Portinari e vencer as barreiras do ensino as crianças fortaleceram a autoestima, desenvolveram habilidades e se tornaram mais crentes do seu potencial para aprender.

A utilização de diversos espaços fortaleceu a reflexão sobre o entendimento que a Educação Física possui conteúdos carregados de saberes que se relacionam com os diversos locais de aprendizagens e as diversas disciplinas do ambiente escolar, e ainda luta contra a hierarquização do conhecimento.

O trabalho se mostrou como uma opção pedagógica para superar os ensinamentos da capoeira e Educação Física onde o movimento pelo movimento é o fim no processo de

aprendizagem. As práticas pedagógicas desenvolvidas trazem a intencionalidade para a imersão e um olhar na Arte, no movimento e na História para ampliar as visões de mundo e desvelar as amarras do sistema opressor, mostrar uma visão da totalidade, resguardar a memória, construir valores libertários que objetivam a emancipação social.

As práticas pedagógicas apresentadas têm como fundamento a crença na cooperação, na força social, na parceria solidária (camaradagem) e democrática, e nos múltiplos olhares que lançam diversas possibilidades. O trabalho tem a aspiração de fortificar a luta contra a desigualdade social, o preconceito e a discriminação.

Pessoalmente, esta experiência na universidade pública e a atuação em uma instituição de ensino propiciou a descoberta de um sentido para a existência enquanto ser professor. Ressaltou a importância de valorizar todos os conhecimentos construídos pela humanidade e de lutar para que a escola contemple todos os saberes, principalmente os dos povos marginalizados. Apoiou a crença na profissão enquanto agente de transformação social capaz de potencializar a emancipação e desta forma mudar a realidade. Fortaleceu a esperança, o acreditar no próximo, na possibilidade de uma sociedade justa e igualitária, com oportunidades iguais para todos, e mais ainda o sentido de lutar por instituições de ensino públicas, gratuitas, de qualidade e laicas.

Nenhum dos inúmeros rebeldes que se opõem a um monarca [...] é movido por um único sopro de convicção revolucionária. O descontentamento é sua motivação clássica (BENJAMIN, p. 111).

IÊ!

6 REFERÊNCIAS

A RESSURREIÇÃO da capoeiragem. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, p. 9. 28 Jul. 1931.
Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_01&Pesq=CAPOEIRA&pagfis=6024 . Acesso em: 28 out. 2020.

ABREU, Frederico José. Nagé: o homem que lutou capoeira até morrer. Salvador Bahia: Barabô, 2017. 132 p.

ACORDI, Leandro de Oliveira. Memória e experiência: elementos de formação do sujeito de capoeira. 2009.

ALVES, Leonardo Prata et al. A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. *Conexões*, 2008.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 62, p. 54-73, 2015.

ANDRADE, Bruno Amaral. **A Arte do Jogo nas Escolas - A capoeira em diferentes espaços educacionais brasileiros**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre-a Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro; DA SILVA ZANOLLA, Sílvia Rosa. Corpo, estética e ideologia: um diálogo com a ideia de beleza natural. *Movimento*, v. 22, n. 3, p. 999-1010, 2016.

BENJAMIN, Walter. Diário de Moscou. **São Paulo: Cia. das Letras**, 1989.

BENJAMIN, Walter et al. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

BRASIL. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm >. Acesso em: 29 set. 2019

BRASIL. Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm >. Acesso em: 29 set. 2019

BRASIL. Lei Federal 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm >. Acesso em: 29 set. 2019

BRASIL. Lei Federal 12.519, de 10 de novembro de 2011. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm >. Acesso em: 29 set. 2019

BRITO, Valmir Ari. A (in)visibilidade da contribuição negra nos grupos de capoeira em Florianópolis. 2005.

BUNESE, Rodrigo Fernando. Capoeira: uma análise dialética. 2006. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48489/MONOGRAFIA%20RODRIGO%20FERNANDO%20BUNESE.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 28 out. 2020.

CADILHO, Carine da Costa. O NEGRO E O MESTIÇO NA PINTURA DE CANDIDO PORTINARI DA DÉCADA DE 1930. 2015. Tese de Doutorado. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. CAMPOS, Helio José Bastos Carneiro de. **Capoeira na escola**. EDUFBA, 2001.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. PL 1966/2015 Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1384147> >. Acesso em: 29 nov. 2019.

CAMPOS, Helio José Bastos Carneiro de. Capoeira na escola. EDUFBA, 2001.

CAMPOS, Helio José Bastos Carneiro de. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. CST\EDUFBA, 2001.

CAMPOS, Helio. **Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba**. Edufba, 2009.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de estudos brasileiros**, n. 8, p. 67-89, 1970.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n. 2, 2004.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. A ARTE-CAPOEIRA NAS IMAGENS DO “CAPETA CARYBÉ”. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 44, 2012.

CENTRO de Cultura Physica. **Jornal Pequeno**. Pernambuco, p. 2-2. 03 jan. 1913a.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/800643/15493?pesq=%22centro%20de%20Cultura%20physica%22>. Acesso em: 28 out. 2020.

CENTRO de Cultura Physica. **Jornal Pequeno**. Pernambuco, p. 3-3. 08 jan. 1913b.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/15510?pesq=%22centro%20de%20Cultura%20physica%22>. Acesso em: 28 out. 2020.

CENTRO de Sports Athleticos. **Jornal Pequeno**. Pernambuco, p. 5-5. 15 mar. 1913a.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/15772?pesq=%22%20Aulas%20capoeira%22>. Acesso em: 28 out. 2020.

CENTRO de Sports Athleticos. **Jornal Pequeno**. Pernambuco, p. 5-5. 01 nov. 1913b.

Disponível

em:<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/15524?pesq=%22centro%20de%20Cultura%20physica%22>. Acesso em: 28 out. 2020.

COSTA, Marcelo Cardoso da. O berimbau na cidade: história, resistência e memória social da capoeira. 2018. Disponível em:

[https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1534309070_ARQUIVO_ArtigoOberimbaunacidadehistoria,resistenciaememoriasocialdacapoeira\(COPENE\).pdf](https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1534309070_ARQUIVO_ArtigoOberimbaunacidadehistoria,resistenciaememoriasocialdacapoeira(COPENE).pdf) Acesso em: 28 out. 2020.

CUNHA, Fabiana Lopes da. Negócio ou ócio? O samba, a malandragem e a política trabalhista de Vargas. In: **IV Congresso latinoamericano de la Asociación Internacional para el estudio de la música popular**. 2007.

DAMAZIO, Márcia Silva; SILVA, Maria Fátima Paiva. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, v. 11, n. 2, p. 189-196, 2008.

DAMIÃO, Carla. A APLICABILIDADE DA ESTÉTICA BENJAMINIANA NO BRASIL. Viso: CADERNOS DE ESTÉTICA APLICADA, Goiânia, v. 23, p. 154-176, jul. 2018. Instável. Disponível em: http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_23_CarlaDamiao.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

DANTAS, Luís Thiago Freire. Filosofia Africana no ensino médio: por uma descolonização curricular. 2015.

DE OLIVEIRA, Camila Fagundes et al. Arquitetura escolar e o ensino de Educação Física: relações (im) possíveis. **Pensar a Prática**, v. 14, n. 2, 2011.

DIAS, Adriana Albert. A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925). 2004.

DIVERSÕES. O Dia. Florianópolis, p. 2. 8 Mar. 1910 Disponível: <http://memoria.bn.br/docreader/217549/9568?pesq=%22Luta%20%20brasileira%22> Acesso em: 28 out. 2020.

DO NASCIMENTO, Paulo Rogerio Barbosa; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A inserção da capoeira nos espaços formais de educação: jogo de dentro/jogo de fora. 2007.

FERREIRA, Bruno Soares. Imagens da capoeira no século XIX. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2012.

FERREIRA, Luciana Haddad. SOBRE A ESTÉTICA DA EXPERIÊNCIA E DA DOCÊNCIA: reflexões a partir da obra de Walter Benjamin. IX Anped Sul: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, Desconhecido, v. 9, p. 1-14, 2012. Instável. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1888/61>. Acesso em: 28 nov. 2020.

FLORIANÓPOLIS. Lei Municipal nº 4.446, de 5 de julho de 1994. Institui a inclusão do conteúdo "História Afro-brasileira" nos currículos das Escolas Municipais de Florianópolis e

dá outras providências. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/ahdfq>>. Acesso em: 18 dez. 2020

FLORIANÓPOLIS. Lei Municipal nº 8212, de 5 de abril de 2010. Cria o Dia Municipal da Capoeira. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/heidq>>. Acesso em: 18 dez. 2020

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco, 1989.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; DE CARVALHO, Aline Vieira. O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo dos Palmares. *Diálogos*, v. 9, n. 1, p. 33-47, 2005.

GOMES, Tiago de Melo. Gente do samba: malandragem e identidade nacional no final da Primeira República. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 5, n. 9, p. 171-198, 2004.

GRECO, Lucrecia Raquel; PORTUGUÊS, François English. «De malandro a cidadão»: políticas culturais na Associação Capoeira de Rua Berimbau, Rio Grande do Sul. 2012.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. A COR E O SOM: Os músicos na pintura de Portinari. *PROA Revista de Antropologia e Arte*, n. 1, 2009.

LACERDA, Fernando Fernandes de. Capoeira Angola nas aulas de Educação Física. Disponível em: <http://150.164.124.6/effto/DATA/defesas/20150709170417.pdf> Acesso em: 23 set. 2020.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Análise das hipóteses sobre a origem da Capoeira por meio da etimologia ou de especulações sobre o vocábulo capoeira. *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 63.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 29, n. 2, p. 267-278, 2015.

MACEDO, José Rivair. Os herdeiros de Cam: representações da África e dos africanos no Ocidente medieval. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, v. 3, 2001.

MACUL, Marcus Vinícius Santana. Capoeira: luta de resistência à violência. *Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ-2º Seminário-Ano*, p. 50, 2008.

MOREIRA, Jorge Felipe Fonseca; FERREIRA, Nilda Teves. Da proibição a institucionalização: o processo de ressignificação da capoeira. *Educação Física em Revista*, v. 2, n. 1, 2008.

MOREIRA, Ramon; MOREIRA, Najara. Capoeira: sua origem e sua inserção no contexto escolar. *Lecturas: Educación física y deportes*, n. 114, p. 27, 2007.

MWEWA, Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. CORPOS, CULTURA, PARADOXOS OBSERVAÇÕES SOBRE O JOGO DE CAPOEIRA. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 27, n. 2, p. 45-58, 2006.

NASCIMENTO, Ricardo; PEÇANHA, Cinézio. As Cartas: Neves e Sousa, Câmara Cascudo e o mito do Engolo. Disponível em: <https://www.capeirahistory.com/as-cartas-neves-e-sousa-camara-cascudo-e-o-mito-do-engolo/?lang=pt-br>; Acesso em 25 set. 2020.

NICODEMO, Thiago Lima. O “modernismo de estado” e a política cultural brasileira na década de 1940.

NICOLETTE, Carlos Eduardo; CARDOSO, Maurício. Quilombo dos palmares: A história narrada. Mimeo. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. *tempo de histórias*, v. 9, p. 90-114, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 18, p. 28-47, 2012.

PACHECO, Luciana Chaves de Aguiar. *Trabalhando com as africanidades na Educação Infantil através da obra de Cândido Portinari e da literatura*. 2012.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira angola mestre Pastinha**. 3 ed. Salvador .Fundação Cultural do Estado da Bahia.1988

PAULA, Tânia Regina de; BEZERRA, Wladimir Pereira. **As vantagens do ensino da capoeira nas aulas de educação física escolar**. *Revista Digital Buenos Aires*. Ano, v. 18, 2014.

PENTEADO JUNIOR, Wilson Rogério. A ARTE DE DISCIPLINAR Jogando Capoeira em Projetos sócio-educacionais. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisica_artigos/arte_disciplinar_jogando_capoeira.pdf>. Acesso em 01 out. 2020.

PEREIRA, João Paulo de Araújo. MESTRE BIMBA: O sonho de Salomão. Cajazeira-PB. Arribaça. 2020.

PINTO, Fabio Machado; CORRÊA, Joseane Pinho; KNABEN JUNIOR, Manoel Alair. Uma contribuição ao ensino de capoeira nas escolas públicas. In: LATERMAN, Ilana (org.). **Cultura e educação na escola de tempo integral : formação de educadores : cadernos**. Florianópolis: Ufsc, 2010. Cap. 51. p. 51-65. Disponível em: <https://yoga.paginas.ufsc.br/files/2013/09/Cultura-e-Educacao-na-Escola-de-Tempo-Integral-Formacao-de-Educadores.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

PINTO, Fábio Machado. Movimento/Cultura Popular: a luta continua camará... Motrivivência, n. 14, p. 115-136, 2000.

PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS. Prefeitura de Florianópolis, Secretaria de Educação, 2016. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/23_06_2017_11.13.21.b097b0d2d26af5819c89e809f8f527a2.pdf Acesso em: 23 set. 2020.

RAMOS, J. D. D. Ancestralidade e resistência negra: a prática da capoeira Angola. In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. 2009. p. 1-12.

RODA DE CAPOEIRA E OFÍCIO DE MESTRE (dossiê)/ Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasília, DF: Iphan, 2014.

RODRIGUES, Judivânia Maria Nunes. O corpo que joga, ginga e dança: a Capoeira Angola na arte-educação. **Revista GEARTE**, v. 4, n. 1, p. 67-81, 2017.

ROESE, Adriana et al. Field Diary: construction and utilization in scientific researches. Bibliographic analysis. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 3, 2006.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; TAVARES, Luis Carlos Vieira. A capoeira: nicho ecológico para repensar a concepção de jogo-educação. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 10, n. 2, 2007.

SANTOS, Gilbert. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 2, 2009.

SANTOS, Lucas Keese dos. **A esquiva do xondaro: movimento e ação política entre os Guarani Mbya**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. 2011.

SAYÃO, Deborah Thome et al. Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo a partir de professores na creche. 2005.

SHAFFER, Kay. A associação do berimbau com a capoeira. **O Berimbau-de-Barriga e Seus Toques. Monografia Nacional de Arte (Funarte) & Ministério da Educação e Cultura**, 1977.

SILVA, Elton; CORRÊA, Eduardo. MUITO ANTES DO MMA: O legado dos precursores do Vale Tudo no Brasil e no mundo (As artes marciais formadoras do Vale Tudo Livro 1). Edição do Kindle.

SILVA, Geysonn Jordão de Medeiros. **Relato de experiência sobre a prática da capoeira nas aulas de educação física no ensino médio**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Jorge Silveira; DOS SANTOS, Julio Ricardo Quevedo; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. A prática da Capoeira enquanto patrimônio cultural: trajetórias afrodescendentes e multiculturais no Brasil. Revista Digital Estudios Historicos, n. 12, p. 2, 2014.

SILVA, Priscilla Stuart da et al. Educação estética: corpo, experiência e memória em Walter Benjamin. 2013.

SOARES, C. L. et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850**. Editora Unicamp, 2002.

SOARES, Rosana. A educação estética como possibilidade de emancipação dos sujeitos no ensino da arte: desdobramentos e implicações. 2015.

SOUZA, Sérgio Augusto Rosa; OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli. Estruturação da Capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio, *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2 set. 2001.

STORI, Norberto; MARANHÃO, Romero de Albuquerque. A questão racial nas obras de Cândido Portinari. *Revista: Estúdio*, v. 9, n. 22, p. 179-186, 2018.

STOTZ, Marcelo Backes; AZEVEDO, Edson Roberto. *ALMANAQUE CAPOEIRAGENS*. Ano I, n.01, mar.2020

STOTZ, Marcelo Backes Navarro et al. Ritmo & rebeldia em jogo: só na luta da capoeira se dança?. 2010.

TAVARES, Luiz Carlos Vieira et al. Filosofia e Corporeidade: Reflexões Sobre a Capoeira. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 17, n. 4, p. 257-268, 2014.

TAVARES, Luiz Carlos Vieira. **O corpo que ginga, jogo e luta: a corporeidade na capoeira**. 2018.

THEATRO e diversões. *O Dia*. Florianópolis, p. 3. 13 Mar. 1917 Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/217549/18515?pesq=luta%20brasileira%20capoeira> Acesso em: 28 out. 2020.

VACCARI, Ulisses. O Fim da Estética e a Nova Crítica de Arte em Benjamin. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 59, n. 139, p. 287-308, 2018.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 34, p. 81-121, 1998.

ANEXOS

ANEXO A - REGISTRO DE OBSERVAÇÃO

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

CÓDIGO: BSB20192T41ROA01 DATA:11/09/2019

Horário: 07h45h às 9h15 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 24 (14 meninos e 10 meninas) Ausentes: Narceja, Narval.

Clima: O dia amanheceu com um clima agradável, fazia sol, havia sentimento de incertezas quanto às condições de estágio no NDI devido a greve na UFSC.

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom ou shorts, tênis,

Local: Quadrapercebi que as roupas eram adequadas para as aulas práticas.

Caracterização do professor e da aula:

O professor usava roupas do tipo fitness (Shorts, Camiseta e tênis), se demonstrou mediador e conversou sobre os conflitos.

Primeiro momento:

Conforme foi instruído me apresentei ao NDI às 7h30 da manhã, na escola perguntei que horas chegava o professor Jabuti e uma professora me informou que ele iniciaria os trabalhos às 8h, então esperei.

Enquanto aguardava percebi um pouco da rotina de entrada dos alunos, ao chegar à escola as crianças acompanhadas dos familiares eram recepcionadas pelas professoras.

Ao ver o professor Jabuti me apresentei para iniciar o estágio, então ele pediu que aguardasse um momento, achei estranho, pois percebi que ele se mostrava inseguro.

Após alguns minutos ele voltou e me encaminhou até uma sala e iniciou a conversa falando sobre o projeto do grupo três- As rainhas da África e comentou sobre o quanto seria valoroso minha presença para o projeto já que eu trabalho com o tema afrodescendente.

Comentei com ele que sei tocar atabaque e poderíamos realizar uma vivência para as crianças escutarem os ritmos e se expressarem corporalmente.

Depois de minha fala Jabuti iniciou o assunto sobre a situação em que vivia o NDI devido aos movimentos de luta, nesse contexto comentou que o efetivo estava reduzido e os funcionários se faziam polivalentes desempenhando várias funções para que a instituição continuasse seguindo oferecendo o melhor aos seus alunos, nesse momento me afirmou que eu não poderia realizar meu estágio ali, devido ao fato de que o ambiente não ofereceria condições para que eu pudesse aprender sobre a rotina e aprendizagens da educação infantil do NDI.

Comentou ainda que esta situação dificultava a parceria com outros estágios e que o não acesso iria se estender para os demais que estavam realizando suas experiências de aprendizado ali, com isso mencionou que iria falar com os professores responsáveis da UFSC a fim de informar a suspensão momentânea da parceria.

Com isso agradei a ele pela atenção e me despedi.

Entrei em contato com o professor Fábio e fui autorizado a me deslocar até o Colégio Beatriz de Souza Brito e iniciar meu estágio lá na turma 41.

Cheguei ao colégio, me apresentei na secretaria, perguntei onde estava o professor Gafanhoto e falei sobre o que pretendia conversar com ele.

Fui informado que ele estava na quadra e com a turma 41 então me deslocuei até o local, chegando lá percebi que os alunos estavam brincando de pega rabo (brincadeira em que o objetivo é tirar o “rabo” (colete) do colega, me apresentei ao professor Gafanhoto e ele foi muito receptivo, ficou contente com minha presença já que me conhecia do semestre passado e me deixou à vontade para poder trabalhar no estágio.

Primeira atividade:

A única brincadeira que vi foi o pega rabo (brincadeira em que o objetivo é tirar o “rabo” (colete) do colega, o professor mediava a brincadeira e chamava sempre atenção para as regras, depois de um momento ele pediu para que sentassem para uma conversa, nesse momento dois meninos começaram uma briga com socos; então o professor interveio e levou os dois para a direção.

As crianças que estavam no banco se levantaram com a ausência do professor, se organizaram e iniciaram novamente o jogo que estavam praticando.

Não havia muitos conflitos nesse momento, somente reclamações sobre o descumprimento de algumas regras, mas eles conseguiram contornar e seguir brincando.

Quando o professor chegou pediu para entregar os coletes e novamente sentar, então Gafanhoto reforçou a importância do respeito para com o colega e lembrou a turma que não era a primeira vez que os dois meninos haviam descumprido os combinados.

Após isso, finalizou a aula e os alunos em fila esperaram o sinal bater para irem a casa.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA02- DATA: 17/09/2019

Horário: 11h às 11h45 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 24 (14 meninos e 10 meninas) Ausentes: Gaivota, Leopardo.

Clima: O dia amanheceu com um clima agradável, fazia sol, a turma se demonstrava ansiosa pela aula, todos contentes e eufóricos.

Local: Quadra descoberta.

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom ou shorts, tênis, uma criança usava chinelo, portavam casacos alguns ficaram amarrados na cintura, percebi que as roupas eram adequadas para as aulas práticas.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava camiseta, shorts e tênis.

Demonstrou-se amável com as crianças e em certos momentos exibiu uma postura mais firme com os alunos.

Na realização das atividades demonstrou-se atencioso, mediou os conflitos e a todo momento reforçou o conteúdo da atividade.

Primeiro momento:

O professor chegou às 11h10 devido ao atraso da professora de informática para assumir a turma anterior.

Em frente à porta da sala vi que a professora interviu para que todos sentassem e aguardasse a entrada do professor em seus lugares, algumas crianças ficaram de pé e ela interviu novamente.

O professor entrou na sala e os alunos se demonstraram eufóricos, conversavam e discutiam, então Gafanhoto esperou um pouco para que se acalmassem e entrevistou pedindo atenção, eu me sentei em uma carteira ao fundo da sala.

As crianças aos poucos foram se acalmando e percebendo a presença e postura do professor, a aluna Libélula do Pibid se posicionou de pé perto da porta, vestia camisa da UFSC, calça preta leggings e tênis.

Às 11h15 o professor Gafanhoto deu bom dia e iniciou a chamada.

O aluno Numbat exibiu atitudes de enfrentamento, resistindo a ficar em silêncio para que o professor pudesse dar continuidade.

O professor Gafanhoto disse que a turma é boa, porém algumas crianças estão perdidas na classe.

Às 11h19 parou a chamada novamente por causa de conversas paralelas, terminou às 11h20 e me deu a palavra para me apresentar.

Ao terminar minha breve apresentação o professor iniciou o conteúdo do dia que era Atletismo e abordou o tema raia, contextualizou os esportes que possuíam raias para os atletas, como exemplo citou a natação e várias modalidades do atletismo.

Disse que na corrida existem oito raias, falou sobre invasão, abordou a posição na semifinal de cada corredor e esclareceu que o melhor tempo se localiza na hora da corrida na raia quatro.

Comentou que essa posição oferece ao corredor melhor visão periférica.

Às 11h30 fizemos a fila e saímos da sala realizando um deslocamento todos juntos tranquilamente, paramos rapidamente para o professor e a Libélula pegar os materiais (caixa com cordas e coletes) na sala de Educação Física.

11h33 chegamos e pude ver que a quadra está em reformas (construção do muro).

Primeira atividade:

Enquanto Gafanhoto e Libélula arrumavam as raias com as cordas as crianças brincavam de pegar, alguns meninos de espada com pedaços de galhos.

11h38 o professor chamou as crianças e pediu para que se distribuíssem nas raias, elas ficaram em grupos nas oito raias a distribuição foi aleatória (por livre escolha dos alunos), ao sinal do professor corriam em revezamento saindo da linha da quadra de vôlei mais próxima do gol até o meio, e voltavam tocavam na mão do próximo colega e este realizava o mesmo exercício (a corrida foi de revezamento).

Manjuba mandou um colega “tomar no Cú” e o professor pontualmente entrevistou, conversou e disse que isso não era uma atitude legal.

Duas crianças (um menino e uma menina) ficaram sentadas e não participaram da atividade.

Após uma rodada às 11h44 o professor chamou todos para conversar e neste momento uma mãe apareceu na quadra para pegar seu filho.

No papo final ele retomou as regras e as crianças falaram do desrespeito, então Gafanhoto reforçou que na corrida quem não segue as regras é desclassificado.

Com isso finalizou e algumas crianças ajudaram a recolher o material, ao bater o sinal todos os alunos saíram.

Agradei pela oportunidade de estar na aula e me despedi do professor.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA03- DATA: 18/09/2019

Reunião Pedagógica de Professores

A reunião no auditório iniciou às 8h e a diretora Nhandaia apresentou o encontro entre os professores.

O primeiro assunto foi uma conversa para reorganizar a rotina escolar, informes gerais de 2012 até 2019, Reforma da sala do 9º ano (onde será trocado o piso e os alunos irão provisoriamente para a sala do 5º ano).

Os professores comentaram que a empresa realiza a obra lentamente e falta tapume para isolar as áreas, Nhandaia ressaltou que todos os professores devem cuidar da segurança dos alunos.

No tópico Rotina escolar foi combinado que os professores não devem liberar os alunos antes devido ao perigo de atropelamento.

Também não devem retirar os alunos da sala sem a atividade pela questão de não ser educativo.

A Professora Doninha falou sobre a dor dos alunos no pé, na cabeça nas aulas de educação física e a diretora respondeu que devem encaminhar para coordenação para tomar um chá "às vezes dores pode ser fome".

Doninha ressaltou sobre a importância de não deixar utilizar o ginásio sem mediação por causa da depredação realizada pelos alunos, falou sobre a limpeza e a consciência nos espaços escolares e ginásio.

A coordenadora presente chamou atenção para o fato de que "educação básica é encrenca o tempo todo", "conflito também é conteúdo, pois as atitudes fazem parte da formação".

Continuando foi abordado o assunto do retorno do recreio, lanche das auxiliares e circulação de alunos fora de sala.

Nhandaia reforçou o cuidado com o que se diz em sala de aula, ou seja, os palavrões ditos pelos professores, salientou que as famílias e alunos estão reclamando. Orientou que se o professor está com raiva deve sair da sala e não dar tapa na mesa ou entrar em condição de enfrentamento com os alunos.

Nhandaia comentou que é um ambiente de estresse, se o professor enfrentar o aluno é agressão, um professor rebateu dizendo "gritar também é uma agressão".

Nhandaia reforçou que sua fala é pelo enfrentamento físico, falar mais firme não tem problemas, porém, tem que cuidar das atitudes pelos casos até mesmo de processo.

Uma das estratégias é escrever silêncio! No quadro e esperar.

Foi reforçado que a questão política partidária, sermão político partidário não interessa para o viés crítico.

A diretora pediu para não falar do governo ou questões políticas partidárias. Vivemos um momento "policialesco" e quando as pessoas identificam algo que não gostam se apresentam em três dizendo que tem mais gente.

A professora Doninha lembrou que o pensamento crítico tem que ouvir os dois lados e trabalhar temas centrais e abrangentes, padrões de beleza por exemplo.

Quanto ao tema Planejamento foi orientado que qualquer dúvida deve-se falar com a coordenação e a reposição de greve deve ser feita até o dia 30 de setembro.

Um assunto comentado e que os educadores se mostraram bastante preocupados foi com o Livro didático, pois existe a falta de livros e há exemplares que os alunos deixam jogados pela sala, os docentes estão apreensivos com o perigo de não receber livros do governo.

No momento dos Projetos da escola foi apresentado primeiro o trabalho com a Educação Ambiental em parceria com o NEAMB (Núcleo Educação Ambiental da UFSC), este é um projeto interdisciplinar voltado para escola realizado por alunos da Universidade. A escola Beatriz iniciou em agosto de 2019 o programa e possuem inscritos no turno matutino 19 alunos e no vespertino 29 alunos.

Foi apresentado também o projeto Captando consciência lixo zero que se organizou da seguinte forma: 1º Encontro: Construção da Identidade do Grupo frase e desenho, no 2º Encontro: “Jogar fora” consumo consciente, 3º Encontro: Cores da terra e o 4º Encontro: Apoio mútuo equilíbrio da floresta, uma das ações é Pesas o lixo da escola.

A Professora Íbis é quem faz o apoio aos projetos que tem a ver com a temática ambiental no contexto interdisciplinar.

Ainda na parte de projetos ambientais tivemos a presença de Vitela, “o da COMCAP” que falou sobre o cuidado com a natureza e a partir de uma centopéia que estava na sala levantou a necessidade de um novo olhar sobre a reciclagem.

Vitela disse que o foco em reduzir a quantidade de lixo produzido tem até 2030 e para isto deve ser aplicado a “Logística reversa” Lei Federal 12.305/2010, esta lei que foi criada e não foi sancionada tem sua aplicação na responsabilização das pessoas pelo seu lixo.

O palestrante ainda afirmou que Lixo zero tem que ser a bandeira de quem assumir a gestão da ilha e deve ser desenvolvido a Consciência nas cooperativas, pois não estão falando a mesma língua.

O professor Fábio também falou sobre a consciência dos professores quanto à causa ambiental.

Vitela apresentou seu projeto Neiciclagem e seus vários brinquedos produzidos de modo artesanal, ressaltou um novo olhar para ver o lixo a partir da arte e apresentou atitudes.

Ainda deu informações sobre o museu do lixo que tem seu horário de funcionamento de Segunda a sexta das 7h às 13h, telefone 32614808, email: comcap.ambiental@gmail.com .

Vitela falou sobre vários projetos como o Educando com horta que tem como eixos a área: nutricional (alimento), ambiental (destinação) e pedagógica (professor), Protetor ambiental (desenvolvido pela polícia ambiental), Educadores, Fita Floripa apoio a grupos de teatro Zé da roça, os 3 R’s a grande missão, jogos ambientais, aplicativo, rei sustentável, artes plásticas e sua ação no carnaval de Florianópolis onde pega a gestão de resíduos e o objetivo é lixo zero nas escolas.

Às 10h30 parada do lanche.

Retomamos com Íbis apresentando o projeto Quem ama cuida e preserva, realizado por alguns auxiliares de ensino, este tem por meta conscientizar sobre a importância do cuidado com a escola (Patrimônio), o que é escola pública? Quando nasce a escola pública?

O programa utiliza uma sequência didática que ensina cuidar e zelar do patrimônio, sua intervenção trabalhou com a análise e leitura da carta ao inquilino, filme “Reduzir, reciclar e reutilizar e reciclar – Turma da Mônica”, filme Wall-e e filme Amazônia, desenho, produção de cartaz e textos do 1º ao 5º ano.

Os educadores que mostraram o projeto sobre a Diversidade e igualdade de gênero fizeram uma citação apoiados na Proposta da RMF p.29 sobre a intencionalidade nessa perspectiva e levantaram a necessidade de espaços de diálogos.

As estratégias utilizadas pelos educadores com os anos finais do fundamental são discussões a fim de conscientizar e refletir sobre o papel da mulher na escola e foi exibido o filme Extraordinário – 2017, realizado caça-palavras, questionários para professoras que possuem deficiência e uma visita na ACIC.

Com os 8º anos fizeram leituras de textos sobre preconceito, produção de Cartazes, tirinhas, quadrinhos e charges sobre preconceito e *bullying*, construção dos fanzines sobre *bullying* e *cyberbullying*, Análise estatística sobre o tema *bullying* e *cyber*, exibição do Filme Raça, caça palavras, criação de textos, cruzadinha, quadrinhos e cartilha.

O Professor Fábio da UFSC apresentou o projeto Portinari e reforçou a grandeza de sua obra, falou um pouco de sua produção Guerra e Paz e sobre a Educação Física como área da linguagem.

Discorreu ainda sobre a importância dele para o Brasil, do andamento do trabalho Portinari em outras escolas e as ações como pesquisa das brincadeiras antigas e de agora que estão sendo realizadas por outras instituições.

A professora Doninha falou sobre as ações de construção do painel e relação da obra do pintor com o passado e o presente, ainda anunciou o título “Movimento em tela, Beatriz no movimento de Portinari”.

Foi realizado um convite para as pessoas participarem e levantadas algumas propostas e nesse contexto lembrado o projeto interdisciplinar Copa do Mundo de 2014, Fábio mencionou a produção de trabalhos e falou sobre a abrangência do projeto.

Após a exposição do professor Fábio foi mostrado o Projeto realizado pela professora de apoio “Uma zebra fora do padrão” que trabalha a autoestima das crianças do 2º ao 5º ano ressaltando sua identidade, onde o método utilizado é o registro através da construção de um livro.

Nhandaia ainda apresentou o Projeto robótica que é desenvolvido desde 2012 e que a parceria com o SESI tem como única escola pública o Beatriz, O SESI patrocinava e custeava a participação de torneios das 60 crianças (30 da manhã e 30 da tarde), mas este programa ainda não havia iniciado por problemas burocráticos.

A professora Doninha falou ainda sobre o projeto de extensão da UFSC com o Basquete que atende as crianças do 3º ao 5º ano, somando um total de 79 crianças, o objetivo principal é incentivar as meninas.

O último foi o Projeto de gestão da Cigarra e Nhandaia que após uma breve exposição encerrou o encontro às 11h49.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA04- DATA: 24/09/2019

Horário: 11h às 11h45 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Clima: O dia amanheceu com um clima instável, a turma estava ansiosa, eufórica.

Local: sala.

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom ou shorts, tênis, chinelo, casacos, uma criança usava boné.

Caracterização do professor e da aula:

A professora auxiliar Golfinho vestia casaco social, calça jeans e sapatos.

A todo momento demonstrou-se preocupada com a disciplina e a ordem e realizou intervenções para que o ambiente ficasse tranquilo.

Primeiro momento:

A professora auxiliar Golfinho com os alunos do PIBID Libélula e Vison chegaram às 11h e juntamente com eles entrei na sala e me sentei ao fundo.

Fui comunicado por eles que nesta semana o professor Gafanhoto não estaria na escola devido ao fato de estar em licença devido ao seu casamento.

Vison se deslocou para montar a atividade na quadra.

Golfinho iniciou a chamada às 11h04 e a turma estava em pé eufórica, 02 crianças (Borboleta e Natan) correndo pela sala e falando alto.

Golfinho às 11h05 pediu silêncio e esperou a organização da turma agitada que não atendia aos pedidos de silêncio de Libélula e Golfinho.

Alguns meninos de pé não sentaram e um colega perguntou se iriam sair da sala então Libélula falou que somente após o silêncio.

Após isto, uma criança gritou: silêncio, senão não vamos para quadra, e com isso se acalmaram um pouco.

11h11 Vison chegou à sala e esperou ao lado da porta.

11h12 a professora Golfinho falou que iria passar um texto sobre respeito e as crianças disseram: não!

11h13 Libélula explicou que o professor Gafanhoto estava em viagem de lua de mel e só voltava na próxima semana.

11h14 os estagiários disseram que não iriam sair por causa da chuva.

Primeira atividade:

11h15 Libélula disse que iria pegar os jogos e Golfinho distribuiu alguns desenhos para as crianças pintarem.

Os desenhos tinham como temas personagens da Disney (princesas Ariel fundo do mar, Elza, Bob Esponja).

11h19 Vison chegou com os jogos, Libélula pediu atenção, mas a conversa não parou, então ela continuou e disponibilizou os brinquedos para quem quisesse jogar.

As crianças jogaram Banco Imobiliário, o que sou com o celular e Jogo eu sou com cartas.

As crianças se envolveram nas atividades que estavam realizando.

Vi uma aluna fazendo selfie dela com amigos e Libélula percebeu, entrevistou pedindo para guardar o celular.

Estavam muito falantes, se comunicando bastante, Gato e Vissia começaram a correr pela sala e Golfinho entrevistou.

11h40 Vison e Libélula pediram os jogos para guardar e solicitaram que os alunos organizassem a sala e o material.

Alguns alunos falam alto “gritando”, percebi que as disputas e relação de poder estavam presentes principalmente entre os meninos que em alguns momentos se empurravam.

11h43 Libélula disse que Maritaca começaria o jogo do silêncio às 11h45 e saiu dizendo que bateu o sinal.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA05 DATA:25/09/2019

Horário: 07h45h às 9h15 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Clima: O dia amanheceu com um clima agradável, fazia sol aberto, as crianças estavam calmas.

Local: Sala

Vestimenta: Usavam o uniforme da escola (camiseta), casaco, calça de moletom, tênis, duas crianças usavam boné, três crianças com calça jeans e dois alunos de shorts.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Vicunha usava jaqueta calça jeans e sapato esportivo.

Tainha vestia jaqueta e calça preta, portava a sua guia e calçava bota preta.

No decorrer das aulas mostraram-se atentos ao cuidado das crianças.

Primeiro momento:

7h50 chegou o professor Vicunha auxiliar de sala, as crianças sentaram e o professor anunciou a chamada.

As crianças estavam calmas, eu sentei atrás.

O professor anunciou que não iriam para a quadra e daria continuação ao Projeto Amazônia com o filme Tainá.

Arrumou a televisão na sala e iniciou a chamada, não houve faltantes e às 8h00 iniciou o filme. O professor relatou que iriam ver o filme e caso fosse possível na próxima aula fariam um trabalho.

Primeira atividade:

O filme iniciou com a cena de um ritual indígena, uma criança falou várias vezes: “Macumba sarava!”, o professor interveio dizendo “Não!, isso é coisa de índio” com um tom instrutivo.

As crianças ficaram concentradas e o professor pedia silêncio quando havia conversa.

Alguns alunos assistiram sentados na cadeira, outros cinco sentados em cima da carteira, Numbat às vezes ria e dizia que o personagem do filme era um dos colegas da turma, Calango e Numbat eram os únicos que durante o filme conversavam, Niala e Borboleta também interagiam com Numbat.

8h30 o professor Vicunha saiu e a professora Tainha que possui deficiência visual ficou com a turma, ela chegou e sentou-se atrás da mesa da professora, a classe continuou em seus lugares e quando havia barulho ela pedia para prestarem atenção.

Quando alguma criança pedia para ir ao banheiro, Tainha orientava que deveria ser de um em um.

As crianças ficaram concentradas no filme, as conversas paralelas eram poucas.

8h50 Tainha chamou atenção por causa do barulho.

8h57 houve um momento de conversa e dispersão então ajudei a Tainha a intervir e assim os alunos voltaram à calma.

Depois disso fiquei ao lado dela, de pé ao lado da mesa do professor e intervindo quando percebi uma criança brincando com o celular, conforme me havia solicitado Vicunha.

9h05 houve muita conversa novamente e Tainha pediu silêncio, Niala, Borboleta e Numbat conversaram por quase todo filme.

A maioria das crianças ficaram atentas durante toda a exibição.

9h13 Tainha pediu para que eu desligasse o vídeo e informasse o tempo que restou passar, faltaram os 15 minutos finais.

As crianças se ajeitaram na carteira e esperaram a próxima professora.

9h16 saímos e eu ajudei Tainha com a televisão transportando até a sala de informática.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA06- DATA: 01/10/2019

Horário: 11h às 11h45 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 24 (14 meninos e 10 meninas) Ausentes: Calango e Gaivota.

Clima: O dia amanheceu com um clima instável, a turma estava conflituosa e demonstrou resistência à intervenção do professor.

Local: quadra

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis, uma criança de chinelo, casacos, uma criança usava bota.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness e casaco amarrado na cintura, calçava tênis e utilizava um apito.

Demonstrou-se amável com as crianças e em certos momentos exibiu uma postura mais firme com os alunos.

Foi possível verificar também sua preocupação com o conteúdo do atletismo.

Primeiro momento:

11h00 o professor Gafanhoto e a aluna do PIBID Libélula chegaram à sala do quarto ano, as crianças voltavam da sala de ciências.

O Professor e Libélula esperaram todos entrarem, aos poucos alguns alunos foram se ajeitando enquanto outros ficaram de pé conversando, correndo e trocando cartinhas.

11h08 o professor pediu para todos sentarem e ficarem em silêncio e conversou sobre o preconceito devido ao fato de haver xingamentos entre os alunos.

Ele fez a turma refletir sobre a seriedade que é ir para a coordenação.

11h15 iniciou a chamada, as crianças estavam em duplas de carteiras e a sala possui três fileiras.

Depois de ressaltar as qualidades da turma 41, o professor chamou atenção para o mural construído e reforçou o que os alunos haviam escrito, disse que esse sentimento colocado tem que está de acordo com a prática e com isso pediu para a turma refletir sobre as ações.

Manjuba ficou de pé e o professor pediu para sentar, sentou e ficou conversando e brincando com a cartinha, o professor tirou a cartinha e ele recusou-se a sentar quando a coordenadora Andorinha chegou na porta ele rapidamente sentou.

O professor explicou a prática que era pega-pega, pula cela, pois o tema era corrida com barreira.

11h24 saímos em fila para a quadra. Numbat foi chamado pela Andorinha para conversar e voltou um pouco depois.

Quando chegamos à quadra Numbat se deslocou até o muro pulou e foi embora, as crianças ficaram no muro olhando ele ir, dois amigos correram atrás dele e o professor pediu para que Libélula cuidasse da turma e também foi tentar resgatá-lo, mas não encontrou, eu e Libélula realizamos o que solicitou o professor pedimos para todos sentar em círculo enquanto o professor não estava, rapidamente o educador voltou e pediu para Libélula comunicar a Diretora o ocorrido.

Às 11h34 quando estavam dividindo o time Numbat voltou.

Primeira atividade:

11h37 iniciou a brincadeira.

A brincadeira funciona da seguinte forma, duas equipes divididas por coletes vermelho e amarelo, para vencer uma equipe deveria pegar toda a outra.

Quem fosse pego deveria ficar abaixado e imóvel podendo ser salvo por meio do pula cela realizado por um membro do seu time que ainda está livre.

Uma das questões que chamou atenção foi as crianças brincarem juntamente com a quadra em obras e perto de equipamentos elétricos de trabalho como a máquina de cortar. Algumas crianças em meio ao clímax da brincadeira e com o objetivo de escapar chegavam muito perto do local de trabalho.

Outro ponto que cabe destacar é o fato de a trave está solta e também haver um cabo elétrico cruzando a quadra em meio a atividade dos alunos.

Ao final houve duas rodadas e o time vermelho venceu as duas.

11h43 o professor interrompeu a atividade, conversou sobre o caso de o Numbat ter fugido e disse que essa atitude não era legal pelo fato de a fuga trazer riscos a ele, às 11h44 terminou a aula pedindo que esperassem o sinal bater.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA07 DATA:02/10/2019

Horário: 07h45h às 9h15 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 24 (14 meninos e 10 meninas) Ausentes: Gaivota e Vaga-lume

Clima: O dia amanheceu com sol, a turma se mostrou aberta ao professor e tentou interagir com ele na sala.

Local: ginásio

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom ou shorts, uma criança de boné, uma de sandália, uma de bota, os demais calçavam tênis.

Caracterização do professor e da aula:

O professor usava roupas do tipo fitness (Shorts, Camiseta e tênis), se demonstrou mediador e conversou sobre os conflitos, utilizava também um apito.

Primeiro momento:

Quando cheguei percebi as crianças brincando, às 7h50 o sinal bateu e logo o professor Gafanhoto chegou.

Entrou na sala e me comunicou que teria que resolver o assunto do dia anterior.

As crianças entraram e ficaram sentadas conversando em suas carteiras.

O professor pediu para uma aluna chamar uma das supervisoras e às 8h00 a supervisora chegou, o professor comunicou que cinco alunos saíram 11h43, neste caso antes do sinal, a supervisora reforçou que não é para sair da quadra antes do sinal e pegou o nome das crianças para ligar para os pais: Numbat, Borboleta, Niala, Narval e Manjuba.

Às 8h05, após pegar os nomes ela saiu.

Às 8h06 Gafanhoto pediu para quatro alunos pegarem no ginásio os materiais que seriam utilizados no dia.

Vison que estava sentado ao fundo acompanhou as crianças.

Uma criança perguntou como foi a lua de mel e o professor comentou sobre seu passeio e sobre o local que foi Foz do Iguaçu, falou dos pontos turísticos como as Cataratas e os animais que existem nos parques.

As crianças em silêncio escutam o professor. Ele falou sobre a atitude dos humanos de dar comida para os animais e disse que isso causava transtorno.

8h18 as crianças chegaram com os materiais.

8h20 Esquilo perguntou quando iria começar a aula e o professor respondeu que a aula já havia começado, porém os alunos estavam interessados em saber como foi a lua de mel e ele estava contando.

8h22 iniciou a chamada.

Após a chamada explicou o que iria acontecer no dia, contextualizou a corrida com barreira e as crianças interagiram comentando onde viram a modalidade, uns viram na UFSC e o professor falou sobre as raias e que elas estão presentes em várias atividades.

8h27 nos aprontamos para sair e saímos em fila e no caminho Vison informou que a professora Doninha estava na informática, então descemos para o ginásio.

Primeira atividade:

Chegamos 8h33 e o professor chamou todos com o apito, disponibilizou os materiais e pediu para que as crianças montassem as raias enquanto a maioria realizava a atividade indicada pelo professor, quatro meninos ficam correndo, brincando de pegar, o professor Gafanhoto e Vison auxiliaram na organização do material.

Às 8h44, após tudo montado chamou para explicar como seria a corrida, explicou as regras, Numbat, Estrela, Borboleta, Bacorá não quiseram fazer a aula e ficaram sentados, perguntei para Niala, Estrela e Bacorá por que não fizeram a atividade e elas me responderam que era muito alto a barreira e não queriam suar.

Numbat e Borboleta voltaram para a atividade.

Às 8h55 parou a atividade e falou sobre a importância de respeitar as regras e não trapacear, falou sobre a desqualificação nas provas oficiais e reiniciou às 9h04 recolheu os materiais e em fila voltamos para sala.

Foi um total de cinco rodadas das crianças saindo do ponto inicial pulando as barreiras tocando na trave oposta e voltando ao ponto de início para que outro colega pudesse correr.

A menina que calçava bota derrubou várias vezes os cones, Vison e Gafanhoto atentos há todos os momentos levantavam os cones e reorganizavam a atividade.

9h10 saímos para tomar água e voltar para sala.

9h13 chegamos à sala e todos sentaram.

CÓDIGO: BSB20192T41ROA08- DATA: 08/10/2019

Conselho de classe

Ao chegar à escola às 10h40 para a observação fui informado que o nível básico até o quinto ano não teria aula devido ao conselho de classe que estava acontecendo na sala informatizada.

A reunião contou com a participação dos regentes do primeiro ao quinto ano que se revezaram por horários, somente permaneceram por toda a manhã na sala os professores do apoio pedagógico, Música, Educação Física, Inglês, Ciências, as supervisoras e orientadoras e a Aluna Libélula do Pibid.

O encontro foi discutir as dificuldades pedagógicas por aluno, para refrescar a memória dos professores quanto à identificação da criança foi utilizado uma TV *Smart* que apresentava a foto, outra tela mostrava para o corpo docente as anotações realizadas pela coordenadora.

A turma 41 não tem aula de artes e sim de música

A regente pontuou que a turma promove conflitos, mas é tranquila e produtiva.

Quanto à disciplina de Educação Física foi relatado que a turma 41 está bem no aprendizado é bastante dinâmica e participativa, porém as conversas excessivas dificultam alguns momentos, somando a isso há a existência de conflitos.

Os professores falaram que os conflitos que aparecem na escola vêm das famílias, os casos com maior destaque são:

Do aluno Badejo que está mentindo e inventando desculpa igual à mãe, ele não realiza as tarefas e está cortando os braços, a criança comenta que seu colega Numbat pratica Bullings com ele devido ao fato de sua mãe ser homossexual está desempregada mantendo-se por meio do caso homo afetivo.

O professor Gafanhoto falou sobre a conversa que realizou com a mãe de Numbat, disse que ela comentou que seu filho pulou o muro porque foi desafiado pelo educador a cometer o ato, com isso o educador retomou os fatos com ela e esclareceu o ocorrido.

O aluno influencia a turma.

A supervisão da escola também conversou com a mãe, mas notaram que ela não acredita na instituição, Numbat relatou para a professora que apanha do irmão mais velho e a mãe desmentiu, ficou triste por que ele o ajuda nas tarefas diárias.

Ainda foi falado pela professora que em uma atividade foi verificado que o aluno não se reconhece enquanto negro.

Quanto aos irmãos Borboleta e Esquilo foi relatado que moram no mesmo terreno e possuem mais um irmão, porém a mãe só cuida de Borboleta e os outros dois moram na casa dos avós.

Esquilo tem ciúmes da irmã e sente a ausência da figura materna.

Outro caso é Manjuba que os professores indicaram estar seguindo os maus exemplos de Numbat e anda conversando.

A professora disse que a aluna Cacatua relatou que sofre *bullying* de Numbat e se contém até um dado momento em que extravasa e chora, a coordenação disse que já ouviu suas reclamações e que ela foi encaminhada por bater no colega um dia.

Foi dito que Rouxinol não leva material e não realiza as tarefas, a família não o assiste nos compromissos, o menino foi encaminhado para a psicóloga que indicou que a criança deveria extravasar, os pais colocaram ele em um projeto porém os resultados ainda não são o esperado.

Por fim o aluno Vissia que promove a fala de um adulto e acha tudo desinteressante.

Robalo, Abelha, Iguana, Arara, Bacorá entre outros foram citados como destaques.

Às 12h foi encerrado o encontro.

ANEXO B – PLANEJAMENTO DE AULAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE EDUCAÇÃO / (MEN/CED/UFSC)
PROF. DR. FÁBIO MACHADO PINTO
ANDERSON JOSÉ LIBANIO

ESCOLA: Beatriz de Souza Brito
DISCIPLINA: Educação Física
PROFESSOR (a): Gafanhoto
SUPERVISOR: Dr. Fábio Machado Pinto
TURMA: 4º ano - 41

PLANEJAMENTO SEMANAL
PLANO DE AULA - I

CONTEÚDO DA AULA:

Teórico: Apresentação do Memorial, biografia de Cândido Portinari e suas obras que se relacionam com o tema étnico racial.

OBJETIVOS:

- Estabelecer uma aproximação e sensibilização da turma para com o tema.
- Apresentar os conteúdos e personagens que serão tratados no decorrer das intervenções.
- Refletir sobre as questões étnico racial a partir do contexto da capoeira e obras de Portinari.

METODOLOGIA

- Momento 1: Iniciarei com a apresentação do memorial e entregarei um roteiro de verificação dos pontos importantes do vídeo.

Passarei um vídeo sobre a vida e obra de Portinari (Traçando Arte - Cândido Portinari/ Por que Portinari é tão importante?).

Exibirei o vídeo TVLUIZÃO - A História da Capoeira em desenho e falarei do tema capoeira estabelecendo a relação entre o pintor e a causa étnico racial.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- TV *Smart*
- Computador
- Pen drive

LOCAL:

Sala de Informática

AValiação:

Roteiro de observação

REFERÊNCIAS:

AUTORES, Coletivo. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Educação Física. Matriz Curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Florianópolis:

Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Ensino Fundamental, 2016 (no prelo). Consultores externos: Jaison José Bassani e Luciane Lara Acco. Assessor DEF/SME: André Justino dos Santos Costa.

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Ed. Itapuã, 1968.

SILVA, Josiane da. De pernas pro ar: recontando a nossa História. Campinas: Reverbo editora, 2010.

Candido Portinari (1903-1962) Vida e Obra. PDF

https://www.youtube.com/watch?time_continue=273&v=Obz0gSEvm2Y

Traçando Arte - Cândido Portinari

<https://www.youtube.com/watch?v=0UO-ZcqC2Ig&t=314s>

Por que Portinari é tão importante?

<https://www.youtube.com/watch?v=GcTQLKh-Oak>

TVLUIZÃO - A História da Capoeira em desenho

<https://www.youtube.com/watch?v=GcTQLKh-Oak>

PLANO DE AULA - II

CONTEÚDO DA AULA:

Cana de Açúcar

OBJETIVOS:

- Refletir sobre o trabalho e as contribuições do povo negro no desenvolvimento do Brasil.

- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

- **METODOLOGIA:**

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula e irei inserir o novo que se chama cana de açúcar, apresentarei as imagens e falarei sobre o trabalho escravo no canavial e a contribuição desse trabalho para a produção de alimentos.

Explicarei no quadro as atividades do dia.

- Momento 2:

- Nos deslocaremos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

- Utilizando as Imagens de Portinari e Debret e duas músicas de capoeira ("Tem cana pra cortar", "Ê canaviá, ê canavieiro") realizaremos estafetas.

Com as estrofes da música dispostas no chão dividiremos em dois grupos a turma.

- Após esta divisão começaremos o jogo em que o objetivo é montar as estrofes da música abaixo da imagem indicada.

Após a montagem da música iniciaremos um jogo de mímica em que o objetivo é interpretar uma estrofe e o outro grupo adivinhar.

- Roda de capoeira

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura

- Berimbau

- Música da capoeira colada em papel cartão.

- Som

- Pen drive

LOCAL:

Quadra

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

PONSO, Caroline Cao; ARAÚJO, Maira Lopes de. Capoeira: circularidade do saber na escola. Porto Alegre: Sulina, 2014.

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/economia-colonial-cana-e-trabalho-escravo-sustentaram-o-brasil-colonia.htm>

PLANO DE AULA - III

CONTEÚDO DA AULA:

Construção de texto sobre o trabalho com a Cana de Açúcar

OBJETIVOS:

- Refletir sobre o trabalho e as contribuições do povo negro no desenvolvimento do Brasil.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

• METODOLOGIA:

- Momento 1: Em sala apresentarei músicas e gravuras, conversarei sobre o tema para recapitular o conteúdo e distribuirei folhas para a produção textual e escutaremos novamente as músicas trabalhadas.

- Atividade:

Construção de texto sobre o tema.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau
- Música da capoeira colada em papel cartão.
- Som
- Pen drive

LOCAL:

Sala

AVALIAÇÃO:

Produção textual.

REFERÊNCIAS:

PONSO, Caroline Cao; ARAÚJO, Maira Lopes de. Capoeira: circularidade do saber na escola. Porto Alegre: Sulina, 2014.

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/economia-colonial-cana-e-trabalho-escravo-sustentaram-o-brasil-colonia.htm>

PLANO DE AULA - IV

CONTEÚDO DA AULA:

Café

OBJETIVOS:

- Refletir sobre o trabalho e as contribuições do povo negro no desenvolvimento do Brasil.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

METODOLOGIA:

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula e irei inserir o novo que se chama Café, apresentarei as imagens e falarei sobre o trabalho nos cafezais e a contribuição desse trabalho para o desenvolvimento do país.

Explicarei no quadro as atividades do dia.

- Momento 2:

- Nos deslocaremos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

Utilizando as Imagens de Portinari e Debret e duas músicas de capoeira ("Sofrimento do Negro", "Pega o balaio de café") realizaremos estafetas.

Com as estrofes da música dispostas no chão dividiremos em dois grupos a turma.

- Após esta divisão começaremos o jogo em que o objetivo é montar as estrofes da música abaixo da imagem indicada.

Após a montagem da música iniciaremos um jogo de mímica em que o objetivo é interpretar uma estrofe e o outro grupo adivinhar.

- Roda de capoeira

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau
- Música da capoeira colada em papel cartão.
- Som
- Pen drive

LOCAL:

Quadra

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

PONSO, Caroline Cao; ARAÚJO, Maira Lopes de. Capoeira: circularidade do saber na escola. Porto Alegre: Sulina, 2014.

<https://meioambiente.culturamix.com/agricultura/os-cafezais-no-brasil-e-a-historia-do-cafe>

PLANO DE AULA - V

CONTEÚDO DA AULA:

Café

OBJETIVOS:

- Refletir sobre o trabalho e as contribuições do povo negro no desenvolvimento do Brasil.

- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

- **METODOLOGIA:**

- Momento 1: Em sala apresentarei as músicas e gravuras, conversarei sobre o tema para recapitular o conteúdo formaremos grupos e distribuirei as cartolinas para a produção artística e escutaremos novamente as músicas trabalhadas e os alunos tentaram fazer uma releitura a partir os conteúdo que aprenderam.

- Atividade:

Produção artística em cartolina sobre o tema.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau
- Música da capoeira colada em papel cartão.
- Som
- Pen drive
- Cartolina

LOCAL:

Sala.

AVALIAÇÃO:

Produção artística em cartolina sobre o tema.

REFERÊNCIAS:

PONSO, Caroline Cao; ARAÚJO, Maira Lopes de. Capoeira: circularidade do saber na escola. Porto Alegre: Sulina, 2014.

<https://meioambiente.culturamix.com/agricultura/os-cafezais-no-brasil-e-a-historia-do-cafe>

PLANO DE AULA - VI

CONTEÚDO DA AULA:

Malandragem

OBJETIVOS:

- Refletir sobre as representatividades do malandro na cultura do país.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

- **METODOLOGIA:**

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula e irei inserir o novo que se chama Malandro, apresentarei as imagens e irei ler uma letra de Samba e outra da capoeira e a partir deste tentarei dialogar com os alunos sobre a figura do Malandro no Samba e na capoeira e a Explicarei no quadro as atividades do dia.

- Momento 2:

- Nos deslocaremos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

- Pique bandeira em que o objetivo de todos seja pegar o tênis e libertar o único no grupo (time) que está descalço, ou seja, ainda é escravo.

- Todos sambam ao som do atabaque e o policial ficará de fora, quando o tambor parar todos devem correr e o último pego será o policial.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau
- Música sobre o Malandro.
- Som
- Pen drive

LOCAL:

Quadra

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Ed. Itapua, 1968.

SILVA, Josiane da. De pernas pro ar: recontando a nossa História. Campinas: Reverb editora, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; DOS SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. Editora Companhia das Letras, 2018.

GOMES, Tiago de Melo. Gente do samba: malandragem e identidade nacional no final da Primeira República. Topoi (Rio de Janeiro), v. 5, n. 9, p. 171-198, 2004.

PLANO DE AULA - VII

CONTEÚDO DA AULA:

Malandragem

OBJETIVOS:

- Refletir sobre as representatividades do malandro na cultura do país.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

• METODOLOGIA:

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula e apresentarei as imagens, irei disponibilizar a letra de Samba e outra da capoeira.

Após este momento distribuirei o pedaço de madeira para que eles possam pintar o seu quadro com a releitura do malandro.

- Atividade:

- Pintura em madeira.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau
- Música sobre o Malandro.
- Som
- Pen drive
- Madeiras para a pintura.

LOCAL:

Sala

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Ed. Itapuã, 1968.

SILVA, Josiane da. De pernas pro ar: recontando a nossa História. Campinas: Reverb editora, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; DOS SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. Editora Companhia das Letras, 2018.

GOMES, Tiago de Melo. Gente do samba: malandragem e identidade nacional no final da Primeira República. Topoi (Rio de Janeiro), v. 5, n. 9, p. 171-198, 2004.

PLANO DE AULA - VIII

CONTEÚDO DA AULA:

Brincadeira (Pula Carniça)

OBJETIVOS:

- Experimentar o brincar de pula carniça e ressignificar a prática a partir da construção de novas possibilidades da atividade.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

METODOLOGIA:

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula e irei inserir o novo que se chama Brincadeira (pula carniça), apresentarei as imagens e a partir deste tentarei dialogar com os alunos sobre as possibilidades da brincadeira, inclusive no jogo da capoeira.

Explicarei no quadro as atividades do dia.

- Momento 2:

- Deslocaremos nos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

- Brincar de pular carniça (pega salva, corrida, jogo de capoeira com aproximação do movimento de passar por cima do colega).

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau

LOCAL:

Quadra

AValiação:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Ed. Itapuã, 1968.

PLANO DE AULA - IX

CONTEÚDO DA AULA:

Brincadeira (Pula Carniça)

OBJETIVOS:

- Experimentar o brincar de pula carniça e ressignificar a prática a partir da construção de novas possibilidades da atividade.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

METODOLOGIA:

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula, apresentarei as imagens e a partir deste irei propor para que façamos um registro por foto tentando remontar a cena pintada por Portinari dentro da roda de capoeira.

- Momento 2:

- Deslocaremos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.
- Atividade:
 - Brincar de pular carniça no jogo de capoeira com aproximação do movimento de passar por cima do colega.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau

LOCAL:

Quadra

AValiação:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Ed. Itapuã, 1968.

Candido Portinari (1903-1962) Vida e Obra. PDF

PLANO DE AULA - X

CONTEÚDO DA AULA:

Brincadeira (Parada de mãos)

OBJETIVOS:

- Experimentar o equilíbrio na parada de mãos e ressignificar a prática a partir da construção de novas possibilidades da atividade.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

METODOLOGIA:

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula e irei inserir o novo que se chama Brincadeira (Parada de mãos), apresentarei as imagens e a partir deste tentarei dialogar com os alunos sobre as possibilidades da brincadeira, inclusive no jogo da capoeira.

Explicarei no quadro as atividades do dia.

- Momento 2:

- Deslocaremos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

- Brincar de equilibrar-se na parada de cabeça e de mãos, tentar deslocar-se me parada de mãos e realizar o movimento do aú.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau

LOCAL:

Quadra

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

SILVA, Josiane da. De pernas pro ar: recontando a nossa História. Campinas: Reverbo editora, 2010.

Candido Portinari (1903-1962) Vida e Obra. PDF

PLANO DE AULA - XI

CONTEÚDO DA AULA:

Brincadeira (Parada de mãos))

OBJETIVOS:

- Experimentar o equilíbrio na para de mãos e ressignificar a prática a partir da construção de novas possibilidades da atividade.
- Analisar, refletir e estabelecer acordos em favor de situações de justiça, respeito às diferenças e solidariedade entre os participantes durante a prática.

• METODOLOGIA:

- Momento 1: Retomarei o conteúdo da última aula, apresentarei as imagens e a partir deste irei propor para que façamos um registro por foto tentando remontar a cena pintada por Portinari dentro da roda de capoeira.

- Momento 2:

- Deslocaremos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

- Brincar de fazer Parada de mãos ou de cabeça
- Registro por foto

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Gravura
- Berimbau

LOCAL:

Quadra

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

REFERÊNCIAS:

SILVA, Josiane da. De pernas pro ar: recontando a nossa História. Campinas: Reverbo editora, 2010.

Candido Portinari (1903-1962) Vida e Obra. PDF

PLANO DE AULA - XII

CONTEÚDO DA AULA:

Avaliação

OBJETIVOS:

- Proporcionar por meio da avaliação um momento a mais de retomada e aprendizado dos conteúdos vivenciados em aula

METODOLOGIA:

- Momento 1: explicarei a construção da avaliação e os encaminharei para a sala de informática.

- Momento 2:

- Deslocaremos nos realizando o “Navio da capoeira” até o local de prática.

- Atividade:

- Realizar a avaliação utilizando as ferramentas do google formulário.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- TV Smart
- Computador
- Pen drive

LOCAL:

Sala de informática.

AVALIAÇÃO:

Faremos uma roda ao final para ressignificar a prática e será realizada na próxima aula uma retomada do conteúdo com o objetivo de verificar o que foi absorvido da experiência desta aula.

Obs. O planejamento poderá sofrer alterações durante o processo.

ANEXO C – RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO

RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO

CÓDIGO: BSB20192T41RIA01 DATA:16/10/2019

Horário: 07h45h às 9h15

Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Clima: O dia amanheceu com chuva, a turma se mostrava ansiosa, falavam alto às vezes junto com minha explicação.

Local: sala de informática e ginásio.

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, casacos, camisa manga longa e calçavam tênis.

Caracterização do professor e da aula:

O professor usava casaco, calça de moletom e tênis, se mostrou prestativo em todos os momentos da aula.

Primeiro momento:

Com o objetivo de me organizar para que pudesse proporcionar uma excelente aula cheguei à escola às 7h20, não havia muitos carros no estacionamento e o público escolar em sua maioria não se fazia presente.

Aguardei o professor Gafanhoto no espaço decorado com o tema Portinari em frente a secretaria, juntamente comigo estavam algumas estagiárias de pedagogia da UDESC, estava tenso por perceber o dia chuvoso e existir a possibilidade do atraso de alguns professores e alunos neste meu primeiro dia de intervenção.

O sinal bateu 7h50 e fui informado pela diretora Nhandaia que Gafanhoto iria se atrasar e eu seria acompanhado pelo professor auxiliar Vicunha, chegamos à sala e o professor esperou os alunos sentarem e pediu silêncio, com isso explicou que o professor de Educação Física iria se atrasar.

Ele me passou a fala e eu comentei que iria começar a intervenção naquele dia e havia trago comigo algumas brincadeiras que iria realizar após nos apresentarmos.

Às 7h55 o professor Gafanhoto chegou, fez a chamada e saímos para a sala informatizada, ao descermos a escada encontrei o professor Fábio que vestia jaqueta preta e calça de moletom cinza e tênis, em fila nos deslocamos até a sala de informática.

Ao entrarmos na sala preparei os materiais e enquanto organizava as atividades as crianças se sentaram nas cadeiras e conversavam, o professor Fábio e Gafanhoto se posicionaram ao fundo.

Primeira atividade:

Com tudo pronto iniciei a aula falando sobre a importância de nos apresentarmos quando se conhece novas pessoas e com isso iniciei a apresentação do meu memorial.

Mostrei minha única foto de infância e falei que era natural de Florianópolis, depois mostrei o lugar onde moro e disse o tempo que levo para chegar até a escola Beatriz.

No slide seguinte mostrei quais as brincadeiras que eu realizava, nesse momento perguntei para os alunos se já haviam brincado de algumas das apresentadas, algumas crianças disseram que sim, já havia realizado várias daquelas e outras como carrinho de caxeta e taco não conheciam.

Continuando falei sobre meu contato com o futebol e minha infância no trabalho com a produção da farinha de mandioca e início na capoeira.

Até este momento o aluno Numbat realizava conversas paralelas e os demais conversavam em alguns momentos, eu pedia a palavra e depois de algum tempo de espera eles ficavam em silêncio e eu continuava, também usei como intervenção trocar alguns colegas de lugar.

Continuei falando sobre meu apelido e o por quê entrei na educação física, mostrei imagens dos lugares onde já havia ministrado aulas e neste momento tentei realizar uma aproximação da atividade com a escola mostrando fotos da intervenção que realizei no segundo ano do Beatriz, com o slide seguinte apresentei a rotina da aula e a partir daí iniciei o conteúdo da capoeira usando a gravura de Rugendas intitulada capoeira (1835) para conceituar a característica multifacetada que tem a manifestação cultural, sendo jogo, dança e luta, tentei passar nesse momento um pequeno vídeo sobre a história da capoeira mas não obtive sucesso devido ao problema com o som, o professor Fábio e Gafanhoto tentaram me auxiliar na resolução do problema, mas por fim decidimos passar todo os vídeos no final da apresentação em Power point

Ao tentar voltar com o conteúdo falando da escravidão a turma estava agitada não me dando oportunidade de fala, tentei por algumas vezes como estratégia falar com o tom de voz mais alto e esperar o silêncio, mas os alunos não se acalmaram e nesse momento o professor Fábio interviu me auxiliando na retomada da aula.

Ele se deslocou até a frente da turma e com o tom de voz mais baixo que o meu demonstrou com o exemplo que o educador deve em alguns momentos mudar a direção do clima e não competir com os alunos na mesma intensidade como eu estava fazendo.

Falando em tom moderado pediu atenção, todos fizeram silêncio e ele reorganizou a aula solicitando para que os alunos que estavam dispersos prestassem atenção no que eu estava demonstrando.

Após sua mediação continuei mostrando uma curiosidade sobre a imagem de Debret intitulada Pequena Moenda de Cana, o fato se relacionava com a posição de saída do bagaço de cana da moenda, essa informação foi tirada do site disponível em: <http://clubes.obmep.org.br/blog/probleminha-erro-de-debret/>, acessado em 11/10/2019.

O aluno Rouxinol que havia sido chamado atenção poucos minutos antes pelo professor Fábio por estar de costas se virou e disse: “Olha mais ali atrás tem outra pessoa”, formulando a hipóteses de que não haveria erro algum já que existe a possibilidade de a pessoa que está atrás também trabalhar com a cana na máquina, eu aproveitei a contribuição e afirmei a possibilidade, ao chegar em casa fiquei intrigado com a figura e notei que de um lado a cana está inteira quando na verdade parece que deveria estar moída.

Continuando a aula estabeleci uma relação entre as figuras de Debret e Portinari ressaltando a visão positivista do pintor brasileiro sobre o trabalho desenvolvido pelo povo negro no Brasil, está perspectiva pode se verificada em sua obra pelas características dos braços, mãos e pés das pessoas no quadro.

Falei ainda sobre as pinturas do cotidiano feitas por Portinari em que retrata o morro e as brincadeiras, minha intenção era de aproximar os quadros do pintor com a realidade vivida pelos alunos.

Apresentei ainda para a classe o planejamento e os temas das aulas para que os discentes pudessem compreender o caminho pelo qual iremos percorrer até o fim da intervenção.

Por fim tirei o pen drive do notebook e coloquei na TV Smart para podermos ver os vídeos.

Primeiro exhibe o filme intitulado TVLUIZÃO - A História da Capoeira, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GcTQLKh-Oak> depois foram mostrados duas

películas que apresentavam o pintor Cândido Portinari eram elas a intitulada Traçando Arte - Cândido Portinari disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=273&v=Obz0gSEvm2Y e PORTINARI 50 FATOS, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pqDIdNWdaqI>.

Depois da reprodução, o professor Fábio registrou esse momento em sala e nos organizamos em fila para ir até o ginásio.

Segunda atividade:

Chegando até o ginásio verifiquei que o local estava sendo ocupado por uma turma dos anos finais do fundamental, comuniquei ao professor Fábio e ele prontamente se mobilizou para resolver a situação do espaço com a professora Doninha.

Em acordo, utilizei uma das laterais da quadra para realizar a atividade do dia.

Dividi a turma em dois times considerando o equilíbrio de forças, depois espalhei virada as peças de um quebra cabeça que formava as imagens de Debret e Portinari já apresentadas na sala de informática, rapidamente expliquei as regras que foram consideradas simples.

O objetivo foi realizar uma estafeta onde corriam de um a um pegavam uma peça da figura em um ponto A corriam até o ponto B deixavam a imagem e voltavam até a fila para bater na mão do colega e liberar ele para realizar o trajeto, ao final quando todas as peças estivessem no ponto B deveriam montar o Quebra cabeças antes da outra equipe.

Os alunos participaram ativamente da prática e não foi percebido desistência.

Realizamos uma rodada devido ao tempo e ao final unimos as mãos e como uma equipe fizemos o grito da capoeira.

O professor Gafanhoto me avisou que estaria levando as crianças para a sala, eu o agradei e fiquei recolhendo os materiais no ginásio com a companhia do professor Fábio que posteriormente em conversa realçou pontos importantes para o aperfeiçoamento e tornou o aprendizado ainda mais enriquecedor e significativo.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA02- DATA: 22/10/2019

Horário: 11h às 11h45 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Clima: O dia amanheceu com sol e a turma se demonstrou eufórica e ansiosa pela aula.

Local: Espaço em frente ao ginásio

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis, uma criança de chinelo.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness, calçava tênis.

Primeiro momento:

Cheguei antecipadamente e às 11h05min chegaram à sala os alunos que se encontravam na sala de ciências finalizando uma atividade.

Os professores Gafanhoto, Fábio e os alunos da UFSC Libélula, Pardal, Anderson se posicionaram na porta esperando os alunos entrarem na sala.

Ao entrar Libélula se senta em uma das carteiras e Pardal fica de pé ao Fundo, Anderson se posiciona ao lado de Gafanhoto de pé na frente da sala, o professor de educação física pediu para que a turma sentasse, eles continuaram conversando e Esquilo caminhava pela sala, o professor pediu para que ele sentasse enquanto isso Anderson escreveu no quadro o seguinte: atividade do dia, Ginga, toques dos instrumentos, música de capoeira e ritmo, e faz dois círculos.

Rouxinol e Gato se bateram correndo pela sala e o professor Gafanhoto imediatamente chamou os dois para conversar, ao concluir o assunto fez a chamada de forma rápida perguntando quem faltou e não havia ausentes.

11h12 Anderson iniciou a explicação das atividades do dia falando que iam realizar no pátio porque a quadra não dava pra utilizar, retomou o assunto das pinturas do artista Portinari e disse: vocês lembram quem era o Portinari?

Numbat respondeu: eu tenho um perfume que o nome é Portinari e Anderson falou que o nome pode ser em homenagem ao grande pintor.

A partir disso retomou a rotina no quadro e explicou a brincadeira dizendo: iremos fazer duas rodas e gingar, terá um mural montado onde vamos tentar montar e encontrar o ritmo da música, na aula de hoje aprenderemos a ginga que é o principal movimento da capoeira, nesse momento perguntou: sem ginga tem capoeira?

E os alunos responderam NÃO!

Aprenderemos também o toque do pandeiro e tambor, a música da capoeira e o ritmo.

11h16 saída de sala desceram cantando e aprendo as palmas.

Primeira atividade:

11:19 chegada ao pátio ao chegar iniciou dividindo os times entre time 1 e 2 formando duas rodas separadas, nesse momento pediu a Pardal que o auxiliasse na construção da atividade, Pardal rapidamente faz a roda e aguarda as instruções Anderson chama algumas crianças para fazer a outra roda, enquanto Anderson organiza a atividade com um grupo, Borboleta e Robalo se empurraram na roda.

Ao formar os dois círculos explica que tocará o pandeiro e nesse momento todos devem gingar, ao parar três crianças deverão colocar primeiro as obras, depois a música e por fim cada um pegará uma parte da música e tentará montar o mural na sequência correta.

11h25 iniciou a atividade cantando a música levanta o pé ai na capoeira quando a música parou os alunos saíram correndo e colaram primeiro as obras depois voltaram e Anderson cantou pedindo para que fizessem o Aú depois a cocorinha e parou de tocar nesse momento mais três correram e colaram a música.

Por fim, cada um pegou um pedaço da música e Anderson cantou pedindo para que chutassem e pulassem, fizessem o Aú e a ginga e quando parou saíram correndo para colar a letra da música no grampo.

Quatro meninas não queriam brincar, Libélula do PIBID chamou atenção para que voltassem para aula e elas falaram que não gostaram, nesse momento ela tentou sensibilizar dizendo que há várias coisas que também não gosta mais está sempre disposta a aprender.

Anderson e Pardal auxiliaram na construção da música e depois enquanto alguns alunos terminavam de montar a música um grupo ficou com o Anderson e o outro com o Pardal a dinâmica era agora conseguir entrar no ritmo da música.

Foi percebido que havia um grupo mais concentrado que o outro e alguns alunos estavam dispersos se pendurando no corrimão.

Numbat, Calango e Esquilo sentaram.

Às 11:40 Anderson chamou para formar um só grupo e cantaram a música todos juntos, os alunos que estavam na roda se envolveram bastante com a atividade.

Manjuba se pendurou na árvore.

11: 42 Anderson pediu para formar novamente uma roda final, chamou os alunos que estavam dispersos para conversar e nesse momento o professor Fábio pediu para todos saírem do sol e sentarem na escada debaixo da árvore para registrar uma foto.

Ao final os alunos já pegaram as mochilas e foram embora.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA03- DATA: 23/10/2019

Horário: 07h45h às 9h15

Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 23 (12 meninos e 11 meninas) Ausentes: Badejo, Calango e Numbat.

Clima: O dia estava nublado, e no final da aula começou a cair uns pingos de chuva bem fraco.

Local: Quadra externa

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis, um aluno estava sem o uniforme da escola.

Observação: Segundo os alunos o Numbat está suspenso e o professor Gafanhoto não tinha sido informado.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness, calçava tênis.

Chegada em sala e explicação da aula:

Chegamos à sala às 7h45min, os alunos estavam um pouco agitados e logo o estagiário Anderson começou a fazer a explicação da aula, de como seria. O estagiário estava com cana-de-açúcar aparecendo na mochila e isso despertou a curiosidade de alguns, ele confirmou que teríamos cana-de-açúcar e que poderíamos comer ela.

Neste primeiro momento ele explicou que comeríamos a cana, e o que sobrasse poderíamos usar no painel que íamos fazer com tintas, esse painel seria uma representação das últimas aulas que tivemos sobre a questão étnico racial envolvendo os assuntos da escravidão, capoeira e os Pintores Debret e Candido Portinari.

Antes de sair da sala ele perguntou se a turma queria fazer pinturas na sala ou se queriam subir para quadra e ficar ao ar livre pintando, logo a maioria respondeu que queria ir para quadra, mas com um combinado que se comportassem.

Primeira atividade:

Perto das 8h05min saímos da sala, durante a ida para quadra a turma estava tranquila e ajudando os estagiários a carregar o material.

Chegando em quadra perto das 8h07min organizamos uma roda, no qual o estagiário Anderson começou a falar sobre canaviais e relação do trabalho dos negros na época da escravidão, e também relacionando com a obra que o Portinari pintou “Cana-de-açúcar” de 1938. Nisso ele foi descascando a cana e dando para que cada aluno provasse.

Muito legal ver os comentários de cada um, a maioria gostando, alguns nem tanto, sendo que para alguns alunos foi a primeira vez que comeu a cana-de-açúcar, o estagiário foi passando as cascas e pedimos para eles sentir o cheiro e gosto da cana.

Segunda atividade:

Às 8h20min o estagiário Anderson começou a explicar sobre a próxima atividade, que consiste em passar para o papel desenhos, pinturas que demonstram o que tínhamos aprendido até essa aula. Nessa hora ele dividiu a turma em dois grupos para melhor organizar a atividade, um grupo ficou com ele, e outro ficou com o estagiário Pardal.

Logo foram surgindo ideias no grupo e com a ajuda dos estagiários se transferindo para o papel. No começo da atividade houve uma certa irritação dos grupos pela divisão das tintas, que logo os estagiários falaram que todos podiam usar todas as tintas, que a atividade era da turma, ou seja em conjunto, e não individual. Como não havia pinceis para todos autorizamos que pintassem também com as mãos, foi percebido que as crianças gostaram do contato com a tinta e da sensação de pintar com as mãos.

Enquanto rolava a pintura Pardal percebeu que a Gaivota estava na arquibancada triste e não queria participar da atividade porque o Esquilo tinha falado algo que a magoou, ele foi até ela para conversar e tentar entender a situação. Logo o estagiário trouxe o aluno Esquilo para pedir desculpas para ela.

Aos poucos ela foi voltando pra atividade, no grupo que eu estava acompanhando (Pardal) me surpreendeu muito a criatividade de alguns alunos como Tamanduá, Iguana, Cacatua. Me chamou muita atenção como eles ficaram concentrados com a pintura. Claro nem todos, alguns começaram a se dispersar e se pintar, inclusive pintando o muro da escola com marcas de mão, chamamos a atenção para não fazer. Mas, os alunos Manjuba, Narval e Esquilo tiveram uma certa dificuldade de entender.

Já no grupo de Anderson os alunos demonstraram certa dificuldade em realizar a atividade em conjunto, alguns alunos criaram conflitos e ao invés de se incluir no processo se auto excluíram, com isso eu (Anderson) mediei conversando com as crianças sobre a importância de nos organizarmos para ao final ter uma obra pronta, as crianças entenderam nosso objetivo e reiniciamos o trabalho, fiquei (Anderson) admirado pela criatividade das crianças que construíram misturando as tintas várias tonalidades de cores e com prazer utilizaram de diversas formas os materiais disponibilizados.

Quase ao final algumas crianças pediram para irem lavar as mãos e o rosto no banheiro e neste momento nós separamos para evitar que os alunos ficassem andando dispersos pela escola, Pardal, Vison e Gafanhoto ficaram com um grupo de alunos acompanhando o final da atividade e Anderson foi com os demais para que eles pudessem se limpar.

Eu (Anderson) esperei no corredor em frente ao banheiro e fiquei mediando os conflitos entre as meninas e meninos, Esquilo pegou o boné de um colega de outra turma e jogou no banheiro das meninas, então pedi para que uma criança que iria entrar no banheiro pegar e me devolver, e assim ela fez, conversei com Esquilo sobre sua atitude e o instrui que nosso objetivo naquele local seria para nos limpar e voltarmos para sala.

Depois de algum tempo voltamos todos juntos e perto das 8h55min começou a dar uns pingos de chuva, então finalizamos a atividade no hall entre as salas de aulas. Colando a imagem da obra e a música no cartaz.

Como começou a se dispersar muito os alunos, eu e o Anderson decidimos que quem não tivesse fazendo iria pra sala para podermos conversar sobre a aula.

Em sala cada um relatou o que achou da aula e reforçamos mais a ideia do trabalho com a obra de Portinari e a capoeira.

Alguns relatos dos alunos sobre a aula.

“A aula foi legal, mas tinha algumas pessoas que pintaram roupa, cabelo, pele e pintaram o muro”.

“Bom, eu gostei muito da aula, porque tinha música, nos ajudou a nos inspirar a fazer os desenhos”.

“Eu achei muito legal, mas também achei meio chato, porque as pessoas estavam pintando a parede e ficavam guerrinha de tinta”.

“Eu gostei muito dessa aula, me diverti bastante e consegui fazer várias coisas e gostei muito de chupar a cana, muito bom”.

“Eu gostei muito da atividade e de sujar a parede, e pintar a mão”.

“Eu gostei de pintar com as mãos, e foi bem legal e foi legal sujar a parede e o chão”.

“Eu gostei muito de pintar, comer a cana e pintar com o pincel e com a mão a nossa arte, sei lá como fala, é arte, é arte”.

“Eu gostei de fazer bagunça”

“Igual a Abelha disse, eu não gostei muito da aula, por que algumas pessoas pintaram a parede e até minha roupa, aí então eu gostei um pouco, mas gostei da cana, também gostei de pintar com a mão e com o pincel e gostei pintar com o cartaz, foram as melhores coisas que aconteceram na aula”.

“Eu achei a aula legal, divertida, eu gostei de pintar ali no cartaz, ajudar pra fazer a pintura, eu achei legal que o professor fez uma aula mais diferente”.

“A sabe, eu achei bem legal por que a gente trabalhou com a cana, a gente comeu a cana, a gente pegou o bagaço, a casca e fez meio que fez uma figura 3d, pegou um monte de tinta, e ficou bem colorido, bem legal”.

“A aula foi muito legal, a gente fez umas obras de arte, que a gente pegou palha, o negócio da cana e foi muito legal”.

“Então a gente pegou a cana, chupou tal, descascou, senti o cheiro das cascas, depois a gente fez a pintura das músicas que falava sobre cana e o desenho do Portinari, e por causa da chuva, não deu pra fazer a corrida de revezamento”

“É eu achei a aula muito legal, porque mexeu com tinta, chupamos cana e o ruim que deu chuva, que daí a gente não pode brincar das brincadeiras”.

Logo depois dos relatos a professora de sala chegou, pedimos para os alunos cuidarem da nossa obra de arte para na semana que vem registrarmos uma foto todos juntos em frete ao mural, com isso nos despedimos da turma.

Colamos a obra de arte na parede do lado da sala, o professor Gafanhoto havia pedido autorização da utilização do espaço para a coordenação da escola.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA04- DATA: 29/10/2019

Horário: 11h às 11h45

Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 23 (14 meninos e 9 meninas) Ausentes: O professor Gafanhoto não realizou a chamada.

Clima: O dia ensolarado, com bastante calor.

Local: Quadra externa

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis, um aluno estava sem o uniforme da escola.

Observação: Uma menina chamada Iratim participou da aula. Gafanhoto disse que ela era aluna no começo do ano e agora vai retornar.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness, calçava tênis.

Chegada em sala e explicação da aula:

Chegamos na escola às 10h30min, conversamos sobre a aula, fomos na quadra marcar ela com giz para a brincadeira do pique-bandeira e nos deparamos com poças de água, rapidamente pegamos dois rodos com o pessoal da limpeza e começamos a secar. Ela ficou totalmente seca na hora que subimos para a quadra.

Primeira atividade:

Chegamos à sala às 11h, encontramos a turma com o professor substituto Vicunha. Os alunos se encontravam bastante agitados, Numbat e Narval com celulares nas mãos e em pé juntamente com Manjuba que não portava o aparelho. Retomamos a aula passada, anotando no quadro palavras chaves conforme eles iam relatando o que lembravam da aula anterior. Nesse momento foi bem difícil a atenção da turma, pois estavam agitados, pedimos silêncio e que estávamos perdendo tempo para ir na quadra. Anotamos cada palavra e assim retomamos o que foi aprendido e feito na última aula. Logo após começamos explicar a brincadeira do dia, que consistia num pique bandeira, só que ao invés da bandeira teríamos um tênis, para fazer alusão aos escravos libertos, e a corrente para representar os escravos e a prisão. Após a explicação da atividade passamos de mesa em mesa para que cada um ao ver e manipular os objetos que iriam utilizar para a atividade (tênis e a corrente) refletisse e desse uma palavra que tivesse ligação com os conteúdos já ministrados.

Relatos sobre o tênis e a corrente, o significado para cada um relacionando com a aula: (nem todos participaram, não foi obrigatório).

Corrente:

“Representa o sofrimento”.

“Eu penso que a corrente é tipo a vida dos negros do Brasil, da escravidão”.

“Quando eu vejo essa corrente eu lembro dos prisioneiros”.

2 vezes “Escravidão”.

“O quadro do Portinari que falava sobre a escravidão”.**

“Eu acho que a corrente, é os antigos que eram escravizados”.

2 vezes “Essa corrente lembra prisão”.

“A corrente lembra a amizade”

Tênis:

“O sapato representa a amizade de correr e a força de andar muitos quilômetros”.

“Quem tinha tênis tinha mais riqueza, e os escravos não tinham dinheiro para comprar o tênis, daí eles andavam descalços”.

“Me lembro que eles não tinham tênis pra usar, ir para roça. Eles tinham chinelos, mas os chinelos deles eram bem rasgados”.

“Naquela época não tinha tênis e eles andavam descalços”.

“o tênis representa, por que na época deles não tinha sapatos de luxo e eles corriam descalços”.

“o tênis representa, por que na época deles não tinha tênis e andavam descalços”.

“Eles sofriam porque machucavam os pés nas pedras”.

“Lembro que eles tinham que lutar muito para conseguir viver”.
“O tênis pode representar um vaso, um pote, alguma coisa”.
“Representa o chulé”.

Segunda parte:

Robalo, Iguana e Arara pegaram o violão e ficaram ensaiando a música do canavial para fazer uma apresentação. Ficaram de fazer a apresentação na próxima aula. Perto das 11:20 subimos para quadra. Fizemos uma fila, pois estavam muitos agitados. Chegando em quadra pedimos para que fizesse um círculo no centro da quadra para a divisão das equipes, a divisão das equipes foi feita no um, dois, um dois. Devido a agitação da turma e principalmente dos alunos Numbat, Manjuba e Narval. Demoramos para conseguir dividir as equipes. Depois da divisão das equipes, uma equipe escravizava e outra era abolicionista. Nesse momento Numbat diz que não vai participar da aula porque queria escravizar e ele ficou na equipe abolicionista. Já a aluna Iguana ficou na equipe escravocrata e queria ser abolicionista, mas igual continuou na brincadeira, Pardal explicou que iriam inverter as equipes. Antes de começar o professor Gafanhoto buscou coletes para identificação dos alunos, mais cinco minutos para eles conseguirem colocar os coletes, pois tinha uns que não queria, tinha uns que queriam ficar sem camisa, nesse momento Anderson negociou para que pudessem ficar sem a camisa da escola mas com o colete. Depois de ter gastado muito tempo pra organizar a turma, às 11h36min começa a brincadeira. Já de início quase ocorre uma briga, os alunos começam a discutir se congelou ou não congelou. Nesse momento o estagiário Anderson chamou para uma roda no meio, e chamou atenção que estava impossível de dar aula, retomou as regras novamente (eles não prestaram muita atenção nem na sala e na quadra quando falamos as regras). Perto das 11h42min retomamos e deu tempo para fazer mais uma vez, agora com menos briga e respeito às regras. Antes de bater o sinal falamos com a turma que retomará na próxima aula a brincadeira e que iríamos conversar sobre o comportamento da turma perante os professores e a aula de Educação Física.

Observação: O aluno Badejo enfrentou o Numbat e quase saíram as vias de fato.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA05- DATA: 30/10/2019

Horário: 07h45h às 9h15 Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 24 (14 meninos e 10 meninas). Ausentes: Borboleta, Esquilo

Clima: O dia estava ensolarado e com bastante calor.

Local: Quadra externa

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis, um aluno estava sem o uniforme da escola.

Observação:

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness, calçava tênis.

Chegada em sala e explicação da aula:

Chegamos à sala às 7h45min, os alunos estavam calmos comparado as últimas aulas. O professor Gafanhoto ficou conversando com uma mãe no início e depois enquanto o professor Gafanhoto fazia a chamada, o estagiário Anderson escrevia no quadro o roteiro da aula que tínhamos pensado. Segue o roteiro abaixo:

Primeira parte:

Conversa sobre o comportamento da turma, criar regras. Falar sobre o uso do celular e conseguir ficar sentado em seu lugar. Prestar mais atenção na explicação dos professores para que não ocorra dúvidas e perda de tempo para poder brincar mais e se movimentar.

Questão de ser escravocrata ou abolicionista.

Questão do jogo e do adversário.

Sem o outro (adversário) não há jogo, por que roubar?

Ética e respeito tanto em aula quanto na brincadeira ou jogo.

Falar novamente sobre as regras do nosso pique bandeira, e pedir para que tirem todas as dúvidas, para que possamos aproveitar bem o tempo.

Segunda parte:

Subir para a quadra e antes da atividade começar apresentar a música do canavial para os professores. Em seguida fazer o jogo do pique bandeira, com a divisão das equipes, talvez dividir em três equipes, uma ficam de fora, e duas dentro de quadra, após alguns minutos de inserção do jogo a equipe de fora entra e complementam as equipes em quadra, assim não ficando ninguém de fora.

Terceira parte:

Faremos uma roda e vamos verificar se a turma realmente nos escutou e se deu certo a aula. Colocar a questão de ser escravocrata e ser abolicionista.

Primeiro momento:

Fizemos o roteiro devido à agitação da turma e as brigas e conflitos com alunos e regras do jogo. Então colocamos no quadro algumas palavras chaves para nos guiar na aula, assim fizemos combinados com a turma sobre brigas, questão do tempo da nossa aula, respeito ao colega. Retomamos o jogo do pique-bandeira ainda em sala, dando outro nome sugerido pela Cacatua. Falando sobre o jogo construímos as regras em conjunto com todos, escutando e dando sugestões a respeito das regras. Então antes de sair fizemos um combinado, que ia ser registrar uma foto na frente do cartaz, a apresentação da música para os professores e jogar o pique-bandeira. Quando saímos da sala para a foto o aluno Robalo fez questão de pendurar o cartaz que havia caído da parede. Na saída da sala, o Manjuba e o Numbat brigaram, Manjuba deu um “tapinha” na cabeça do Numbat e Numbat revidou tirando um pouco de cabelo do Manjuba, que chorava de dor. Nesse momento o professor Gafanhoto conversou com os dois. Registramos a foto na frente do mural e seguimos para a quadra externa onde seria realizada a aula.

Segunda parte:

Numbat e Manjuba pedem para participar da aula.

Música

Aula

Conversa a turma

Chegamos em quadra perto das 8h30min, e organizamos a turma para fazer a apresentação da música, puxado por Robalo, Arara e Iguana eles começaram a cantar a música e bater palmas, foi muito boa a interação da turma, os que não cantavam batiam palmas criando um ritmo para a música. Foi bastante especial esse momento, pois a ideia partiu completamente deles para realizar a apresentação, então eu (Pardal) e Anderson ficamos animados, pois nosso trabalho está sendo reconhecido. ’

Logo após a apresentação, reunimos a turma no círculo da quadra e começamos a divisão das equipes, tentando equiparar as forças de ambas. Reforçamos o combinado na sala sobre a ética no jogo e sobre as brigas. Antes de iniciar os alunos Manjuba e Numbat se

dirigiram até Pardal e pediram para participar da aula, ele perguntou se estava tudo certo e se já tinham pedido desculpas, eles já haviam se desculpado.

O pique bandeira começou a funcionar, e ao ritmo da música eles brincavam, fizemos pequenas intervenções quando surgiam as dúvidas, mas dessa vez eles estavam bem mais respeitosos em questão das regras, se eram pegos eles paravam e se o professor tomava a decisão se haviam sido pegos ou não, eles também respeitavam. Antes de começar as partidas os alunos ficavam gingando eu (Anderson) inseri alguns desafios de movimentos da capoeira como: fazer Aú (estrelinha em duplas), parada de mãos (bananeira), fazer capoeira com o colega, entre outros. Me chamou (Pardal) atenção o aluno Narval, que não queria praticar a ginga com os demais, peguei ele e fiz dupla com ele, no começo até com uma certa resistência, mas depois ele se animou e começou a gingar comigo.

Notamos que algumas meninas principalmente começaram a deixar a quadra, pois os considerados mais “fortes” estavam se sobressaindo aos considerados “fracos”, notei três meninas de fora. Cabe a nós pensar uma forma de incluir essas meninas para que elas consigam também se movimentar.

Perto das 9h05min encerramos a brincadeira, e os deixamos tomar água e irem para sala para conversar. Chegando à sala, já perto do horário de bater, deixamos alguns alunos falarem sobre a aula.

Devido o tempo da aula ter se encerrado às 9h17min nos despedimos da turma, prometendo retomar o assunto na próxima aula.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA06- DATA: 05/11/2019

Horário: 11h às 11h45

Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 22 (11 meninos e 11 meninas) Ausentes: Badejo, Dingo, Narval, Vagalume.

Clima: Temperatura instável, alunos tranquilos.

Local: Ginásio

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness, calçava tênis.

Chegada em sala e explicação da aula:

11:05 os alunos chegam em sala, se encontravam na sala de ciências, o Estagiário Anderson entra em sala escreveu bom dia e as palavras malandro e malandragem. Niala e Borboleta jogam ponta de lápis uma no cabelo da outra, o professor Gafanhoto chama atenção e elas respondem de maneira mal educada. O estagiário começa falando sobre a obra O morro de 1934 de Portinari, nela há a figura do malandro.

Primeira atividade:

Segunda parte:

Com isso começa a primeira atividade a qual tem por objetivo saber qual a concepção de malandro e malandragem os alunos possuem. Com o gravador do celular em mãos pergunta para os alunos se eles sabem o que é um malandro e as crianças respondem: “uma pessoa malandra e sem vergonha”

“eu acho que é uma pessoa preguiçosa?”

“um cara que fica dando golpe nas pessoas”

“um cara que fuma cigarro e baseado”

“bate nas mulher”

“malandro é aquele que não tem vontade de fazer as coisas”

“malandro é quando faz arte”

“malandro é um cara que é muito arteiro e preguiçoso”

“malandro é a pessoa que não gosta de fazer nada e só quer ficar parado e só quer ficar deitado no sofá assistindo televisão”

“Malandro é uma pessoa que se ele vai pro bar, volta pra casa sem se lembrar de nada e não tem trabalho”

“Só quer ficar nos aplicativo”

“é também é preguiçoso e não gosta de arrumar a casa”

Depois pergunta: O que é Malandragem?

“Quando a pessoa dorme muito, dorme muito, é ai a outra pessoa fala eu acho que isso é muita malandragem”

“é quem quer ultrapassar as pessoas”

“quem não ajuda ninguém e fica só dormindo”

“Não pensa nos outros e pensa só em si mesmo, e não quer fazer as coisas”

“ Malandragem é o que malandro faz”

“eu acho que é a pessoa que não faz nada, fica dormindo”

“Malandragem é que faz muita coisa errada”

“Malandragem é tipo assim, tipo já tá no trabalho falando eita malandragem”

“malandragem é um cara que quebra as leis, um bêbado, que dirige carro bêbado”

Após a atividade pergunta da aula anterior, lembram o que falamos na aula passada de quem usava sapato e de quem andava descalço no período colonial? Os alunos respondem que sim e completam escravo andava descalço e liberto de sapato, o quadro do Portinari o Morro tinha um malandro, na capoeira malandrando é uma pessoa que tem a capacidade de enganar o parceiro no jogo e também pode ser uma pessoa ligada ao samba.

Ao terminar explicou a brincadeira no quadro, “terá uma roda e os dois capoeira malandros jogarão capoeira dentro, o policial fica de fora e ao tocar cavalaria (toque da capoeira) os malandros devem ser protegidos pela camaradagem da roda, o policial tenta entrar para pegar sem usar as mãos e os malandros podem sair da roda quando entrar o policial.

O primeiro capoeira malandro pego vira policial.

11:21 direciona os alunos para o ginásio chegando lá faz uma roda e mostra o berimbau e suas partes, monta o instrumento e toca, fala que este instrumento é um instrumento de resistência e que era fácil de transportar no momento da fuga quando a capoeira era proibida.

Após mostrar o instrumento, canta uma música que fala de malandragem e ensina o refrão:

Malandragem só sai daqui
Quando essa roda acabar
Se o meu mestre disser Iê
Ou se Cavalaria tocar
Capoeira é antiga arte
Foi o negro inventando
Me diga quem é brasileiro
E não tem um pouco de malandro
Malandragem
Oi malandro, é malandro
Capoeira
Oi malandro, é malandro

Na Bahia
Oi malandro, é malandro
Na ladeira
Oi malandro, é malandro
Malandragem
Oi malandro, é malandro
Ê, finge que vai mas não vai
Bicho vem e eu me faço de morto
Mas se a coisa apertar
Pra Deus eu peço socorro
Entro e saio sem me machucar
Subo e desço sem escorregar
Vou louvando o criador da mandinga
O malandro que inventou a ginga
E a malandragem
Oi malandro, é malandro
Capoeira
Oi malandro, é malandro
Na Bahia
Oi malandro, é malandro
Na ladeira
Oi malandro, é malandro
Malandragem
Oi malandro, é malandro
O sol faz o chão esquentar
Calma moça, chuva vem esfriar
Expressão do rosto da menina
Ao saber que essa é a minha sina
Bato forte não devagar
Cuidado quando se levantar
Berimbau já fez sua cantiga
Coração me impulsa pra cima
E a malandragem

Após ensinar a música escolheu-se o policial e quem começaria a jogar, organizou-se a roda .

Começou a atividade, os alunos jogaram exibindo satisfação na roda e os camaradas que estavam na roda também se mostraram atentos com a passagem do policial, realizamos cinco rodadas e o sinal bateu, os alunos mencionaram que gostaram da brincadeira.

Fizemos o grito da capoeira e nos despedimos.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA07- DATA: 06/11/2019

Horário: 07h45h às 9h15

Professor de Educação Física: Gafanhoto

Alunos matriculados: 26 (15 meninos e 11 meninas)

Alunos presentes: 24 (14 meninos e 10 meninas). Ausentes: Iguana, Manjuba.

Clima: O dia estava ensolarado e com bastante calor.

Local: Quadra externa

Vestimenta: usavam o uniforme da escola (camiseta), calça de moletom, shorts, tênis, um aluno estava sem o uniforme da escola.

Caracterização do professor e da aula:

O professor Gafanhoto usava shorts, camiseta tipo fitness, calçava tênis.

Chegada em sala e explicação da aula:

Cheguei às 7h45 juntamente com professor Gafanhoto, ele entrou na sala fez rapidamente a chamada e eu (Anderson) recapitulei sobre a aula anterior, com isso iniciei a explicação do conteúdo do dia, disse que iríamos fazer nossa aula utilizando os movimentos dos quadros de Portinari Cambalhota, 1958, Meninos brincando, 1955, Meninos pulando carniça, 1957, Pulando carniça, 1959, expliquei que nossa atividade se consistia em desafios e eles me pediram para fazer o pega pula cela, eu disse que ao final poderíamos fazer a brincadeira, pedi para que fizessem a fila e nos deslocamos para a quadra externa.

Primeira atividade:

Chegando na quadra pedi para que fizessem um círculo para que eu pudesse explicar a técnica do pula cela e depois daquele momento iremos experimentar o movimento, eles ficaram em roda e com a ajuda de alguns alunos mostrei ao centro algumas possibilidades da brincadeira.

Após a explicação pedi que fossem em duplas ao centro para experimentar a realização da atividade focando na técnica, neste momento algumas meninas que estavam com medo foram e com auxílio conseguiram fazer o movimento.

Ao final conversei com eles sobre os cuidados ao realizar movimentos em duplas para não se machucar e evitar de machucar o colega.

Segunda parte:

Pedi a ajuda do professor Gafanhoto para realizar o movimento e demonstrar a importância da técnica para podermos conseguir pular cada vez mais alto. E superar nossos medos, pedi para que todos sentassem na linha lateral da quadra e não se levantassem enquanto eu não concluísse o salto, mencionei sobre a segurança ao realizar o desafio de saltar.

Após essa parte inicial pedi para que realizassem uma fila para experimentar a técnica e fazer o movimento por cima de mim, já havia explicado antes sobre a importância de uma boa base e de o colega que fica agachado estar com o corpo firme para facilitar a impulsão do outro.

Os alunos se motivaram bastante em realizar o movimento utilizando eu (Anderson) como base, até mesmo as meninas que estavam mais receosas se encorajaram e ficaram muito satisfeitas em ter vencido o medo e fazer o movimento, alguns alunos pediam para aumentar a altura “o sô aumenta um pouco”.

Após este momento pedi para que formassem duplas e do meio da quadra até a trava realizassem em duplas o Pula Carniça.

Depois deste momento nos reunimos no meio novamente e eu mostrei as técnicas para fazer a parada de mãos, parada de cabeça e aú.

Após este momento pedi para que experimentassem a parada de mãos e de cabeça, eles demonstraram satisfação e tentaram a partir do movimento superar cada limite.

Depois de um tempo de brincadeira com o movimentos mostrei o aú e pedi para que ficassem em fila todos aqueles que tinham dificuldades ou não sabiam o movimento, a fila se formou e de um em um fui ajudando a perceberem o corpo, o movimento e a técnica para realizarem, a cada conquista deles percebia uma imensa felicidade.

Por fim realizamos o pega pula carniça, a brincadeira começou com quatro pegadores que deveriam pegar os colegas, que fosse pego ficava na área do gol na posição de base e para salvar o salvador deveria pular por cima, não poderia o pegador entrar na área para pegar e só poderia o salvador salvar um colega por vez, as crianças adoraram a atividade e realizamos quatro rodadas .

Ao final nos reunimos, eu agradei pela aula, realizamos o grito da capoeira e descemos para tomar água, ir ao banheiro e voltar para sala.

CÓDIGO: BSB20192T41RIA08- DATA: 12/11/2019

Reunião pedagógica

Ao chegar à escola às 11h00 me dirigi ao auditório, lá estava acontecendo a reunião pedagógica e no momento que cheguei estava sendo abordado o assunto do passeio ao parque aquático no dia 06/12.

Kudu a coordenadora do fundamental nos anos finais de pé a frente do palco dizia os nomes dos excluídos da lista do passeio ao seu lado estava Nhandaia a diretora da escola e mais a direita um intérprete de línguas de sinais gesticulando e outro sentado.

Os intérpretes trocavam de posições após quarenta minutos, perguntei a uma professora se eles eram do corpo docente da escola e ela me afirmou que não, nos casos de reunião a escola por ter um educador com deficiência recebe designado pelo departamento de educação dois intérpretes para o revezamento no trabalho.

Os critérios de exclusão foram: Alunos que aprontaram durante o ano, que cometem *bullying*, que oprimem os colegas, afrontam os educadores, esses não poderiam ir sob a tutela da escola.

Houve alunos avaliados como impossibilitados devido ao comportamento nas olimpíadas escolares, nesse contexto dos jogos alguns discentes batem nos colegas, desrespeitam os professores e os juízes que estavam contribuindo com a atividade.

Para fortalecer a decisão de exclusão dos alunos mencionaram que um garoto bateu em 30 colegas e uma menina também agrediu vários estudantes porque estes queriam entrar na quadra.

A diretora Nhandaia afirmou que o discurso foi tomado a partir do coletivo e ressaltaram os outros coordenadores que esta é uma posição da escola, levantaram que há um aumento de casos de desrespeito comparado ao ano passado então a escola decidiu “bançar” com o objetivo de ser uma tentativa de frear esse problema.

Nhandaia lembrou a todos os docentes que a fala em direção ao decidido deve ser defendida por todos.

A coordenadora Kudu reafirmou a fala da diretora e disse que o desafio dos professores é “bançar” e não voltar atrás na decisão, e que os critérios valem para as crianças difíceis de confiar e que são perigosos para elas mesmas, e que as tentativas de conversa não surtiram efeito.

Nhandaia mencionou que para os pais a justificativa é que fica impossibilitado de levar alguém que não respeita as regras no dia a dia escolar e por motivo de segurança para a escola e a criança é melhor que o aluno se abstenha do passeio.

A diretora ilustrou falando de um aluno que havia questionado sobre seu impedimento e ela conversou dizendo que “há uma responsabilidade de representação da escola e qualquer atitude mal intencionada pode destruir 20 anos de história.”

Uma das regras levantadas foi que os alunos dos anos finais que vão com acompanhantes familiares não poderão ir no mesmo ônibus de sua turma e terão que realizar o deslocamento com o acompanhante no ônibus onde irão as crianças dos anos iniciais.

Foi relatado por um professor que no ano anterior uma aluna que foi impossibilitada de ir junto com a turma foi levada pelo pai independentemente da desautorização, o familiar mentiu na entrada do parque que sua filha estava com a escola e a deixou lá e voltou para casa, Nhandaia lembrou que ao final no momento da saída todos estavam dentro do ônibus e a menina estava sentada sozinha em cima de uma pedra já estava anoitecendo e o parque estava fechando, Nhandaia preocupada com a menina tentou ligar para os familiares e ninguém atendeu por fim para evitar maiores problemas trouxe a menina no ônibus junto com a turma, após terminar de contar a história a diretora afirmou que neste ano será comentado aos alunos que isso não irá ocorrer novamente e que a escola não se responsabilizará se alguém que não está autorizado ir e não tiver como voltar.

Decisões do coletivo:

Quarto ano 41: não irão os alunos Numbat e Esquilo e sob acompanhamento de um familiar poderão ir Calango, Badejo, Narval e Manjuba.

Sétimos anos: Na 71 um aluno não vai e dois somente acompanhados, na 72 seis não poderiam ir.

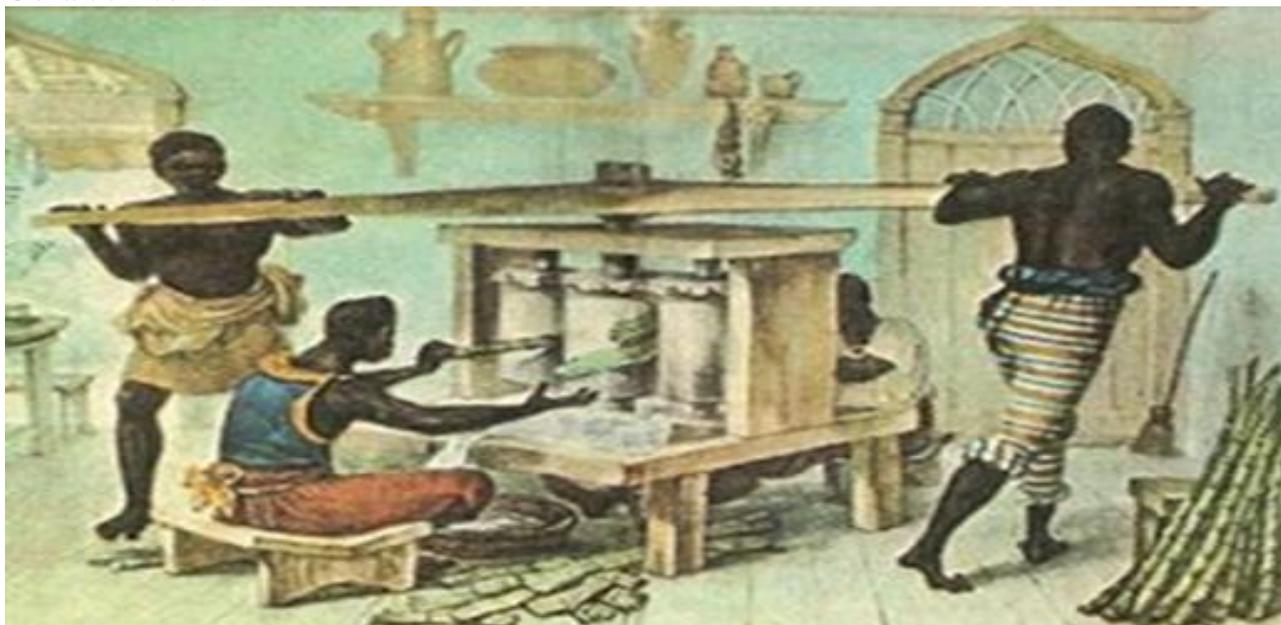
Oitavos anos: 81 um aluno não poderá ir e um só com o acompanhamento do familiar.

Nonos anos: 91 dois alunos não vão, e três sob acompanhamento do familiar sendo um por causa de problemas de saúde.

Às 12h foi encerrado o encontro.

ANEXO D – OBRAS UTILIZADAS NA INTERVENÇÃO

Obra de Debret



Pequena Moenda de Cana-de-Açúcar, 1835

Obras de Cândido Portinari



Morro (1934)



Cana de Açúcar (1938)



Meninos Brincando (1955)



Meninos pulando Carniça (1957)



Cambalhota (1958)



Pulando Carniça (1959)

ANEXO E – MÚSICAS UTILIZADAS NA INTERVENÇÃO

Sinhazinha mandou te falar

Sinhazinha mandou te dizer

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

Eu nascido no tempo sofrido

Só marca da escravidão

Retrato pra sempre cravada

Dentro do meu coração

Meu senhor mandou um recado

Eu não posso me esquecer

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

A cana que adoça sua vida

Já fez o meu povo sofrer

Herança foi só sofrimento

No tronco o nego morreu

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

No tronco só dia chibata

Fugir era um erro mortal

Era essa a vida do negro

No tempo do canavial

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

Tem cana pra cortar

Tem cana pra moer

"Tem cana pra cortar"

Mestra Iúna Grupo Candeias de Capoeira

Ê canaviá, ê canavieiro

Olha canaviá

Ê canaviá, ê canavieiro

Ê canaviá, canavieiro, canavieiro,

corta cana, corta cana

Ê canaviá, canavieiro, canavieiro,

corta cana, corta cana

Era escravos africanos,

trazidos de navio

Mas escravo atual

é de todo canto do Brasil

O escravo do passado

trabalhava até morrer

E o escravo de hoje em dia,

peleja pra sobreviver

Deixou família,
deixou saudade
se vai voltar
é só mesmo Deus quem sabe

Que vida é essa,
não pode ser uma sina
Sofrer no canavial
e enricando a usina

Faça chuva ou faça sol,
não tem hora pra parar
Se a morena do cabelo verde,
Maria Bonita tem que cortar

Que colheita amarga,
caiana não tem sabor
Se pensar que teve fim
a escravidão não acabou.

"Ê canaviá, ê canavieiro"

Maria Bonita (possível), Oficina da Capoeira

Malandragem só sai daqui
Quando essa roda acabar
Se o meu mestre disser Iê
Ou se Cavalaria tocar
Capoeira é antiga arte
Foi o negro inventando
Me diga quem é brasileiro
E não tem um pouco de malandro
Malandragem
Oi malandro, é malandro

Capoeira
Oi malandro, é malandro
Na Bahia
Oi malandro, é malandro
Na ladeira
Oi malandro, é malandro
Malandragem
Oi malandro, é malandro
Ê, finge que vai mas não vai
Bicho vem e eu me faço de morto
Mas se a coisa apertar
Pra Deus eu peço socorro
Entro e saio sem me machucar
Subo e desço sem escorregar
Vou louvando o criador da mandinga
O malandro que inventou a ginga
E a malandragem
Oi malandro, é malandro
Capoeira
Oi malandro, é malandro
Na Bahia
Oi malandro, é malandro
Na ladeira
Oi malandro, é malandro
Malandragem
Oi malandro, é malandro
O sol faz o chão esquentar
Calma moça, chuva vem esfriar
Expressão do rosto da menina
Ao saber que essa é a minha sina
Bato forte não devagar
Cuidado quando se levantar
Berimbau já fez sua cantiga

Coração me impulsa pra cima

E a malandragem

“Malandragem”

Professor Capu